

UNQUIET



NORUEGA · CUBA · GALÁPAGOS · TUNÍSIA

Pontos,
salas VIP
e conta
em dólar
e euro



Baixe o app
e abra
sua conta

c6 BANK
uma sociedade com
JPMorganChase



ALL NEW **OUTLANDER**

O HÍBRIDO CARREGADO DE LUXO

DEACELERE. SEU BEM MAIOR É A VIDA.
IBAMA
IBAMA
IBAMA
IBAMA

AFRICA CREATIVE/™



INTERIOR LUXUOSO

MULTIMÍDIA COM SISTEMA
DE SOM BOSE

7 LUGARES COM AMPLO
ESPAÇO INTERNO

TRAÇÃO 4X4 ELÉTRICA
COM 7 MODOS DE CONDUÇÃO

Com o novo Outlander, o Híbrido Plug-In da Mitsubishi, o destino não importa, mas o caminho define. Define o ritmo da viagem, o conforto entre uma parada e outra, a liberdade de escolher a melhor rota. Define o silêncio que permite ouvir a paisagem e o espaço para levar mais do que malas. Mas levar história, pessoas, tempo de qualidade. Com o novo Outlander, cada trajeto se torna parte essencial da experiência.

Conheça.

www.outlander.com.br

4X4
É MITSUBISHI

MITSUBISHI
MOTORS

Sumário

016	360º – Hotéis para todas as estações e ocasiões
034	48 Horas – Endereços para desvendar Roma como você nunca viu
038	Sustentabilidade – Um refúgio do bem em meio à floresta tropical do Equador
042	Festivais – C6 Fest: uma viagem musical por todos os ritmos
046	Biblioteca – O eclético mundo literário de Ana Carolina Raimundi
048	Check-in – Produtos para uma mala funcional e em dia com a sustentabilidade
050	Brasil – A descoberta de um Brasil profundo no Cariri paraibano
062	Cultura – Um mosaico cultural, a Tunísia é destino de história, cores e sabores
074	Arte – As mil faces da arte contemporânea africana no Zeitz MOCAA
086	Esporte – De bike pela deslumbrante Costa Oeste da Califórnia
094	Bem-estar – SHA México: um reduto para reprogramar o corpo e a mente
102	Proudly – Os desafios de viajantes gays ao visitar países muçulmanos
108	Ensaio – A fotografia ambiental como uma ferramenta para manter o planeta
116	Gastronomia – Bela Gil se rende e se emociona com a cozinha de Havana
124	Aventura – Em busca da aurora boreal em uma remota ilha da Noruega
134	Natureza – Galápagos: onde Darwin desenvolveu a teoria da evolução
144	Crônica – Marina Lima revisita um doce início de verão em Londres
146	Inspiradores – Charles Darwin, o homem que entendeu a natureza



**BMW
MOTORRAD**

**BMW
R 1300 GS**

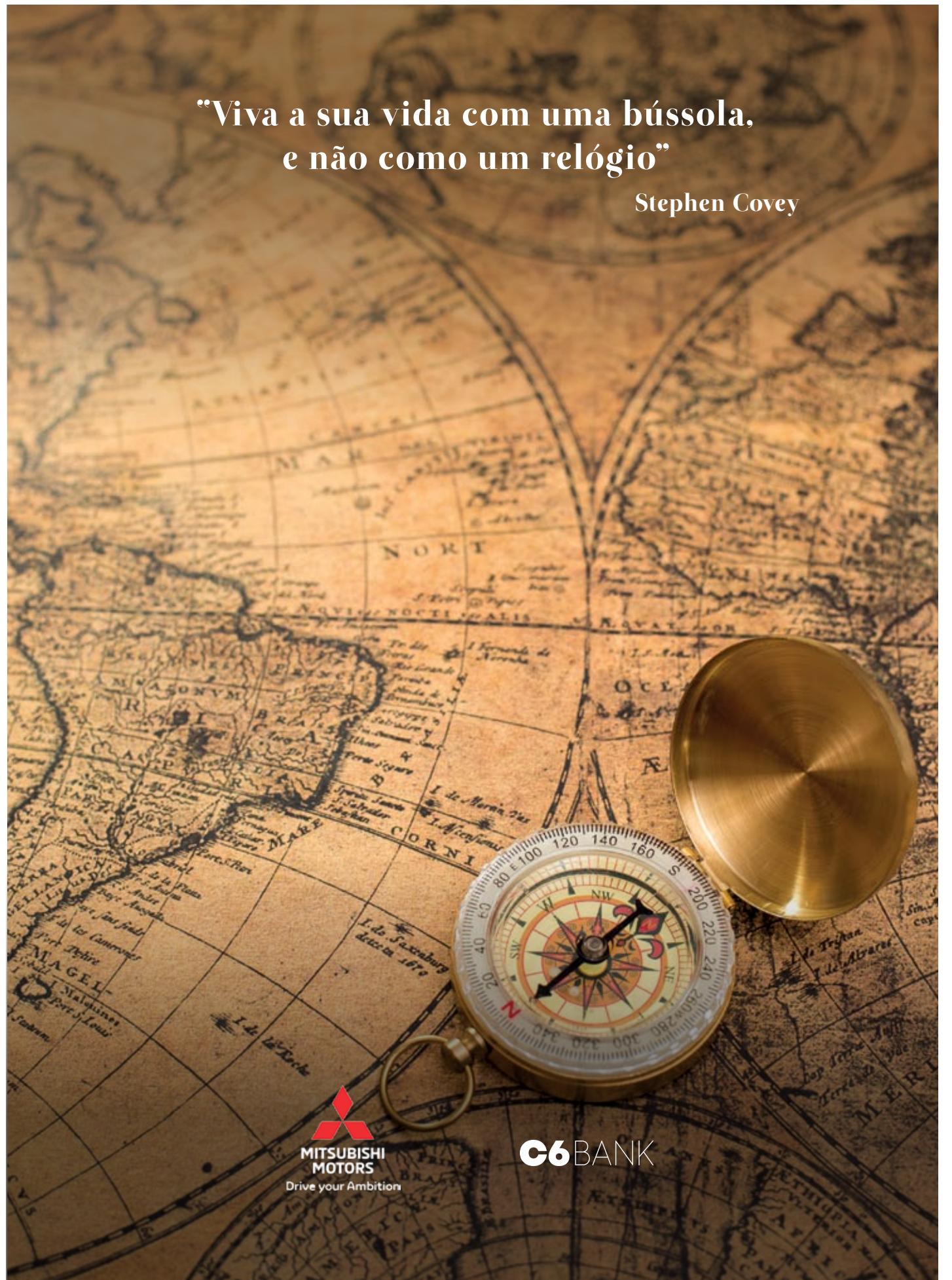
A MAIS PREMIADA DO ANO
145 CAVALOS DE POTÊNCIA
TORQUE DE 149 NM @ RPM

AGENDE SEU TEST RIDE
BMW-MOTORRAD.COM.BR

MAKE LIFE A RIDE

**“Viva a sua vida com uma bússola,
e não como um relógio”**

Stephen Covey



UNQUIET
Movement is life



Editorial

As viagens de imersão na natureza, em que sentimos a potência e a energia que nos envolvem, são o grande destaque desta edição. Elas nos fazem muito bem e nos reconectam com o nosso eu interior. Um dos destinos que proporcionam essas experiências únicas é a Noruega, para onde viajamos a fim de contemplar a aurora boreal, com seus incríveis tons de verde, azul e rosa.

Em seguida, partimos para uma aventura inesquecível nas Ilhas Galápagos, Equador, o berço da teoria da evolução de Charles Darwin. Mergulhar na água mais cristalina que já vi, rodeada por leões-marinhos, tartarugas e centenas de peixes, foi uma verdadeira meditação em movimento. Nossos dias se completavam com trekkings por ilhas desabitadas, cujas paisagens selvagens nos deixaram em êxtase e conectados com o momento — o verdadeiro luxo desse nosso tempo.

Para os amantes de arte, visitamos o Zeitz MOCAA, na Cidade do Cabo, África do Sul, que abriga a maior coleção de arte contemporânea africana do mundo. Um deleite para os olhos e para a alma. Na Tunísia, retornamos séculos no tempo, ao explorar sua história milenar e conhecer um povo gentil e orgulhoso de sua cultura, em uma aula de história a céu aberto.

Em Havana, Cuba, mergulhamos na gastronomia local e nos mercados de rua e nos deixamos levar pelos ritmos contagiantes de sua gente, sempre alegre e acolhedora. E cientes da importância de cuidar da mente e do corpo, passamos alguns dias em uma clínica de bem-estar no México, submetendo-nos a terapias voltadas ao equilíbrio físico, emocional e mental.

Na Califórnia, pedalamos pela deslumbrante costa do Pacífico, com paradas em vinícolas charmosas para degustar rótulos premiados. Já no Brasil, fomos ao Cariri, no sertão nordestino, para conhecer as ricas tradições locais e um povo criativo, cuja fé e força nos inspiram em cada peça de artesanato.

Nesta edição, celebramos o Mês do Orgulho com uma matéria especial para o público LGBTQ+, desmistificando destinos fora do circuito convencional por meio dos relatos de viajantes que exploraram essas rotas.

Que cada uma dessas experiências transforme você de dentro para fora!

Boa viagem e boa leitura!

Stay alive.
Be UNQUIET



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

DICAS DIÁRIAS:



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de branded content para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.

C6 Conta Global

Câmbio 24/7
em dólar e euro,
menos tarifas
e aceito no
mundo todo



Baixe o app
e abra
sua conta

c6 BANK

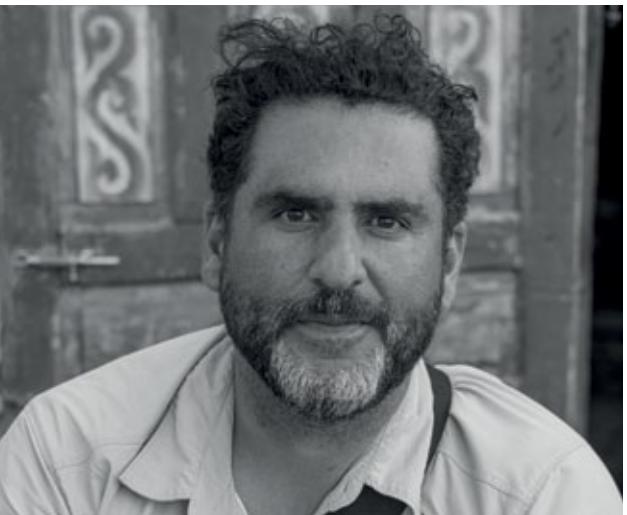
uma sociedade com
JPMorganChase



Colaboradores



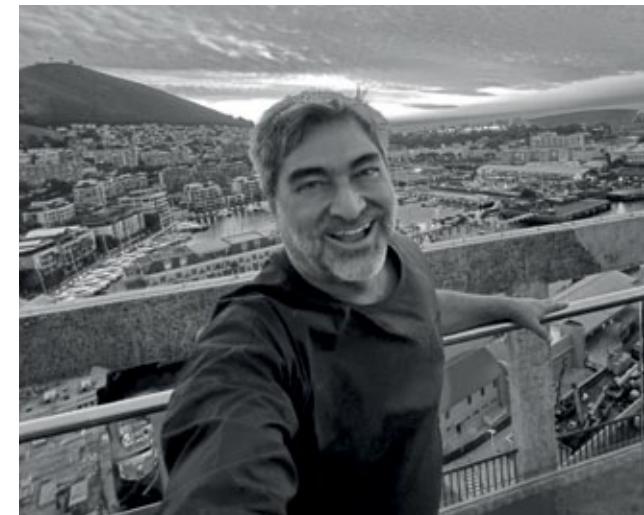
Bela Gil é chef de cozinha formada em nutrição, apresentadora de TV e escritora. Fundadora do instituto de educação alimentar Comida e Cultura, Bela conta com oito livros publicados e está à frente do restaurante Camélia Ododo, em São Paulo. Atualmente está no elenco de apresentadoras do programa *Saia Justa*, no canal GNT. A convite da UNQUIET, viajou a Havana para conhecer os sabores da capital cubana e registrar sua experiência na matéria de Gastronomia.



Fotojornalista e documentarista, **João Marcos Rosa** se define como um contador de histórias visuais focadas no meio ambiente. É membro da International League of Conservation Photographers (ILCP), publicou centenas de reportagens em revistas nacionais e internacionais do segmento, é autor de vários livros e foi laureado com prêmios como fotógrafo de natureza. Um dos sócios da produtora Nitro Histórias Visuais, viaja o mundo registrando a fauna e a flora dos mais diversos biomas.



Viajante inquieto por natureza, o jornalista **Shoichi Iwashita** divide sua rotina entre a simplicidade da vida à beira-mar, numa praia deserta do sul da Bahia, e viagens repletas de aventura, glamour e sofisticação. Idealizador do site de viagens simonde.com.br, Shoichi aproveita suas jornadas mundo afora para desbravar também a cena LGBTQIAPN+ dos destinos que visita, sempre com um olhar sofisticado. Ele assina a matéria especial de Proudly, no mês do Orgulho.



Zeca Camargo vive de viver o mundo e mostrá-lo a seus espectadores e leitores. Apresentador, escritor e jornalista, ele mantém uma incansável alma de viajante, que o levou a 114 países, e adora revisitar seus lugares favoritos, entre eles Turquia, Portugal, França e Tailândia – e agora também a África do Sul. Amante de novas culturas e de expressões artísticas originais, encontrou no Zeitz MOCAA, no país africano, a inspiração para a matéria de Arte desta edição.



Jornalista desde 2004, **Ana Carolina Raimundi** foi âncora da GloboNews e repórter de telejornais diários da TV Globo. Desde 2017, é repórter especial do *Fantástico*. Com larga experiência internacional, já entrevistou grandes personalidades da música e do cinema, incluindo nomes como Paul McCartney e Tom Cruise. Acaba de receber o prêmio MOL de jornalismo para a solidariedade, com uma reportagem especial sobre cuidados paliativos. Neste número, Ana nos leva ao seu universo literário, na seção Biblioteca.



Ícone da música brasileira, **Marina Lima** é cantora, compositora e arranjadora. Ela coleciona 23 álbuns, desde 1979, com influências que passam por pop, rock, blues, bossa nova e eletrônico, incluindo grandes sucessos, como *Fullgás* e *Uma Noite e Meia*, entre as quase 200 músicas que gravou. Em sua trajetória, teve como maior parceiro de composição o irmão, o poeta e filósofo Antonio Cicero (1945-2024). Com o show *Rota 69*, Marina comemora 69 anos de vida e nos brinda com a Crônica, sobre um doce verão em Londres.



Fotógrafo com quase 25 anos de estrada, **Gustavo Zylbersztajn** já passeou por diversos nichos do segmento da fotografia, o que o inspira a buscar constantemente novos desafios. Com uma carreira consolidada entre celebridades, revistas de moda, publicidade e trabalhos autorais, ele tem como seu legado o desejo de seguir descobrindo novos formatos e novos horizontes, sempre indo além em ideias e destinos. Nesta edição, registrou a aurora boreal para a matéria de Aventura.



Cada vez mais apaixonada por lugares remotos e autênticos, **Carolina Sagesser Rodrigues** achou na escrita uma forma de comunicar sua visão sobre as viagens e colocar sua essência no mundo. Mais do que relatar jornadas, Carolina gosta de dedicar suas matérias às experiências que tocam a alma. Nesta edição, ela inaugura a editoria especial Natureza com uma reportagem sobre o remoto Arquipélago de Galápagos, além de assinar, juntamente com a jornalista Naiara Wagner, a seção Aventura.



CAMINHOS DE SAL E SILENCIO

No Atacama, uma jornada por trilhas ancestrais, paisagens surreais e experiências que transcendem o tempo

POR LUCIANA LANCELLOTTI

O deserto mais árido do mundo se estende por 105 mil quilômetros quadrados de sal, pedra e mistério no norte do Chile, abrigando paisagens que parecem esculpidas por mãos invisíveis. No coração dessa imensidão, o Salar de Atacama reflete o céu em sua superfície cravejada de cristais, rivalizando com o Uyuni, na Bolívia. Ao amanhecer, os Gêiseres de El Tatio (4.320 m) despertam com colunas de vapor, como se a Terra respirasse fundo, em um ecossistema frágil e extraordinário.

Dirigir nesse cenário estonteante vai além de viajar: é um pacto com o desconhecido. A Rota B-245, que liga San Pedro de Atacama — o centro da região — aos gêiseres, foi parcialmente pavimentada, mas o deserto testa os visitantes. Veículos 4x4 com pneus resistentes, tração nas quatro rodas e kits de emergência são essenciais. Um erro no combustível ou o GPS sem sinal podem transformar o épico em perrengue.

Mesmo com o 5G instável entre montanhas, é sábio salvar mapas offline. O Atacama prefere coordenadas humanas: intuição, paciência e olhar atento ao horizonte. No volante, menos velocidade e mais contemplação, pois há algo sagrado na lentidão do terreno. Parar para observar uma vicunha ou silenciar diante de uma duna cor-de-rosa ao pôr do sol pode ser o verdadeiro ponto alto.

RITUAIS DE SABOR

San Pedro de Atacama fica a cerca de 1h20 de carro do Aeroporto de Calama. Suas ruas, hoje calçadas com pedras, abrigam um centro de visitantes, onde arte ancestral e wi-fi coexistem sem conflito. Para alimentar o corpo e a alma, saiba que os restaurantes lotam logo após as 20h30, quando boa parte dos viajantes retorna das trilhas. O café Adobe, próximo à Plaza de Armas, é célebre e serve a quinoa negra como uma poesia no prato. No Rincón de Sal, pizzas artesanais, temperadas com sal do deserto, e ham-

Acima o Mitsubishi All New Triton, trilha no deserto e uma das lagunas do Atacama. Na página ao lado, a presença do Vulcão Licancabur domina a paisagem

FOTOS:ISTOCK E DIVULGAÇÃO

búrgueres suculentos encontram a companhia perfeita em cervejas locais. Logo adiante, o Restaurante Bar Agua Loca, no Hotel Don Raúl, acolhe com sua cozinha de fusão andina e internacional, servindo coquetéis à base de ingredientes frescos do altiplano. Quem busca um lanche leve pode visitar o Emporio Andino, com sucos naturais, tortas caseiras e sanduíches artesanais. Já o Ckunza Tilar encanta pelo ceviche de salmão com abacate e por sucos prensados na hora, servidos em um espaço minimalista e aconchegante.

Os refúgios do Atacama se renovam como um oásis de inovação e respeito ao entorno. No Our Habitas Atacama, inaugurado em 2023, 51 quartos, inspirados na paisagem lunar, abrigam viajantes em programas de bem-estar e cultura local. A NOI Casa Atacama também foi repaginada: nas 45 suítes, o artesanato andino dialoga com linhas contemporâneas — piscina ao ar livre, spa e um restaurante que celebra os sabores do deserto completam a experiência. O Explora Lodge, com 50 suítes, propõe expedições guiadas, spa com terapias baseadas em tradições locais e arquitetura minimalista, que respeita a imensidão salina. Já o Nayara Alto Atacama, com 42 suítes e pátios reservados, equilibra luxo e tecnologia, com observação astronômica, spa com ingredientes nativos e uma cozinha que reinventa pratos ancestrais. E o Tierra Atacama, que passou por uma renovação milionária, de 11 meses, voltou a receber hóspedes neste ano, com 28 suítes — algumas com piscinas privativas —, adega esculpida em pedra e spa redesenhado por artesãos locais.

CAMINHE DEVAGAR

O básico? Reserve com meses de antecedência, pois o Atacama não é mais segredo. E vale lembrar que, nesse imenso território, a altitude ainda prega peças. Por isso, modere o consumo de álcool, caminhe devagar e tome bastante água. E atenção aos flamingos: aproximar-se demais deles pode custar uma multa salgada.

À noite, quando o termômetro mergulha, abrace camadas de roupa como quem se reconcilia consigo mesmo — o Atacama não perdoa pressa nem distração. E nem se contenta em ser visitado. Exige ser sentido. Quando você parte, leva algo que não cabe na mala: uma saudade mineral, silenciosa, que só desaparece com a promessa de voltar. ↗

360°

Um resort naturalmente charmoso em Seychelles, uma casa de praia no Preá, elegância atemporal em Amsterdã, um palácio muito feminino em Paris, o novo refúgio de neve e natureza de Montana, um templo de paz e wellness em Bangkok, um hotel com o DNA de Madagascar e a elegância grega na discreta Ilha de Folegandros

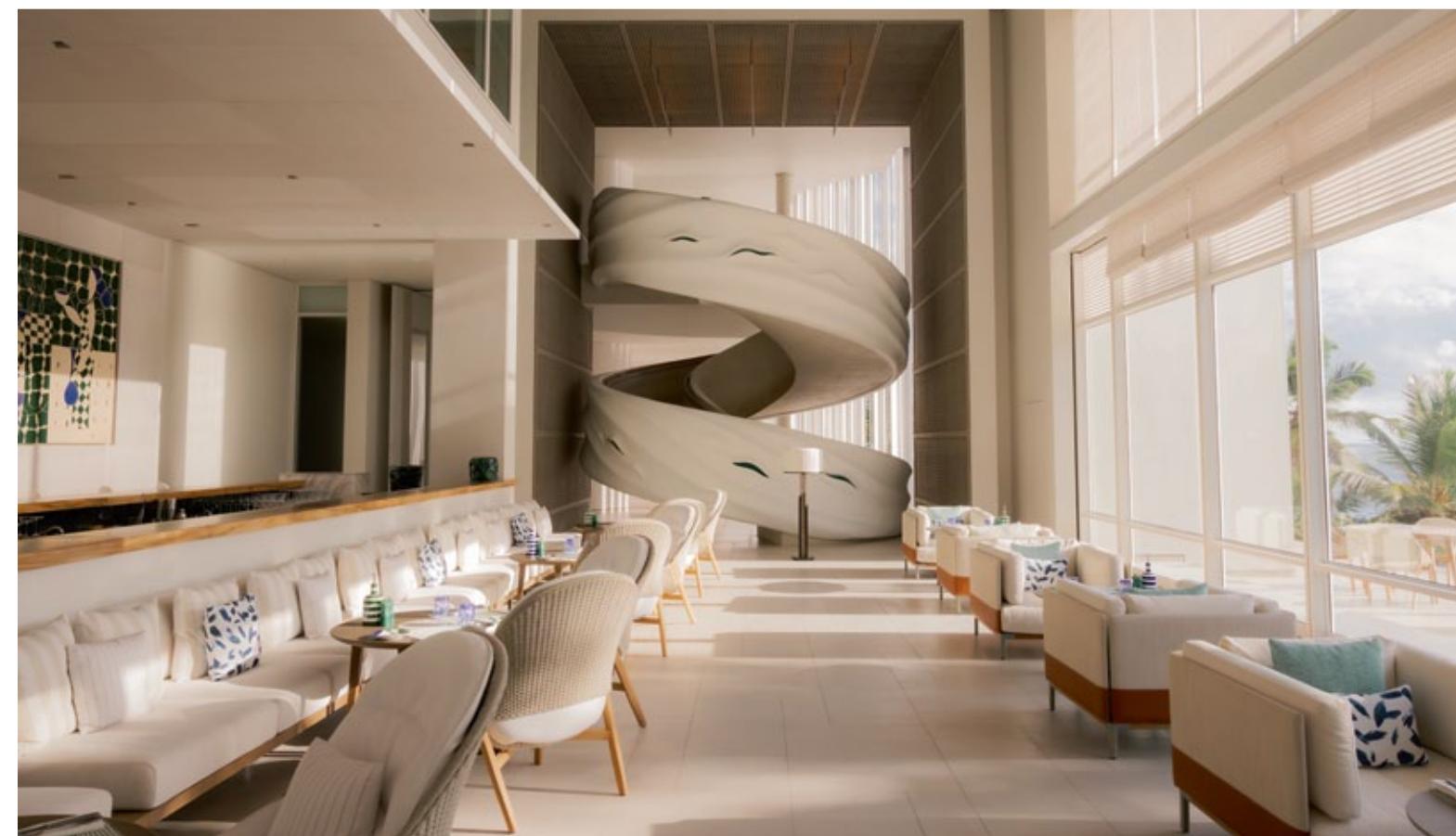
POR NATHALIA HEIN



CHEVAL BLANC SEYCHELLES

A tranquilidade, o caráter exclusivo, a natureza abundante e praias cristalinas banhadas pelo Oceano Índico. O cenário das idílicas Ilhas Seychelles não poderia ser mais convidativo para um hotel que pretende fascinar seus hóspedes com elegância, serviços de alto padrão e práticas de total apreço ao meio ambiente. De propriedade da holding de luxo LVMH, o grupo hoteleiro Cheval Blanc acaba de aterrissar em Mahé, a maior ilha do país africano, e um dos destinos mais sofisticados do mundo. Sexta unidade da marca, o novo Cheval Blanc Seychelles foi construído tendo o mar como o panorama central. São 52 vilas distribuídas pela praia, no melhor estilo pé na areia, e outras 28 espalhadas pelas colinas ao redor. Todas contam com amplas piscinas privativas e os tradicionais serviços de mordomo 24 horas. A ideia do projeto, assinado por Jean-Michel Gathy, responsável também pela unidade das Maldivas, prevê o aproveitamento máximo do naturalismo tropical, em sintonia com o modernismo. Um dos exemplos dessa inspiração é a peça da artista francesa Prune Nelly, que se mistura às árvores na entrada do hotel, e obras do artista madagascarense Joël Andrinomearisoa criadas especialmente para decorar as vilas e um dos restaurantes (ao todo são seis espaços gastronômicos, incluindo um de cozinha fusion de culinária local, um italiano e um japonês). Além das atividades aquáticas e náuticas, há voos de helicóptero, um spa Guerlain e a exploração da fauna e da flora do arquipélago.

chevalblanc.com

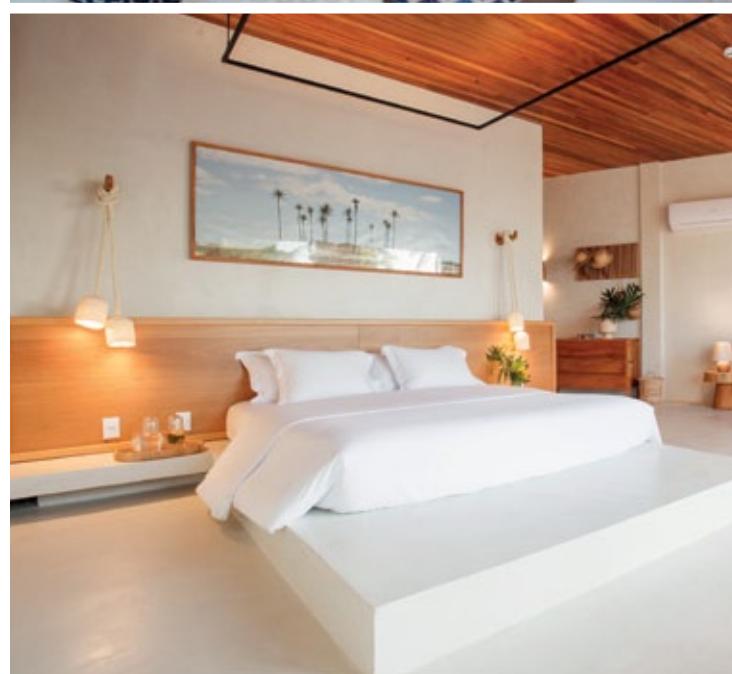




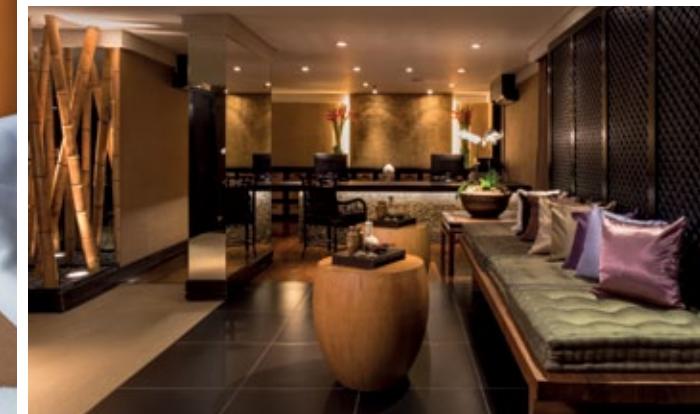
CASA SIARÁ

O simples que encanta. Nem luxo nem ostentação. O protagonismo na Casa Siará é da natureza exuberante do litoral cearense. Concebida como uma casa destinada a receber entusiastas do kitesurfe, já que a região do Preá é um dos melhores pontos para o esporte na costa brasileira, a propriedade é convite a um estilo de vida despreocupado e, ao mesmo tempo, cheio de confortos e boas surpresas. Trata-se de uma das melhores *guarderías* de materiais de kite da região, além de contar com a assinatura da marca alemã Duotone, a maior fabricante de equipamentos do esporte do mundo, com a possibilidade de troca de aparelhos todos os dias, de acordo com o vento. O empreendimento, cuja sede teve sua arquitetura inspirada pelo desenho de escamas de peixes, conta com casa principal, que compreende oito suítes (todas com varandas privativas, voltadas para o mar), área gourmet, adega, academia, spa, quadra de beach tênis e piscina de borda infinita com vista para o mar, de onde é possível apreciar a dança dos kites ao longe, no oceano. Há ainda vilas, ideais para receber grupos, que fazem as vezes de “casas de praia” com serviços de hotelaria. Em todos os ambientes, cores claras, referências a elementos locais, como a palha de carnaúba, e artesanato regional. A gastronomia, assinada pelo renomado chef Lucas Figueiredo, lança mão de ingredientes locais para reinterpretar receitas nordestinas e clássicos da alta gastronomia. Para os iniciantes, estão disponíveis aulas diárias e equipe de apoio no mar para cruzar o litoral velejando sem sustos.

casasiara.com.br



UNQUIET APRESENTA



Refúgio Urbano

O Anantara Spa, do Tivoli Mofarrej São Paulo, oferece tratamentos exclusivos com benefícios holísticos da tradição tailandesa

Localizado no Jardins, o Tivoli Mofarrej São Paulo é a escolha certa para vivenciar o melhor da cidade. Membro da The Leading Hotels of the World, a seleta lista dos melhores hotéis do mundo, o Tivoli Mofarrej transforma a estadia de seus hóspedes em experiências únicas, seja para viajantes ou paulistanos.

O hotel ainda apresenta o Anantara Spa São Paulo, eleita a melhor marca de Spas do mundo pelo World Spa Awards 2017, o Anantara Spa combina a sabedoria milenar com as inovações da ciência, proporcionando uma jornada completa de bem-estar, saúde e beleza.

O Ritual Shirodhara é um dos destaques, cujos benefícios da tradição Ayurvédica são perfeitos para a restauração do bem-estar físico, mental, energético e emocional. O Anantara Spa também oferece massagens corporais exclusivas e tratamentos faciais personalizados em parceria com a FOREO.

Desconecte-se do mundo exterior e relaxe em um paraíso para os sentidos, no Anantara Spa. ↗

tivolihotels.com



ROAD GLIDE™ 2025



DEMONSTRE SUA FORÇA



MOTOR V-TWIN
MILWAUKEE-EIGHT™ 117



PAINEL TFT DE 12,3" SENSÍVEL
AO TOQUE E ACESSO AOS
MODOS DE PILOTAGEM



BANCO CONFORTÁVEL
E ALFORGES LATERAIS



ABS E CONTROLE DE TRAÇÃO
OTIMIZADOS E ASSISTENTE
DE PARTIDA EM RAMPA



DESEJARE, SEU BEM MAIOR É A VIDA.

Imagens meramente ilustrativas. Os veículos apresentados poderão variar visualmente e diferir dos veículos fabricados e entregues. A disponibilidade pode variar conforme o mercado.



ROSEWOOD AMSTERDAM

Às margens do Prinsengracht, onde a história de Amsterdã se perde entre canais e pontes, o Rosewood Amsterdam chega à cidade como uma lufada de modernidade, ao transformar o antigo Palácio da Justiça em um refúgio de luxo consciente. Concebido pelo estúdio Piet Boon, cada detalhe homenageia a herança holandesa: cabeceiras que lembram togas judiciais, corredores que serpenteiam entre pátios ajardinados por Piet Oudolf e uma paleta de cores que reflete os céus mutáveis da cidade. A sustentabilidade pulsa em cada gesto: da eliminação de plásticos descartáveis à parceria com artesãos locais, o hotel respeita e celebra seu entorno. Na gastronomia, o restaurante Eeuwen, sob o comando do chef David Ordóñez, oferece pratos sazonais que exaltam os sabores locais. O bar Advocatuur, com seu jenever destilado ali mesmo, convida a brindes que entrelaçam tradição e inovação. Mais que uma hospedagem, o Rosewood Amsterdam é uma ode à elegância atemporal, em que passado e presente dançam em harmonia, oferecendo aos viajantes uma experiência que é ao mesmo tempo abrigo e descoberta.

rosewoodhotels.com

UNQUIET APRESENTA

EMERALD
CRUISES



A experiência Emerald Cruises

A Emerald Cruises inaugura uma nova geração de iates e navios fluviais de alto padrão

Viarjar de forma intimista, a bordo de embarcações elegantes, é a proposta da Emerald Cruises, uma companhia do Grupo Scenic que vem expandindo sua frota nos segmentos de cruzeiros fluviais e marítimos de alto padrão. Recentemente a marca anunciou a chegada do *Emerald Lumi*, que navegará pelo Rio Sena a partir de 2027. Com capacidade para apenas 110 hóspedes, o navio terá suítes com varandas, piscina coberta com teto retrátil e um cinema a bordo, todos espaços desenhados para valorizar a vista e a experiência de navegar entre Paris e a Normandia.

No mar, a Emerald Cruises também reforça sua proposta de iates exclusivos, embarcações com design contemporâneo, marina privativa para esportes aquáticos e amplos espaços ao ar livre. Projetados para navegar por rotas menos exploradas e acessar portos menores, esses iates cruzam mares como Mediterrâneo, Caribe e Índico e regiões do Oriente Médio. Além dos já consagrados *Emerald Azzurra* e *Emerald Sakara*, ambos com a capacidade

máxima de 100 passageiros, a companhia confirma a construção de três novos iates: *Emerald Kaia*, *Emerald Xara* e *Emerald Raiya*, que acomodarão até 128 hóspedes, cada um, mantendo a proposta de viagens sofisticadas e exclusivas.

“Esses lançamentos reforçam uma tendência muito clara no turismo: o desejo por experiências mais personalizadas, destinos menos óbvios e embarcações onde o serviço e a exclusividade sejam prioridades”, afirma Ricardo Alves, diretor-geral da Velle Representações, representante exclusiva da marca no Brasil. “A Emerald consegue unir design, conforto e itinerários surpreendentes, oferecendo viagens que são, de fato, memoráveis.”

Mais do que transporte, viva uma experiência de viagem marcada pelo ritmo desacelerado, pela atenção aos detalhes e por paisagens que se revelam a cada milha. ↗

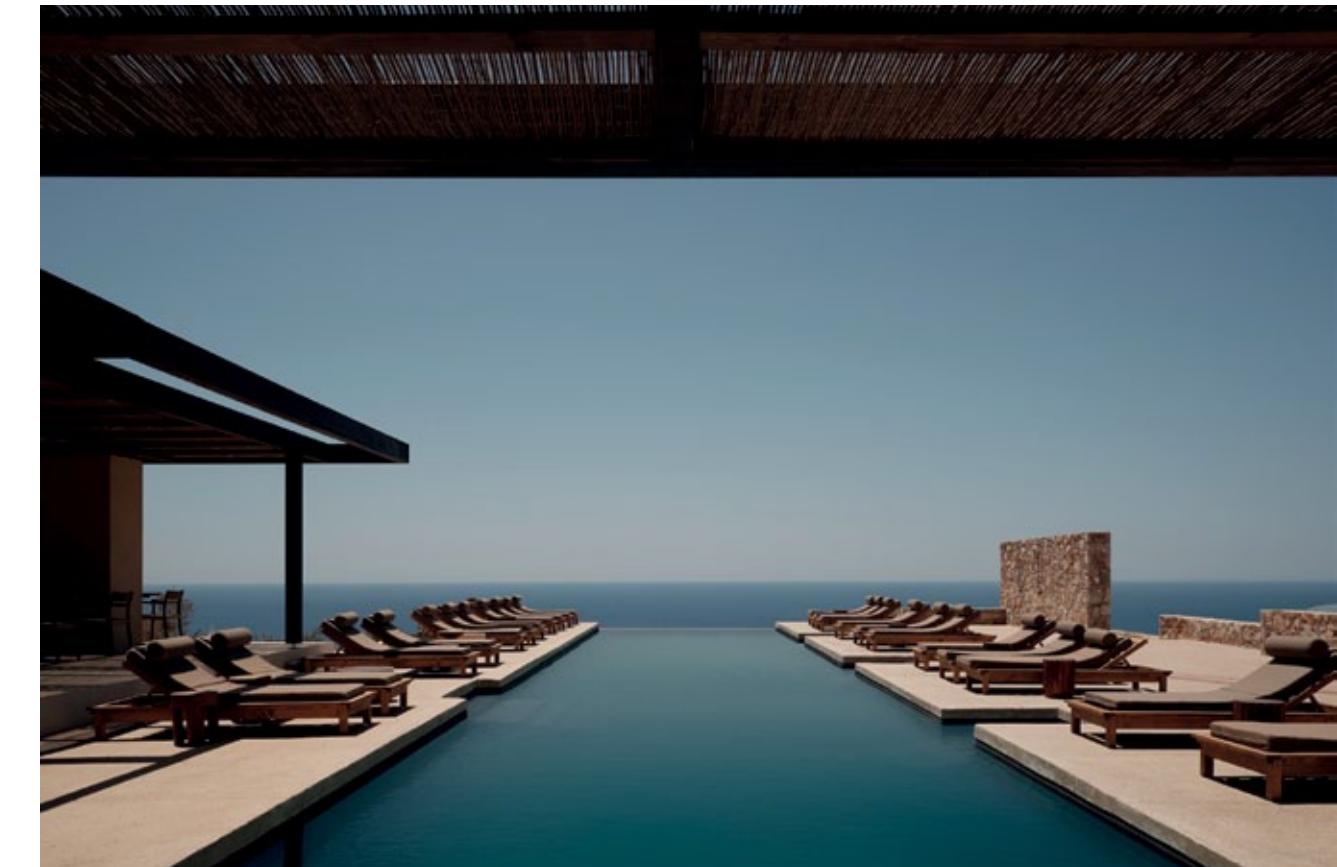
Informações e reservas Velle Representações:
info@velle.tur.br | emeraldcruises.com



MAISON BARRIÈRE VENDÔME

Entre a Place Vendôme e os Jardins des Tuileries, o novíssimo e intimista refúgio do grupo Barrière é o que se pode chamar de um *petit palais* cheio de personalidade. Instalado em uma mansão totalmente revitalizada, o projeto é uma homenagem à feminilidade e ao artesanato francês, invocando grandes personalidades femininas da história e provocando nos hóspedes a sensação de percorrer os ambientes de uma galeria de arte. São apenas 26 acomodações, concebidas pelo arquiteto Daniel Jibert, que escolheu 27 mulheres visionárias e *avant-garde* para homenagear cada uma delas, a exemplo da escritora George Sand, da atriz Sarah Bernhardt e da artista Frida Kahlo, cujo nome batiza o bar do hotel. O universo delas é trazido em forma de decoração, arte e poesia, em cores vibrantes, peças atemporais e tecidos exuberantes. A proposta de uma experiência intimista é arrematada no jardim secreto do hotel, ideal para desfrutar um drinque do bar, e em um futuro spa, que ficará instalado nas adegas históricas da casa.

hotelsbarriere.com



GUNDARI

No topo das falésias de Folegandros, a ilha mais serena das Cíclades, o Gundari pretende surpreender seus hóspedes com um estilo de receber que evoca as melhores referências gregas – e muita sofisticação. Com apenas 27 suítes e vilas bioarquitetônicas (muitas delas subterrâneas), que contam com piscinas aquecidas e vistas infinitas do Mar Egeu, o *resort* se integra à paisagem árida com elegância e simplicidade. O design, assinado pelo estúdio ateniense Block722, privilegia materiais naturais, como a pedra calcária, e tons terrosos, criando uma estética que respeita a essência da ilha e faz do hotel um destino por si só: habitada por apenas 700 pessoas, Folegandros é acessada apenas por *ferries* e mantém o *slow-living* como conceito fundamental. O chef Lefteris Lazarou, o primeiro grego a receber uma estrela *Michelin*, comanda a gastronomia e se vale de ingredientes da própria horta orgânica do hotel para levar à mesa receitas típicas. No spa subterrâneo, rituais ancestrais, banhos e tratamentos com ervas locais. Comprometido com medidas sustentáveis, que também visam manter a ilha “isolada” do burburinho do verão, o Gundari investiu em práticas como o replantio de mais de 600 mudas nativas para regenerar a vegetação, a conservação de aves ameaçadas, o uso de energia renovável e uma frota de veículos 100% elétrica.

gundari.com





NOBODY DOES IT BETTER™

Mergulhe em uma experiência de luxo com tudo incluso que é INCOMPARÁVEL NO MAR. Explore mais de 550 destinos em todo o mundo enquanto desfruta de espaço, elegância e conforto incomparáveis a bordo da FROTA MAIS LUXUOSA DO MUNDO. Vamos nos atentar a cada detalhe da sua jornada do começo ao fim, para que você possa ser cuidado com a HOSPITALIDADE GENUÍNA da nossa incrível tripulação.

Ninguém faz melhor do que a
REGENT SEVEN SEAS CRUISES®.

THE MOST INCLUSIVE LUXURY EXPERIENCE®



ACESSE RSSC.COM/SPECIALS
PARA SABER MAIS SOBRE NOSSAS OFERTAS ESPECIAIS.
OU CONTADE SEU AGENTE DE VIAGENS

UNRIVALLED *at sea*™



ONE & ONLY MOONLIGHT BASIN

No coração das Montanhas Rochosas, o One & Only Moonlight Basin, com inauguração prevista para novembro de 2025, promete ser um santuário esculpido pela natureza e lapidado pela arquitetura visionária de Olson Kundig. O resort se integra ao ambiente com estruturas de vidro, que emolduram as paisagens montanhosas, utilizando materiais locais e arte regional para criar uma atmosfera acolhedora e sofisticada. Cada estação é um convite: no inverno, a neve desenha trilhas para o esqui entre pinheiros milenares, com acesso direto a mais de 5,8 mil acres esquiáveis através de uma gôndola exclusiva. No verão, trilhas, lagos e o vento sobre o campo de golfe ecoam a liberdade. A gastronomia é um destaque, com seis restaurantes, incluindo um comandado pelo chef Akira Back, que traz sua culinária japonesa moderna para as montanhas. O spa Chenot oferece tratamentos que combinam a medicina tradicional chinesa e a ocidental, promovendo o bem-estar próximo à natureza. Comprometido com a sustentabilidade, o resort busca a certificação Leed, preservando 60% de sua área como um espaço aberto e respeitando a fauna. Mais do que um destino, ele é uma celebração do luxo consciente em meio à grandiosidade natural de Big Sky.

oneandonlyresorts.com



VOAARA MADAGASCAR

Cercado pela natureza intocada de uma das ilhas mais exóticas e biodiversas do planeta, a Ilha Sain-te-Marie, em Madagascar, o Voaara redefine o conceito de luxo sustentável ao ser delineado pelo silêncio das praias desertas, pelo aroma das florestas de baobás milenares e pela conexão genuína com a cultura local. Com apenas sete bangalôs e uma vila de três quartos, o resort utiliza materiais da região e energia solar e promove a replantação de árvores nativas, demonstrando seu compromisso genuíno com o meio ambiente. E 50% das taxas de serviço e parte dos lucros são destinados a escolas e clínicas locais, fortalecendo a comunidade. As experiências no Voaara vão além do convencional: mergulhos em recifes vibrantes, observação de baleias com biólogos marinhos e jantares sob as estrelas no Bird's Nest, uma torre de madeira com observatório. A gastronomia é liderada pelo chef espanhol Aleixandre Sarrion, que combina sabores mediterrâneos e asiáticos e ingredientes frescos. A hospedagem é um convite para viver em harmonia com a natureza, em que cada detalhe celebra a beleza de Madagascar.

voaara.com



publicis

ADVENTURE IS NX 500

NEW EXPERIENCE



**NOVO
DESIGN**

**CONTROLE
DE TRAÇÃO (HSTC)**

**NOVO PAINEL TFT
COLORIDO DE 5 POLEGADAS**

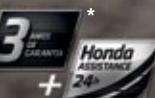
Aventureira, moderna e confortável, a nova NX 500 chegou pronta para encarar novos desafios. Com design marcante, tecnologia que impressiona e um estilo sem igual, ela vai transformar a sua experiência de pilotagem.

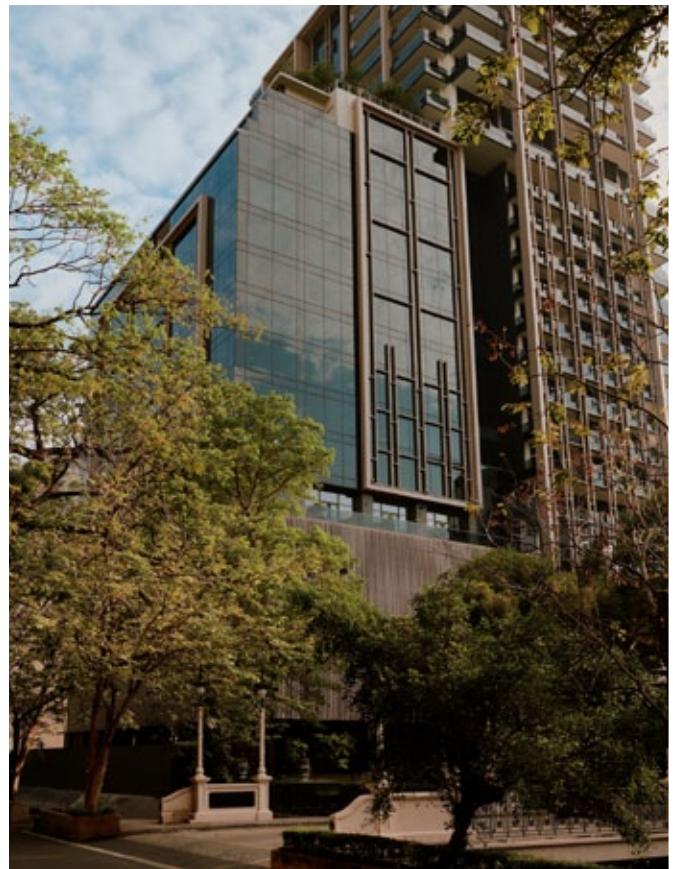


PRODUZIDO NO
POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA

honda.com.br/motos

Desacelere. Seu bem maior é a vida. *Três anos de garantia, sem limites de quilometragem. Honda Assistance com serviço gratuito por 3 anos, por todo o período da garantia do produto. A cobertura abrange Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Garanta já sua Honda e aproveite suas vantagens. Especificações técnicas e acessórios apresentados podem ser diferentes dos modelos disponíveis no Brasil. Consulte mais detalhes por meio da concessionária Honda Motos mais próxima.





AMAN NAI LERT BANGKOK

A fervilhante Bangkok tem redutos de paz, além dos diversos templos que abriga. O mais recente deles atende pelo nome de Aman Nai Lert e se ergue como um espetáculo contemporâneo e arborizado no bairro Pathumwan, em um verdejante trecho do Parque Nai Lert. A localização, embora central, provoca a sensação de isolamento em meio ao caos da metrópole, tudo acentuado pelos cuidados oferecidos pelos serviços sempre prestimosos da rede Aman. Entre os diferenciais que merecem atenção, como quartos elegantes e cheios de referências à cultura ancestral tailandesa, o centro de bem-estar do hotel causa impacto. Dois andares inteiros são dedicados aos cuidados com o corpo, a saúde e a alma: o primeiro abriga especialistas de cura da clínica Hertitude e oferece programas médicos, infusões, consultas e tratamentos prolongados. O segundo é morada do Aman Spa, o espaço *signature* de todos os hotéis do grupo, onde terapias, incluindo tratamentos baseados na cultura local, são oferecidas em ambientes elegantes e de pura harmonia. Além de uma piscina de 29 m, com vista deslumbrante do parque, o nono andar é dedicado à gastronomia. O bar e bistrô 1872 serve a culinária ocidental, o Avra é um italiano, que tem o menu montado conforme os produtos sazonais, o Sesui é um *omakase* tradicional, enquanto o Hiori é conhecido por seu balcão de *teppanyaki*, com apenas 14 lugares.

aman.com



UNCOMFORTABLE
NATURE SOUNDS

UNQUIET
Stay alive. Be UNQUIET

Tech & Soul

ESCUTE O VERDADEIRO SOM DA NATUREZA

O U C A

AGORA



Os Segredos da Cidade Eterna

A capital italiana nunca é óbvia: descubra dicas que vão da moda à arquitetura, passando, claro, pelo cenário gastronômico

POR LETICIA ROCHA

O pecorino e a pimenta-do-reino correm nas veias de quem nasce ou vive na capital italiana – e também dão nome ao icônico *cacio e pepe*, que virou até sorvete pelas mãos de um chef especializado em gelatos. Surpreendo? Imagine, então, fazer as lentes de seus óculos novos na mesma ótica que atendia o Papa Francisco e Federico Fellini. Ou descobrir que existe um Coliseu quadrado, erguido em 1938 para exaltar o fascismo e hoje é a sede da Fendi. Com 2.771 anos, Roma confirma seu maior clichê: uma vida não basta para conhecê-la. Mas, se você tiver apenas 48 horas na cidade, os endereços a seguir são um bom caminho para começar a desvendá-la da maneira mais *insider* possível.

Colosseo Quadrato: sim, a Cidade Eterna tem um monumento inspirado no seu ícone maior e trata-se de um coliseu quadrado. Construído nos anos 1930, desde 2015 ele abriga a sede da Fendi e pode ser visitado em exposições esporádicas. Fica no bairro EUR, foi projetado por Mussolini e é chamado de a Brasília de Roma devido a suas largas avenidas, prédios altos, cascatas e até um lago artificial – perfeito para praticar o *dolce far*



niente com um belo piquenique.

ALT – Stazione del Gusto: criado pelo estrelado chef Niko Romito, o espaço tem uma pegada casual, inspirada nos *diners* norte-americanos, e já virou franquia, no melhor estilo “do Michelin ao pop”. Já a sua alta gastronomia pode ser apreciada no Bulgari Hotel, onde ele assina a consultoria global.

Ottica Spiezia: no coração turístico de Roma, a discreta ótica, de 1967, na Via del Babuino, tem apenas 8 m² e uma clientela ilustre. Desde 2012, cuida dos óculos dos papas – Francisco (1936-2025), em 2015, trocou pessoalmente suas lentes. Federico Fellini e Marcello Mastroianni também foram clientes de Alessandro Spiezia, cuja história virou livro: *L’Ottico che Ha Visto la Storia* (2022).

Co.Ro. Jewels: a poucos passos dali, a Co.Ro. Jewels transforma Roma em joias. Ícones como o Coliseu e o Panteão viram anéis, pulseiras e gargantilhas de design elegante, que de nada lembram um suvenir. A clientela é em geral italiana. Por trás da marca estão as arquitetas romanas Costanza De Cecco e Giulia Giannini.

Da Mariolino: a gastronomia é parte da alma dessa cidade, mas nessa região vale fugir da oferta turística. O Da Mariolino surpreende ao unir tra-



Em sentido horário, papa Francisco na Ottica Spiezia, o *rooftop* do Bulgari Hotel, prato do Bottiglieria Pigneto, bracelete da Co.Ro. Jewels e mesa no restaurante Da Mariolino. Na página ao lado, o Colosseo Quadrato

dição e modernidade, com um cardápio que vai de criações autorais aos clássicos romanos – um ótimo local para provar a estrela da cozinha local, a carbonara. Ele também tem um menu só de trufas. É o mais novo integrante do Rome Luxury Suites, um grupo familiar que há décadas se dedica à gastronomia e hotelaria, com quatro hotéis butique na região: Mario de’ Fiori 37 (no mesmo prédio do restaurante), Margutta 19, Babuino 181 e Margutta 54.

Hendrik Christian Andersen Museum: ainda na região, vale visitar a casa-museu de Hendrik Christian Andersen (1872-1940), norueguês que viveu em Roma até a sua morte. Autor de *O Patinho Feio*, ele também se destacou como escultor. Aqui estão cerca de 200 obras, que parecem formar um verdadeiro balé, em que as óperas dialogam entre si. O estupor continua: reserve um espaço, em qualquer horário nesses dois dias (melhor se for no entardecer!), para conhecer o Mirabelle, que fica na emblemática Via Veneto. O restaurante está no *rooftop* do luxuoso Hotel Splendide Royal e descontina um dos mais belos panoramas da capital italiana, com suas construções, que despertam o fascínio, e suas infinitas cúpulas – incluindo, o Cupolone, como é conhecida a da Basílica de São Pedro.

Pigneto: a face mais *hipster* de Roma está nesse bairro vibrante, cheio de *street art*, ateliês e moda, como o Mademoiselle, de *second hand* e criações autorais. Ele é o destino também para quem busca o agito noturno. O Tuba mistura bar, bazar e livraria, e a Bottiglieria Pigneto tem uma cozinha criativa, do chef João Jay Monteiro, que mescla as influências de quem nasceu em Portugal, cresceu nos Estados Unidos e vive na Itália.

Trastevere: o bairro pode ser considerado como a Times Square de Roma e, como tal, é a meca de turistas. Para fugir disso, é preciso se focar em endereços que os locais frequentam: o Ma Che Siete Venuti a Fa é o bar onde os romanos assistem a futebol e bebem cerveja na rua. Já o Pianostrada, que se intitula um laboratório de cozinha com visão gastronômica livre, é considerado o melhor restaurante da cidade segundo importantes premiações. Para se deleitar com um gelato, escolha a Otaleg!, do chef gelatier Marco Radicioni, que vai além dos clássicos, tendo criado uma versão doce de *cacio e pepe*, um prato de massa típico romano, feito com dois amados aqui: o queijo pecorino e a pimenta-do-reino. ♡



SAIBA MAIS EM EXPLORAJOURNEYS.COM
OU CONVERSE COM SEU AGENTE DE VIAGENS



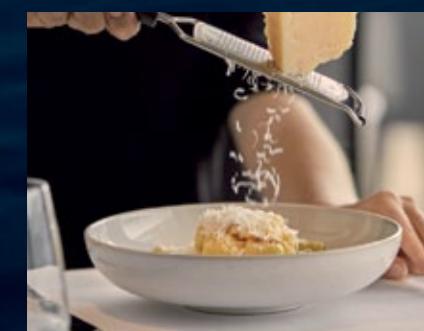
Explora
JOURNEYS



Suites amplas com terraço



Espaços ultra elegantes



Experiências gastronômicas



Bem-estar inspirado no mar

DESCUBRA O OCEAN STATE OF MIND. A Explora Journeys convida você a embarcar em uma experiência de viagem incomparável — um verdadeiro refúgio sobre as águas, com o conforto de um superiante e o charme descontraído do estilo europeu. Navegue por destinos icônicos e escondidos, desfrute de alta gastronomia e entregue-se ao bem-estar inspirado no oceano.



SUSTENTABILIDADE

Descanso na Floresta

Responsabilidade ambiental, pesquisas sobre a floresta tropical e hospedagem ecochique no Masphi Lodge

POR CORINNA SAGESSER

Minha primeira visita ao Equador foi também a oportunidade de conhecer o Masphi Lodge, que fica a três horas de carro de Quito, a capital do país. A estrada que leva até o hotel é cercada por montanhas e florestas, com alguns vulcões e pequenos vilarejos – uma paisagem comum na região.

A cada quilômetro percorrido, a floresta ia ficando mais densa, com árvores gigantes e uma neblina mágica. O *lodge* está dentro da Reserva Masphi, de 5 mil hectares, e faz parte de uma reserva da biosfera da Unesco, que fica na região andina de Choco e é uma estação de pesquisas dedicada à educação e proteção da floresta tropical. Ali cientistas e biólogos pesquisam há anos a fauna e a flora. Durante os anos de trabalhos feitos na área, já foram descobertas 13 novas espécies de sapos e orquídeas endêmicas. Além disso, inúmeros ma-

míferos, insetos, répteis e mais de 400 espécies de pássaros podem ser encontrados por lá, sendo vários deles também endêmicos.

Trata-se, portanto, de um dos lugares mais especiais no planeta para os amantes de *birdwatching*. O objetivo principal do Masphi é reforçar a importância da pesquisa e conhecer o rico ecossistema ao redor para a sua conservação. O hotel oferece várias atividades, incluindo trilhas pela floresta nublada. Eu fiz a trilha por dentro do Rio Masphi, cercado por uma vegetação com árvores gigantes cobertas de fungos e líquens, um cenário único e encantador. Ao final da caminhada, voltei para o hotel no teleférico apelidado de Dragon Fly, admirando a floresta de cima. Foi algo bem singular.

O *lodge* também oferece uma caminhada noturna para a observação de répteis e insetos – outra experiência maravilhosa. Um programa imperdível é a



Acima, atividades como visitas à floresta dos beija-flores, passeios no teleférico do *lodge* sobre a mata, trekkings e *birdwatchings* propõem uma imersão na Reserva Masphi e o contato com sua flora e fauna. Na página ao lado, a estrutura do Masphi Lodge

visita à floresta dos beija-flores: existem por lá mais de 130 espécies dessa ave. Além de observar sua delicadeza bem de perto, é possível alimentá-los com frutas, que eles vêm bicar em nossas mãos!

À noite, sempre antes do jantar, são realizadas palestras com biólogos e guias sobre o ecossistema e os passeios do dia seguinte. A gastronomia é incrível, com um cardápio muito saudável e produtos de fornecedores locais e outros preparados pelo chef, como pães, bolos e geleias. Nos almoços e jantares, há opções deliciosas, com uma boa variedade de peixes e carnes, acompanhados de ótimos vinhos. O Masphi Lodge funciona em sistema *all-inclusive*, exceto no spa.

O hotel tem uma arquitetura integrada à natureza, valendo-se de materiais sustentáveis e muito vidro, o que dá a sensação de ter a floresta sempre presente. Acordar e dormir ouvindo o som de pássaros e insetos me fez ter noites de sono excepcionais.

O Masphi Lodge foi uma experiência maravilhosa, pela qual pude ver como o turismo sustentável e responsável ajuda a conservar a flora e a fauna, além de proporcionar uma viagem inesquecível. 

mashphilodge.com



WILDERNESS



ENTREGUE-SE À NATUREZA SELVAGEM

Explore um lugar onde a natureza define o ritmo e a floresta tropical guia cada passo. Conheça os gorilas-das-montanhas de Ruanda, uma espécie ameaçada de extinção - familiares e selvagens. Observe-os em seu habitat natural, antes de retornar à Wilderness Bisate Reserve, seu santuário exclusivo nas montanhas.



ESCANEIE AQUI PARA MAIS





FOTOS: DIVULGAÇÃO C6 FEST, KARINA PERUSSI E BRUNO GARZONE

FESTIVAIS

Atmosfera e Line-Up Afinados

Transitando entre o jazz profundo e o pop-disco, a terceira edição do C6 Fest se afirma como um marco de inovação e celebração musical

POR ERIK SADAO

Aexpectativa era enorme. Retomando o Parque e o Auditório do Ibirapuera com uma cenografia quase onírica, o C6 Fest integra todos os detalhes — da sinalização ao som ambiente — à nossa experiência, forjando uma harmonia singular entre público, artistas e espaço. Quanto ao line-up, ele mescla vertentes do jazz e do blues a ícones do pop e a nomes independentes que já estouraram nas playlists mais antenadas.

NOITES DE JAZZ À ALTURA DO LEGADO: DE BRIAN BLADE A MESHELL NDEGEOCELLO, O JAZZ EM PLENA FORMA

Nas duas noites de jazz dessa edição, subiram ao palco artistas como Amaro Freitas, Arooj Aftab, Joe Lovano Quintet e Kassa Overall — com momentos de clímax nas apresentações de Brian Blade & The Fellowship Band e Meshell Ndegeocello, cujo baixo profundo, sax envolvente, bateria pulsante e piano etéreo atingem o coração dos amantes do jazz em cheio.

A lenda Brian Blade — conhecido por ter acompanhado ícones como Wayne Shorter e Herbie Hancock — entregou uma apresentação eletrizante, com dois saxofones se alternando entre uníssono e confronto. Ao final, ele convidou ao palco três jovens percussionistas da escola de música do auditório, incorporando até o berimbau, para uma versão arrebatadora de *Maria Maria*, de Milton Nascimento, um de seus maiores ídolos.

Acima, Palco Heineken, montado no Auditório do Ibirapuera



Em sentido horário, Brian Blade & The Fellowship Band se apresentam no Auditório do Ibirapuera, a área interna do auditório, Brian Blade recebe jovens percussionistas brasileiros durante o show e a banda norte-americana Wilco



Comemorando o centenário de nascimento do escritor e poeta norte-americano James Baldwin, Meshell Ndegeocello abriu sua apresentação com a leitura de trechos de *O Fogo da Próxima Vez* — o influente livro de ensaios de Baldwin sobre a luta pelos direitos civis, publicado em 1963. Em seguida, sua superbanda subiu ao palco, construindo um verdadeiro altar ao escritor: passagens literárias entrelaçadas com camadas de jazz, soul e experimentação, numa homenagem poderosa, política e profundamente espiritual.

ENTRE O POP BARROCO INDIE E O PÓS-PUNK CLÁSSICO, O RETORNO DE BETH DITTO E UM “SAFÁRI NA LUA” PARA GUARDAR NA MEMÓRIA

No primeiro dia dedicado ao pop-rock, o veterano Perfume Genius envolveu o público com suas harmonias barrocas, que ecoam na trilha sonora de tantas vidas LGBTQ+. Confirmando o compromisso de equidade de gênero no line-up, o C6 Fest trouxe este ano Chrissie Hynde, uma das pedras fundamentais do pop como o conhecemos. Com formação atualizada, o Pretenders subiu ao palco com o jogo ganho, mandando *Talk of the Town* e *Back on the Chain Gang*, clássico que o DJ que ainda habita em mim cansou de tocar. *Middle of the Road*, *Brass in Pocket* e *I'll Stand by You* levantaram uma plateia diversa em todos os sentidos.

Diva máxima do indie e ícone do *body positivity* antes mesmo de o termo existir, Beth Ditto se emocionou com a reação do público já nos primeiros minutos do show mais fervido do festival. E que saudade estava-

mos do The Gossip! Nunca houve persona mais adequada — e carismática — para liderar a mescla de *grooves* disco aos três acordes simples, que remetiam ao pós-punk, do que Beth. Ela quis confirmar com o público se sabíamos que ali não era o show do Pretenders, para em seguida transformar a tenda MetLife em uma pista de dança. Com uma bandeira LGB-TQ+, Beth Ditto fez um discurso pró-vidas trans e fundiu *Smells Like Teen Spirit* com *Standing in the Way of Control*, um hino dos intensos anos loucos 2000, quando a noite ainda era o nosso palco de conexão e inspiração.



Acima, em sentido horário, o Palco MetLife, Chrissie Hynde e os Pretenders no Palco Heineken, Nile Rodgers no show de encerramento do festival e a lenda do indie The Gossip se apresenta no Palco MetLife

Desde que foi lançado, *Moon Safari*, do duo Air, se tornou um clássico, uma resposta francesa ao trip hop de Bristol, com batidas *downtempo*, linhas de baixo quentes, sintetizadores aveludados e vocais etéreos, inaugurando um estilo que nos acostumamos a chamar de lounge moderno. O palco montado pelo C6 Fest no Auditório do Ibirapuera parecia ter sido concebido para o próprio “safári na Lua”. A cenografia, visualmente impecável, deixou o público boquiaberto na noite de sábado.

INVASÃO PÓS-VITORIANA E UM DESFILE DA HISTÓRIA DO POP PARA ENCERRAR O FESTIVAL

A expectativa no último dia de C6 Fest estava nas alturas. Bandas emergentes provocam frisson e atraem tanto o público jovem quanto os fãs mais céticos, ansiosos para conferir o *hype* – e, para mim, esse papel coube perfeitamente a The Last Dinner Party. Seu álbum *Prelude to Ecstasy* integra a minha playlist desde o lançamento, e ver esse grupo, majoritariamente feminino, dividindo o palco com ícones como Chrissie

Hynde e Beth Ditto foi simplesmente inspirador. Elas surgiram com a elegância de damas pós-vitorianas e entregaram um dos shows mais memoráveis do C6 Fest. A presença magnética de Abigail Morris manteve todos hipnotizados, e o coro marcante de *Nothing Matters* – uma verdadeira ode às angústias da Geração Z – provou que elas são muito mais do que um *hype*.

Seu Jorge e convidados, no Baile à la Baiana, subiram ao Palco Heineken também com o jogo ganho. Trouxeram uma mescla envolvente de clássicos da MPB, *grooves* de samba-reggae e pitadas de funk carioca, pontuada por arranjos de soul e guitarras percussivas. O resultado foi uma celebração vibrante, que uniu gerações e convidou o público a dançar e cantar junto sem parar até o final.



FOTOS: DIVULGAÇÃO C6 FEST, KARINA PERUSSI E BRUNO GARZONE

Ao lado, outro momento do show de Nile Rodgers. Abaixo, ambiente e fachada do Pulso Hotel

Detentores de uma infinidade de hits, Nile Rodgers & Chic foram, sem dúvida, a escolha ideal para fechar um festival que beirou a perfeição. Só se abre um show com *Le Freak* quando se possui um repertório capaz de preencher duas horas com hits – o caso de Nile Rodgers. O DNA de seus riffs ressoa em clássicos de Diana Ross, Madonna, Duran Duran, Beyoncé, David Bowie, Daft Punk e tantos outros que conquistaram o mundo graças a seu toque de Midas. No encerramento do C6, testemunhamos um desfile da história do pop, celebrando o legado de um dos maiores gênios da música contemporânea.

Ainda nessa edição, Beach Weather e English Teacher foram destaques nos palcos principais e sets de DJs como Lovebirds, Carola e Marky criaram um clubinho intimista na Bienal para os mais festeiros. Bravo, C6 Fest! Nos vemos em 2026!



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

PARA RECARREGAR AS ENERGIAS

Durante o C6 Fest, escolhi o Hotel Pulso para me hospedar. Assinado por Arthur Casas, o projeto mescla design contemporâneo com linhas elegantes e materiais nobres, resultando em ambientes ao mesmo tempo acolhedores e sofisticados. Os quartos amplos, com janelas generosas e isolamento acústico de alta performance, oferecem o refúgio ideal após dias repletos de música. No restaurante Charlô, a culinária brasileira contemporânea é valorizada por ingredientes sazonais, enquanto piscina, spa e academia garantem descanso e conforto entre os shows. ♡



BIBLIOTECA

Lost in Translation

Com uma vida pautada por viagens e fusos horários diversos, Ana Carolina Raimundi mantém a literatura como um ponto de equilíbrio e indica os seus livros preferidos

POR ANA CAROLINA RAIMUNDI

Abri os olhos e, por uma fração de segundo, não sabia em que cidade eu estava. Por sorte, no segundo seguinte, a alma e o corpo deram as mãos e eu lembrei. Estava em Los Angeles, trabalhando. Tinha ido fazer umas entrevistas e já era hora de começar o dia. Não é a primeira vez que esse descompasso me acontece ao acordar. Acho que viajo tanto que a velocidade do meu cérebro primitivo pode demorar a atualizar a máquina. Como repórter, eu viajo muito sozinha. Às vezes, encontro equipes locais e me junto a elas para uma gravação e, muitas vezes, principalmente para fora do país, viajo sozinha mesmo, gravo as entrevistas com a equipe dos artistas que são entrevistados e, dias depois, recebo um link, e isso pode ser bem solitário.

Com o tempo, fui encontrando a melhor maneira de viver entre aeroportos, e uma das coisas que me trazem mais conforto ainda é ter um ou dois livros na bolsa de mão. Gosto de pensar na ideia da viagem dentro da viagem, de me distanciar tanto a ponto de encontrar tesouros escondidos que estavam bem aqui e eu nunca tinha visto. Foi assim com o último livro que li viajando: *De Quatro*, de Miranda July, best-seller do *New York Times*, fala sobre uma mulher que decide fazer uma viagem de carro pelos Estados Unidos, mas acaba parando numa cidade bem perto de casa e ali fica durante todo o período em que deveria estar viajando. Para o marido e o filho, que ficaram em casa, ela inventa descobertas pela estrada. Para si mesma, é uma viagem sem volta. É um livro corajoso sobre o desejo feminino

e, mesmo que você não concorde com tudo o que a personagem quer ou faz, é no mínimo intrigante testemunhar alguém seguindo quase cegamente suas vontades mais loucas.

VIAGENS INTERNAS

Antes de Los Angeles, fui ao Havaí preparada! Dois livros! O livro *Primeiro Eu Tive Que Morrer* dá a sensação de que se está conversando com uma amiga durante a leitura. O romance, de Lorena Portela, acompanha a história de uma publicitária que trabalha num ritmo desumano. E, num mundo onde a gente não tem tempo de pensar, será que a gente sabe mesmo o que a gente quer? Essa mulher decide, então, mergulhar no seu próprio tempo para tentar entender o que, de fato, ela quer da vida. Larga tudo e vai viver um sabático numa vila em Jericoacoara, no Ceará, e acaba descobrindo muito mais do que foi procurar.

Ao mesmo tempo, eu estava lendo a primeira prova do primeiro livro de uma grande amiga, que pediu que eu escrevesse a orelha. Confesso que li rezando porque eu jamais poderia mentir para ela,



ou escrever sobre algo de que eu não tivesse gosto. Que alívio! Devorei o livro numa leitura só. O *Manual do Monstro*, de Helena Duncan, me deixou de queixo caído algumas vezes. O livro conta a história de Laura, uma mulher descolada, prestes a fazer 50 anos, vivendo um casamento que ela supunha ser dos sonhos, até que se depara com uma notícia avassaladora.

Outro título tem sido meu companheiro de ponte aérea. *Água Fresca para as Flores*, da parisiense Valérie Perrin. É uma história que encontra a beleza na tristeza. Uma mulher misteriosa mora e trabalha em um cemitério no interior da França, e você passa um bom tempo tentando imaginar o que aconteceu para ela ter a vida que tem. Que escolhas ela fez na vida, o que de fato prende uma mulher tão jovem a um trabalho, aparentemente, tão ingrato. Aos poucos, a personagem vai se mostrando, ao mesmo tempo que conta histórias de outras pessoas que passam por aquele cemitério, famílias, despedidas, amores e desamores de quem vai e de quem fica. Violette demora a revelar o grande acontecimento que pautou sua vida, mas, quando isso acontece, parece que você começou a ler um novo livro dentro do livro. Você faz uma viagem pelas memórias dessa mulher, que é, ao mesmo tempo, atormentada pelo passado e atenta à beleza superior das coisas banais, que tem o poder de nos curar um pouco todos os dias. Hoje, ao abrir os olhos de manhã, não demorei nem um segundo para reconhecer que, delícia, eu estava em casa! E cheia de livros na cabeceira. ↗

Jornadas com propósito

Quando o design encontra a função e a consciência ambiental, o resultado são produtos que fazem sentido dentro e fora da bagagem

POR LUCIANA LANCELLOTTI



PRONTA PARA TUDO

Durável, versátil e ambientalmente consciente, a mochila Utility Speed 2.0, da Nike, é feita com pelo menos 65% de poliéster reciclado — derivado de garrafas plásticas — e revestida de PU para resistir a todas as condições. Além de reduzir o desperdício, essa escolha representa até 30% menos emissões de carbono do que o poliéster virgem, alinhando-se à iniciativa Move to Zero, da Nike, que visa zerar as emissões de carbono e o desperdício. Funcional por dentro, tem capacidade de 27 litros e compartimento principal espaçoso, que se abre completamente, facilitando o acesso a roupas, calçados e outros itens essenciais.

nike.com.br

TRÊS EM UM, SEM CULPA

O Fold 3-in-1 Charger foi desenvolvido pela marca californiana Nimble exclusivamente para a Apple e carrega, ao mesmo tempo, iPhone (MagSafe), Apple Watch e AirPods. Com um detalhe: é dobrável e cabe no bolso da mochila. A estrutura é feita de alumínio e plástico 100% reciclado (com certificação REPLAY™), e o acabamento de “couro” de babosa substitui o couro animal, com menor uso de água e químicos. A embalagem é zero plástico, e o ciclo se fecha com um programa gratuito de reciclagem.

gonimble.com



ABRIGO EM TRÊS ATOS

Criado pela suíça Exped, o Dreamwalker nasceu para acompanhar viajantes que pensam ao mesmo tempo no corpo, na bagagem e no planeta. Em forma de casulo, a peça abriga o usuário como saco de dormir e, em segundos, vira casaco para a madrugada junto à fogueira. Aberto, estende-se como manta que acolhe o nascer do sol. A magia vem do monomaterial: 100% poliéster reciclado e certificado OEKO-TEX® 100 e bluesign®, o que garante isolamento mesmo sob umidade e, no fim da jornada, retorna inteiro à cadeia de reciclagem. Capuz anatômico, bolsos térmicos e zíper frontal duplo dão mobilidade e ventilação na medida certa, enquanto a bolsa compacta de transporte some na mochila. Ótimo para noites frias de *glamping* e hospedagens mais *roots*.

exped.com

FEITOS NO BRASIL, DESEJADOS NO MUNDO

De Lady Gaga a Harry Styles e Anne Hathaway, os óculos Lapima conquistaram status internacional após surgirem no rosto de algumas das maiores celebridades do planeta. Nascida em Campinas (SP), a marca une design autoral a um rigor artesanal digno da alta-costura. Cada peça é produzida em ateliê próprio, com acetato de celulose orgânico e lentes certificadas internacionalmente, em um processo que combina tecnologia de ponta com o toque humano de artesãos formados pela própria equipe criativa.

lapima.com



EXPERIÊNCIAS DE IMPACTO

Com o FairTrip, o turismo local ganha novos rumos. Esse aplicativo de viagem colaborativo, sempre em expansão, reúne mais de 3 mil endereços pelo mundo, com recomendações feitas por usuários conscientes e filtradas pela equipe do app a partir de cinco valores (autêntico, verde, local, social e justo). Cada experiência foge da rota convencional: de restaurantes familiares que celebram a culinária típica a passeios de ecoturismo geridos por comunidades locais, passando por cafés de cooperativas orgânicas e hospedagens cujo lucro permanece no próprio destino. E, como a curadoria aceita sugestões diretas dos viajantes, o FairTrip funciona como um convite inteligente para escapar do turismo de massa e investir em vivências verdadeiras.

fairtrip.org

EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM

Já pensou em conhecer a Coreia do Sul? O país, que até bem pouco tempo atrás não recebia muita atenção dos viajantes, virou o jogo. Sim, ele agora se transformou no destino do momento, um país que se provou plural sem perder a originalidade de sua cultura peculiar. Enquanto exporta o K-Pop e tecnologia de ponta, recebe com estilo em pousadas típicas, revela novos sabores da gastronomia e oferece um equilíbrio perfeito de história, modernidade, natureza e tradição. A Coreia do Sul se reinventou e provou que mudar o olhar pode revelar ótimas surpresas, além de ampliar possibilidades.

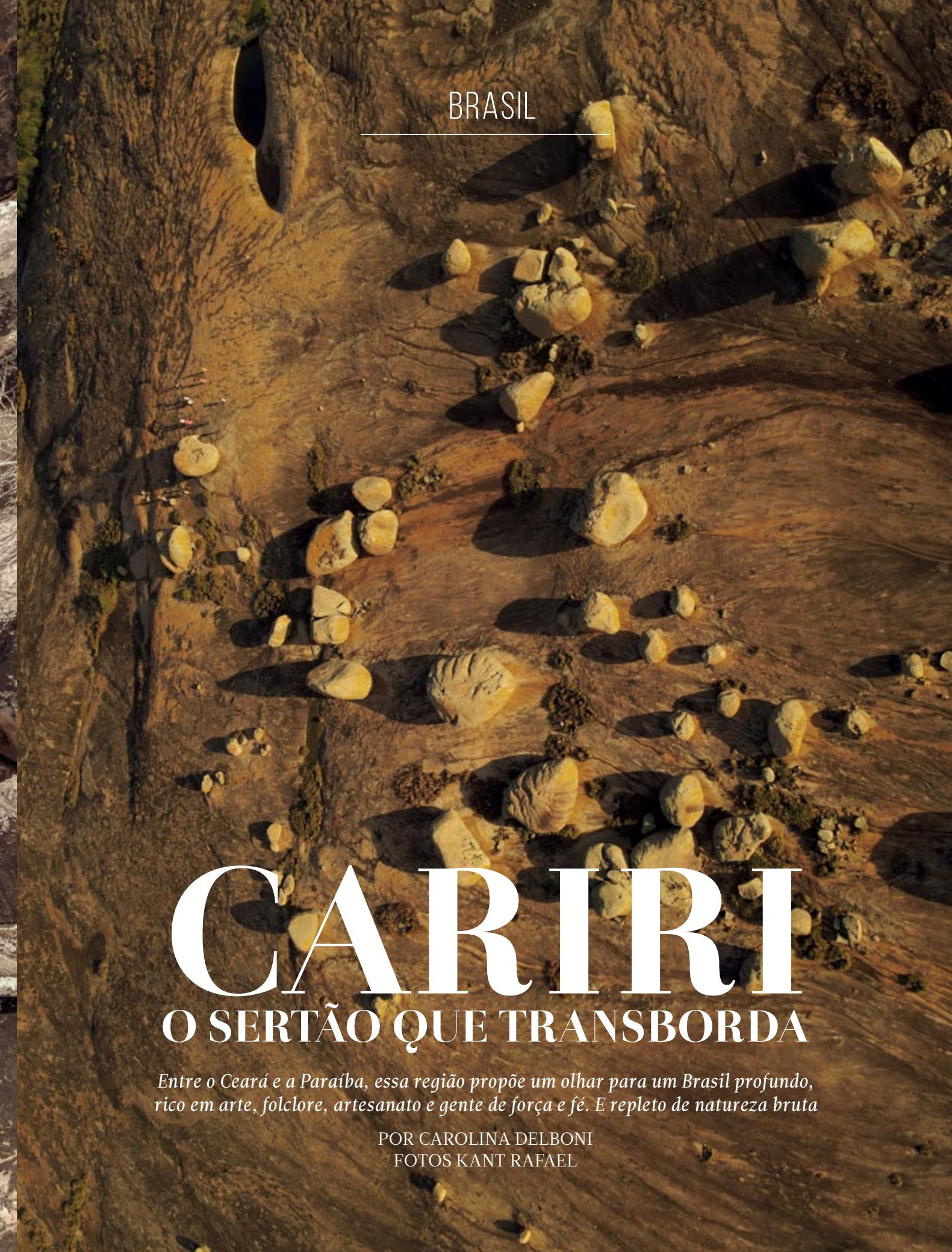
Exatamente como o cartão C6 Carbon, que oferece benefícios que transformam qualquer experiência em algo especial. Com ele, você pode acumular até 3,5 pontos/US\$, que podem ser trocados por passagens e cashback, além de ter acesso a salas VIP parceiras ao redor do mundo, benefícios Mastercard Black e muito mais. Crédito sujeito a análise.

c6bank.com.br





BRASIL



CARI

O SERTÃO QUE TRANSBORDA

Entre o Ceará e a Paraíba, essa região propõe um olhar para um Brasil profundo, rico em arte, folclore, artesanato e gente de força e fé. E repleto de natureza bruta

POR CAROLINA DELBONI
FOTOS KANT RAFAEL



“

que é Cariri?”, me perguntou uma amiga enquanto eu contava sobre a viagem feita a São João do Cariri, na Paraíba. Cariri é uma região do Brasil, situada entre o Ceará e a Paraíba. Conhecida pela forte herança cultural, ela carrega tradições importantes para a história brasileira. Ali manifestações artísticas e folclóricas são preservadas e celebradas.

Mas o Cariri também é um substantivo masculino para definir a caatinga de vegetação menos rude da Paraíba e a família linguística do tronco macro-jê (uma árvore já extinta). Ou ainda a palavra pertencente ao grupo indígena Cariri.

A data é incerta, mas diz-se que eles chegaram por volta de 1899. Migraram do norte do país e habitaram a região da Serra do Araripe, no Ceará, as águas do Rio São Francisco e o semiárido da Paraíba.

Tudo isso é o Cariri e tudo isso caberia na resposta à pergunta com a qual abri o texto. Só que viver o Cariri é muito mais do que as definições objetivas que uma busca em qualquer provedor de internet ou chat de IA poderiam dar ao viajante.

VIVÊNCIA LATENTE

Para viver o Cariri na pele, nas entradas do corpo, é preciso partir na expedição da Que Visu, dos irmãos Pablo e Thiago Buriti, juntamente com o estilista Ronaldo Fraga. O trio tem como cerne a experiência do viajante. A proposta é viver o Cariri. Sentir seus cheiros, provar seus sabores, descobrir suas artes, escutar suas músicas. É uma imersão. “Não visite. Viva”, diz o *Manifesto do Viajante*, da Que Visu.

A expedição percorre alguns dos pequenos municípios da Paraíba e passa também pela vida de quem vive por ali. Esse mergulho dá a chance ao viajante de entender a cultura, a arte e o modo de vida de um Brasil com frequência distante e desconhecido. “Muito me alegra ver a expedição funcionar como uma ponte viva entre os Brasis – esse país que é muitos –, criando passagens entre o que se faz com a alma e o que se consome com o coração”, comenta Ronaldo.

O CUSCUZ COMO UM PONTO DE PARTIDA

O percurso se inicia em Ingá, cidade que abriga a enigmática Pedra do Ingá, um dos mais importantes sítios arqueológicos do Brasil. Co-

Paisagens surreais, sítios arqueológicos e personagens históricos marcam a viagem ao Cariri

Acima, as impressionantes formações rochosas do lajedo do Pai Mateus, em Cabaceiras



Antiga morada de Zabé da Louca, famosa personagem local e, abaixo, queijo de cabra produzido na Fazenda Carnaúba



Vista sobre o lajedo do Pá Marinho e, abaixo, retratos antigos na Fazenda Carnaúba

nhecida como Itacoatiara, a formação rochosa possui inscrições rupestres entalhadas há milhares de anos, que atrai estudiosos e viajantes. Além das inscrições, Ingá é lar do Memorial do Cuscuz, onde dona Lia prepara o tradicional cuscuz “cabeça amarrada”, uma receita herdada de sua avó Guidinha. Feito com milho plantado por ela mesma e pilado manualmente na antiga pedra herdada da bisavó, o prato é símbolo de resistência e afeto. No quintal de sua casa, dona Lia nos recebe com uma mesa farta de comida e de histórias. Não tem quem não termine de escutá-la com os olhos marejados. “Um alimento, assim como uma roupa, pode não mudar o mundo, mas transforma o olhar de quem cria, de quem veste e de quem se alimenta”, diz Ronaldo. E transforma mesmo.

TRAMAS DE FORÇA E DELICADEZA

Em Monteiro, a expedição visita o Centro de Referência da Renda Renascença (Crença), um espaço dedicado à preservação e promoção dessa arte têxtil tradicional. Ele funciona como vitrine para a produção local e ponto de encontro para as artesãs que buscam capacitação e orientação. As rendeiras da cidade tecem peças que sustentam famílias e movimentam a economia. E sob a batuta do estilista Ronaldo Fraga criam coleções únicas e dis-



Ao percorrer pequenos municípios da Paraíba, a expedição apresenta um Brasil desconhecido, rico em cultura e arte



O entardecer sobre
o lajedo do Pai Mateus.
Na página ao lado,
no detalho, calango
em um cacto



putadíssimas. “A minha história com as rendeiras da renascença começou como quem tropeça em um tesouro esquecido. Foi em 2003, numa oficina de aculturação de design, lá em Monteiro, no coração rendado do Cariri paraibano”, conta o estilista. “Desde então, o fio que une meus desenhos às mãos dessas mulheres nunca mais se desfez.”

MULHERES QUE FLORESCEM NO SERTÃO

Outras duas mulheres são icônicas nessa viagem: dona Lúcia e Josivane. Dona Lúcia, mãe de sete filhos, moradora de Boqueirão, é a segunda parada. Artesã, ela domina o tear como poucos. Suas mãos e seus pés trabalham como uma máquina de costura industrial, entrelaçando fios e produzindo tapetes, toalhas, redes e passadeiras. Na sala de casa, ela convida os viajantes a experimentar o tear manual. A eles, não bastasse faltar ritmo e sincronicidade de movimentos, falta também força. Mas vale a experiência.

**Para viver o Cariri
é preciso sentir seus
cheiros, provar seus
sabores, descobrir
suas artes e escutar
suas músicas**

Já no assentamento Santa Catarina, conhecido por ter sido a morada da tocadora de pífanos Izabel Marques da Silva, a Zabé da Loca, a expedição é recebida por Josivane Caiano, conhecida como Josi, sua afilhada. Josi não apenas conduz a visita, mas também recebe os viajantes em sua casa de taipa, construída por ela mesma. Líder comunitária e empreendedora, ela é uma referência de empoderamento feminino na região e é quem nos leva até a gruta onde Zabé da Loca morava, sem luz, sem água encanada, sem porta de chave e trinca. Ela dormia de janelas abertas com vista para o céu do Cariri. E que céu.

O SAGRADO NÃO VIVE DENTRO DE UMA IGREJINHA
“Cada terra é um manto sagrado, cheio de mistérios e histórias”, descreve o *Manifesto*.

E o sagrado está no alto dos lajedos, formações geológicas compostas de grandes blocos de pedras planas e arredondadas. A paisagem é digna de ser chamada de miragem e são duas as experiências





nela. A primeira é no lajedo do Pai Marinho, onde os viajantes almoçam um banquete e depois sobem as pedras para assistir ao pôr do sol, com direito a sanfoneiro e até um arrasta-pé. A segunda experiência é no Pai Mateus, em Cabaceiras, um divisor de águas na viagem. Vale a máxima dos irmãos Buriti quando dizem: "Antes do Cariri, depois do Cariri". Com aproximadamente 1,5 km², o lajedo abriga cerca de 100 grandes pedras arredondadas, que parecem flutuar, criando uma paisagem meio Salvador Dalí, meio Tarsila do Amaral. E é ali, bem ali, que o sagrado se apresenta, numa conexão com a natureza surreal.

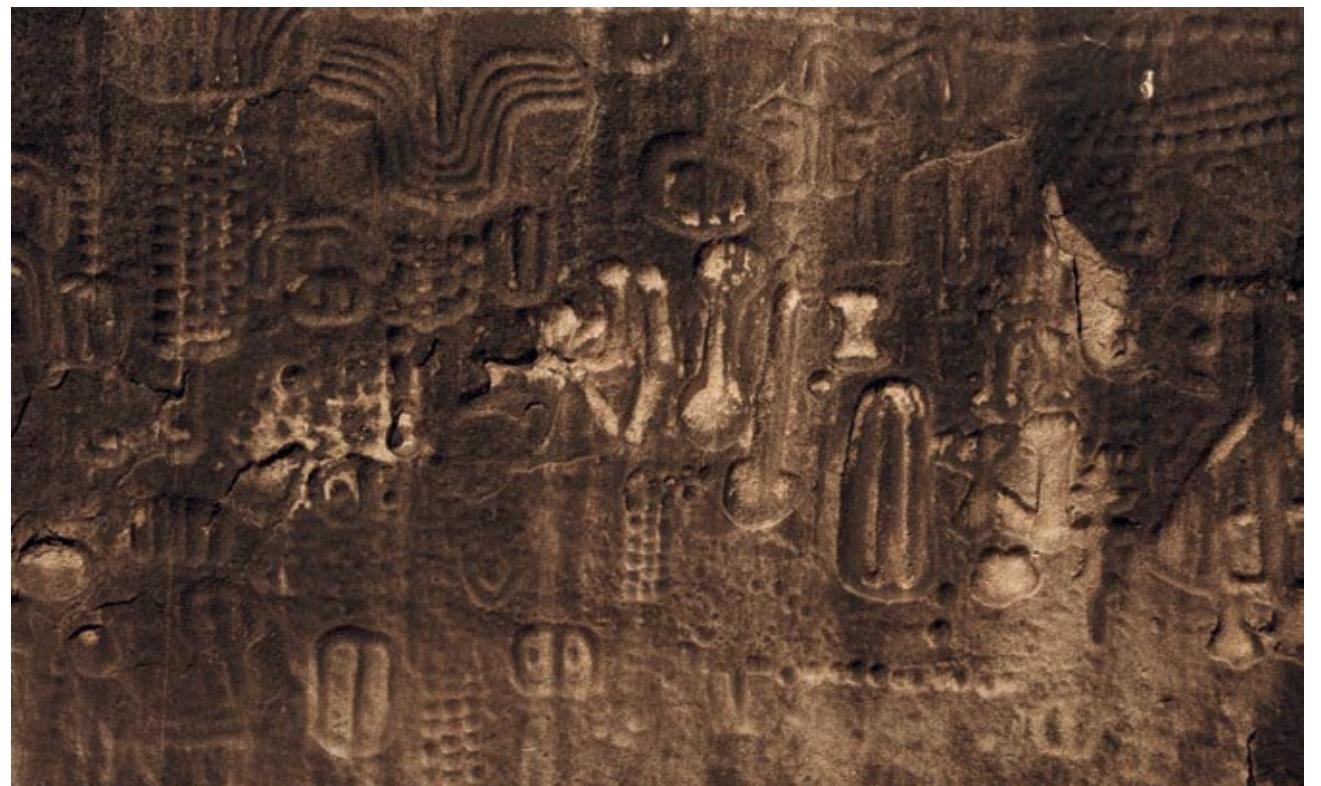
CINEMA, POESIA E MANDACARUS

A jornada ainda é em Cabaceiras, conhecida como a Roliúde Nordestina por ter sido cenário de mais de 50 produções cinematográficas, incluindo *O Auto da Comadecida*, de 2000. A cidade preserva um memorial cinematográfico e é encantadora, com céu de azul intenso, ruas típicas de uma cidade do interior (silenciosas e vazias), a igreja no alto da praça e casinhas com fachadas coloridas. Por toda rua, uma foto. E um sol que torra o viajante que vem da capital. Por sorte, entre uma rua e outra, você

Acima, em sentido horário, dona Lúcia e sua habilidade no tear, dona Lia prepara o tradicional cuscuz e cordéis à venda no Memorial do Cuscuz



Acima, morador local veste trajes típicos do cangaço. Ao lado, detalhe da Fazenda Carnaúba



encontra aberto um cafezinho charmoso, que oferece bolo de milho cremoso e sorvete de massa de sabor café. Uma gota d'água no meio do deserto. É essa a sensação que a gente tem ao entrar pela portinhola do estabelecimento.

ARIANO, ARMORIAL E A ETERNIDADE DA TERRA

A última parada é em Taperoá, na Fazenda Carnaúba, lar de Ariano Suassuna e onde o escritor passou boa parte da sua infância. A propriedade, fundada no século XVIII, tornou-se um centro de produção de queijos de cabra premiados e um símbolo de resistência no semiárido paraibano. Os visitantes são recebidos por Manu, filho de Ariano, e Dantas Vilar, filho de Manoel Vilar, pecuarista e primo de Ariano. E as histórias que eles têm a contar são tantas que a gente se perde na linha do tempo. De um tempo manso em que as pessoas se sentavam nos alpendres de casa e proseavam. “Você já não é um. É a soma de todos os pedaços que se acumularam em sua passagem. Viajemos ao mundo dos outros, pois os outros é que definem parte do que somos”, entrega o *Manifesto*. Sentadinhos na sala da Fazenda Carnaúba, Manu divide manuscritos, roupas, objetos e figurinos de Suassuna, guardados pela casa. “O sertão é dentro da gente.” Essa frase, do escritor Guimarães Rosa, ressoa nesse encontro entre viajantes e Ariano.

A expedição, como um todo, propõe um olhar para dentro do Brasil com interesse e paixão profundos. Por isso, “quem viaja não descobre. Aprende. Quem viaja transborda”. Definitivamente. ♦



Acima, o casario colorido de Cabaceiras. Na página ao lado, Manu, filho de Ariano Suassuna, recebe visitantes na Fazenda Carnaúba e inscrições rupestres na Pedra do Ingá



A dramatic sunset silhouette of a mosque. The large central dome is dark, contrasting with the bright orange and yellow sky. To the left, a tall minaret with multiple arched openings is silhouetted. Several birds are captured in flight against the sky. In the foreground, the dark outlines of city buildings and a road are visible.

CULTURA

AFRICACIONISMO

Um olhar artístico sobre a Tunísia

Marcada por contrastes – da cultura franco-arábica aos sabores e cores do Saara –, a Tunísia é rica em história. Ela já seduziu e inspirou artistas e segue sendo um destino repleto de lindas surpresas

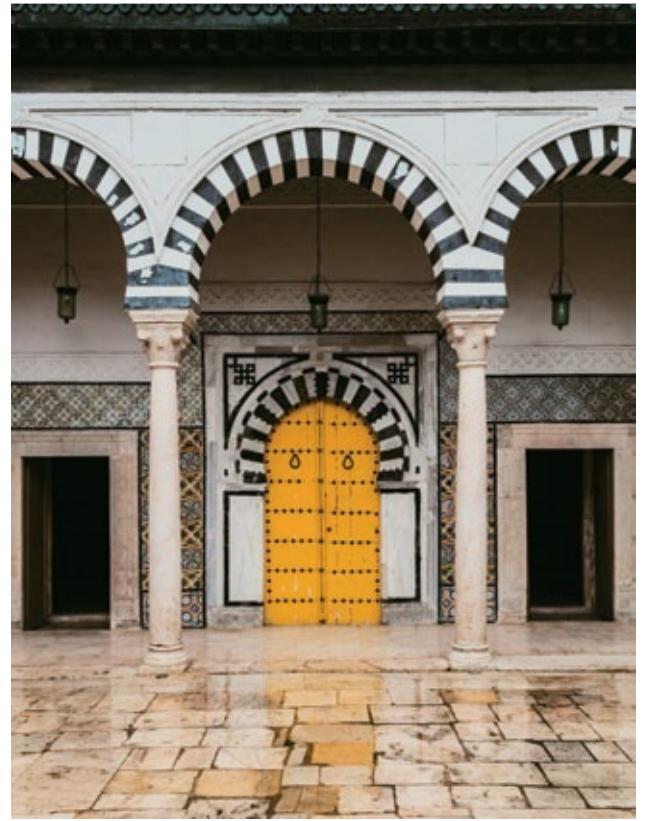
TEXTO E FOTOS LUIGI DIAS

A

Tunísia é um mosaico de civilizações. Os fenícios fundaram Cartago em 814 a.C., que floresceu como uma potência antes de ser destruída pelos romanos, em 146 a.C., tornando-se uma de suas províncias mais prósperas. A chegada dos árabes, no século VII, trouxe o Islã e consolidou a cultura magrebina. Durante o período otomano (entre 1574 e 1881), a Tunísia manteve certa autonomia, até cair sob o domínio francês, conquistando a independência em 1956. Hoje o país carrega as marcas desse passado diverso, visíveis tanto nas medinas labirínticas quanto na arquitetura colonial e nas ruínas romanas, espalhadas pelo território. Foi por esse emaranhado de tradições que minha viagem se desenrolou – entre ecos de lendas antigas e vestígios de impérios, em que cada pedra parecia contar a sua própria história.

A Tunísia permeia o meu imaginário de forma quase palpável através de imagens. Lembro também do cheiro de jasmim, do café forte, das orações ao entardecer e da chuva persistente na noite de Natal, quando cheguei à Medina de Túnis. Uma senhora me aguardava do lado de fora do táxi. Caminhamos em silêncio até uma porta amarela, onde dois gatos de madeira guardavam a entrada. Ali encontrei abrigo, calor... e o começo do sonho.

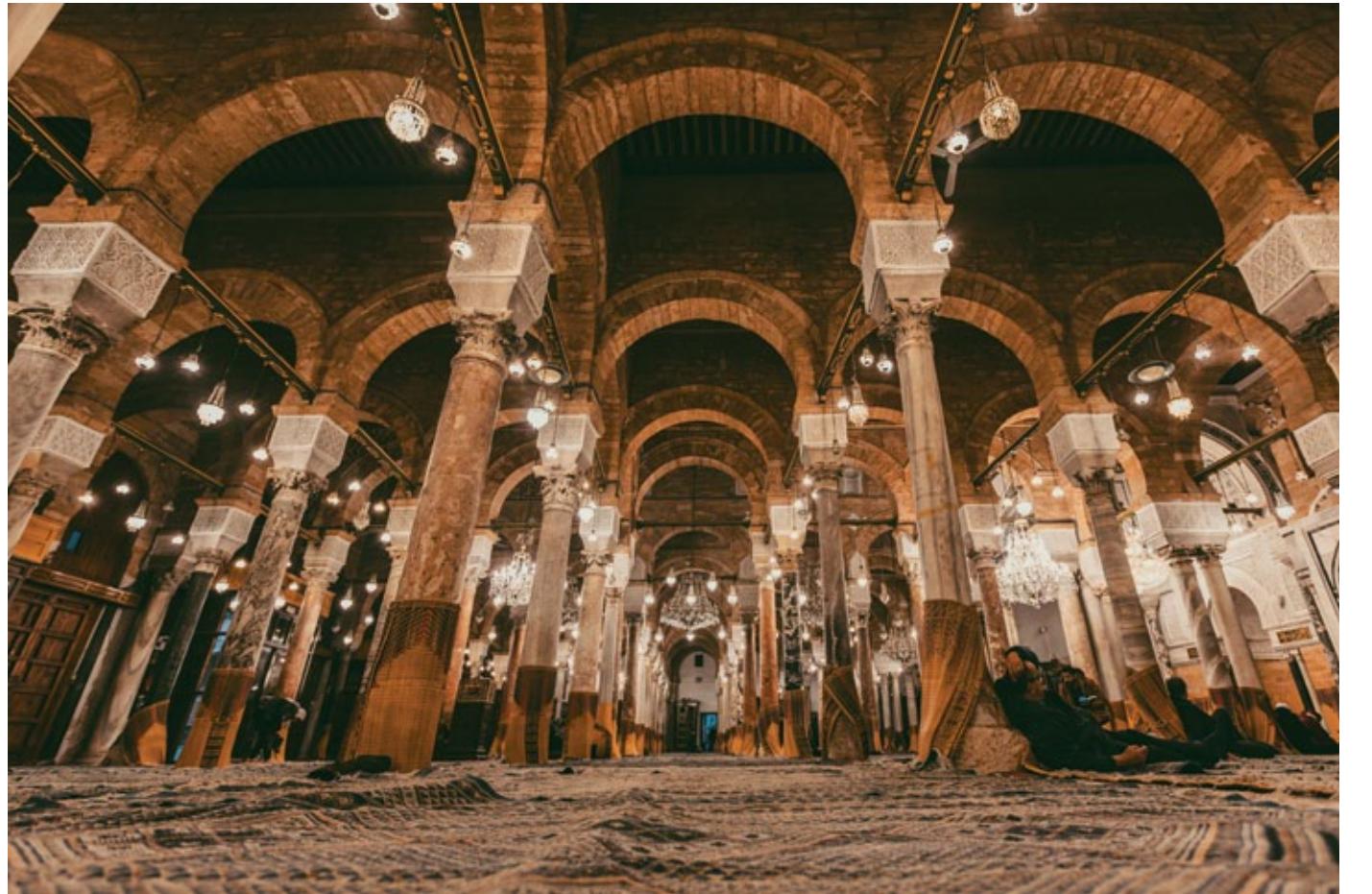
Vista da Medina de Túnis com o minarete da Mesquita Al-Zaytuna, fundada em 864, ao fundo. Na página ao lado, movimento na Praça Vitória, ponto histórico na entrada da Medina, e o Palácio Dar Othman, também em Túnis



ESPECIARIAS, SOUKS E ARTE

A primeira semana foi marcada por frio e umidade. As ruas molhadas exigiam atenção. Guiado pelo cheiro de pão e café, cheguei a uma praça acolhedora, perto de onde fiquei hospedado. A Medina, com seus *souks* e vielas, é viva e labiríntica. Um lugar onde os séculos sussurram. Não vou mentir: a comida é o que primeiro me move numa nova cidade. Não me interesso por monumentos e pontos turísticos lotados. É nos pequenos mercados e bancas de rua que encontro a essência do lugar. Neles a minha timidez se dissolve – muitas vezes por necessidade, e quase sempre pela fome.

Em Túnis, os sabores falam alto. A comida de rua dita o ritmo, com seus temperos sedutores e, para a minha alegria, apimentados. A massa é aberta na hora para receber recheios de legumes frescos, a carne de ovelha e, surpreendentemente, a de porco. Aqui se percebe algo singular: o país é infinitamente mais aberto do que seus vizinhos mais famosos, Marrocos e Egito. Isso se revela na culinária, na produção e no consumo de álcool (vendido discre-



tamente nos supermercados) e numa dança despretensiosa entre sabores árabes e franceses, que sem esforço se encontram e se entendem.

Depois de alguns dias em Túnis, segui para Sidi Bou Said. O motorista me esperava perto da Praça Kasbah, à margem da Medina. Seguimos pela estrada cintilante, rumo à costa mediterrânea. A chuva persistente, que parecia nunca dar trégua, me fez desejar com toda a força um raio de sol, uma centelha dourada qualquer que justificasse a promessa da previsão do tempo. Meu objetivo era simples: fotografar o amanhecer em Sidi Bou Said, uma cidade suspensa entre o azul do céu e o do mar, que um dia encantou Kandinsky e Paul Klee.

Sidi Bou Said não pertence ao tempo comum. É um vilarejo sonhado, alheio à pressa de Túnis, como se tivesse sido esquecido pelo ritmo do mundo. Suas casas brancas e azuis, moldadas por influências andaluzas e mouriscas, são a matéria dos sonhos mais românticos. Aqui Chateaubriand se perdeu, Flaubert encontrou beleza, Foucault se deixou levar. Mas talvez tenha sido Paul Klee quem mais profundamente absorveu sua essência. Caminhando por suas ruelas de pedra, entre portas ornamentadas e brisas cálidas, ele sentiu a cidade penetrar sua alma. Mais tarde, escreveria: “Um conto de fadas tornado realidade. Ficará para sempre dentro de mim essa grande serenidade que me abraça”.

No meu retorno a Túnis, o sol me recebeu com honrarias. O frio cedeu e a cidade parecia outra: cheia de vida, vozes e cores. Crianças corriam, cafés exalavam aromas e risos. A Medina despertava lentamente no primeiro dia do ano, como quem tateia um novo tempo. Na manhã seguinte, peguei o trem rumo ao sul. O destino: Metlaoui, em direção a Tozeur.

**A medina de
Túnis, com
seus *souks* e
vielas, é viva
e labiríntica.
Um lugar onde
os séculos
sussurram**

Acima, o interior da Mesquita Al-Zaytuna. Na página ao lado, em sentido horário, um vendedor ambulante de doces, transeuntes caminham sob arco na Praça Vitória, pescador em Sidi Bou Said e rua de Túnis antiga





**Na costa mediterrânea,
Sidi Bou Said é uma
pequena cidade suspensa
entre o azul do céu e o do
mar, objeto de inspiração
de grandes artistas**

SENSAÇÕES QUE TRANSFORMAM

Foram 14 horas num trem gelado, sem portas, com o assento quebrado. A “primeira classe” era uma ficção. Em cada sacolejo da locomotiva, havia um impulso rumo ao desconhecido – e ao que ainda estava por vir.

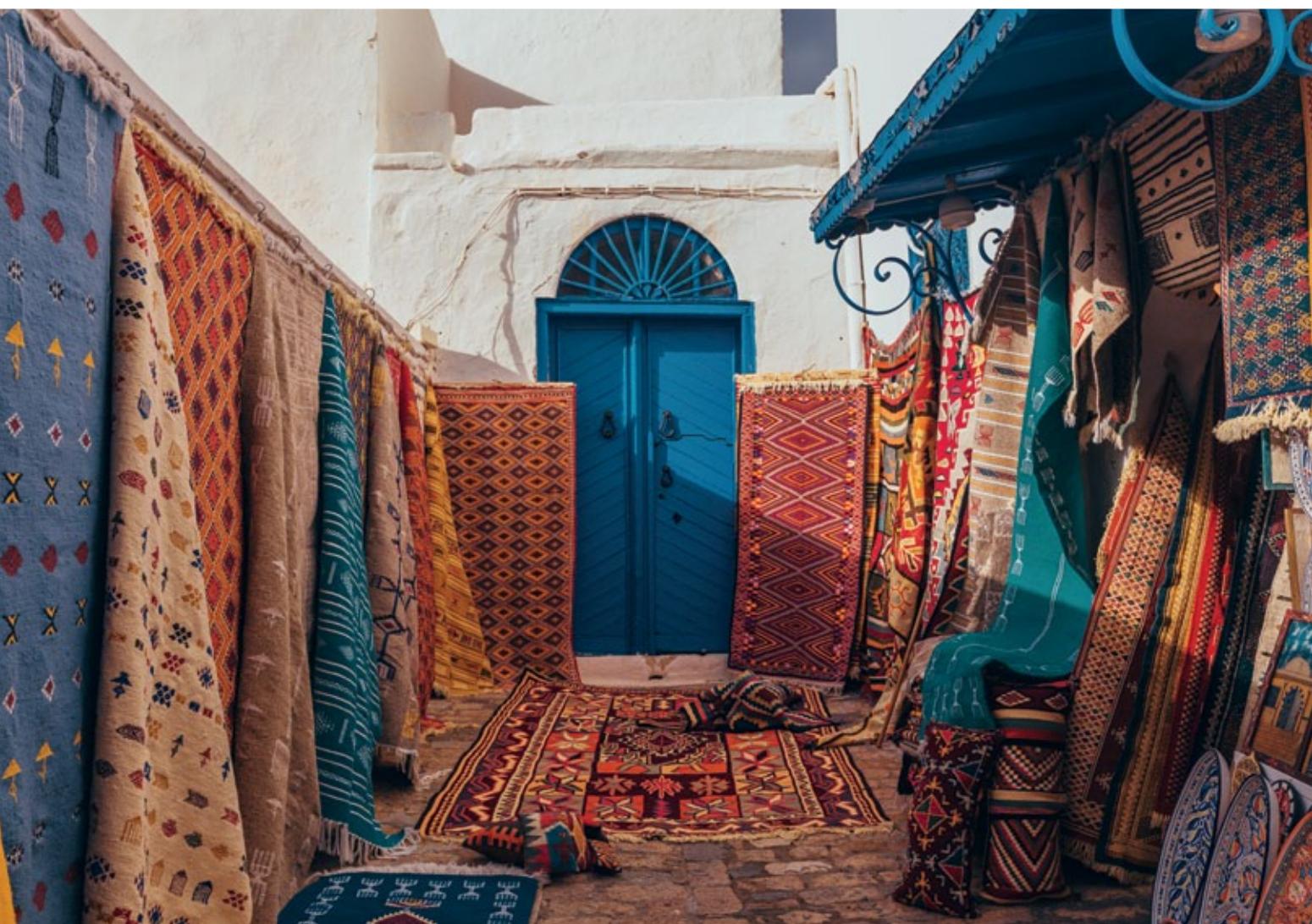
Muito se fala sobre como a Tunísia teria influenciado Kandinsky no nascimento do abstracionismo, mas pouco se explica com clareza. O que há nessa terra capaz de remodelar o olhar de um artista? Não se trata apenas da tapeçaria berbere ou da arte dos povos do norte da África, mas de uma soma de sensações que atravessam o tempo e tocam o espírito. Compreendi isso em Tozeur – uma cidade-oásis, que um mito local afirma ter sido fundada pelo neto de Noé após o Dilúvio.

Em Tozeur, há uma narrativa que paira no ar, suspensa no crepúsculo, como se o tempo hesitasse entre o dia e a noite. O pressentimento inquietante de que tudo o que vemos é um eco do passado, ou talvez de um futuro próximo. Ali, luz e matéria conspiram em uma coreografia geométrica, um “africacionismo” que sobrepõe camadas de tempo como tapetes amontoados em uma medina. Não é de estranhar que o próprio Kandinsky, décadas após a sua passagem pela região, a tenha descrito

Acima, barcos de pesca
 ancorados em Sidi Bou Said



As cores mágicas do amanhecer
em Sidi Bou Said. Abaixo, loja de
tapetes no mesmo vilarejo



As cores intensas
do Deserto do Saara,
em Tozeur





como um “ambiente fantasmagórico” – o mesmo sentimento que me atravessou nessa cidade encantadora, perdida nas saias do Saara.

Linhos, texturas, preces ao cair da tarde. A silhueta de um minarete contra um céu tingido de vermelho sangue. Como dar forma a esse turbilhão de sensações estilhaçadas sem recorrer à arte?

Apesar de todos os percalços – e não foram poucos –, é impossível não olhar para a Tunísia com um grande apreço e admiração. Como sempre, manobrar as adversidades faz parte da jornada. Se nem tudo saiu como o esperado, a sensação que fica é a de que saiu diferente. Talvez melhor, mais intenso, mais verdadeiro do que eu jamais poderia ter planejado.

É um país de contrastes vívidos: das dunas do Saara ao azul hipnótico de Sidi Bou Said, passando pela generosidade do povo e pelo charme da comida de rua. Mesmo sob a chuva e o frio, algo me empurava adiante pelas ruelas da Medina. Viajar, afinal, é um ato de fé.

Entre alegria, frustração e silêncio, contei meus passos como quem reza, e deixei o que não comprehendi aos deuses antigos dessas terras.

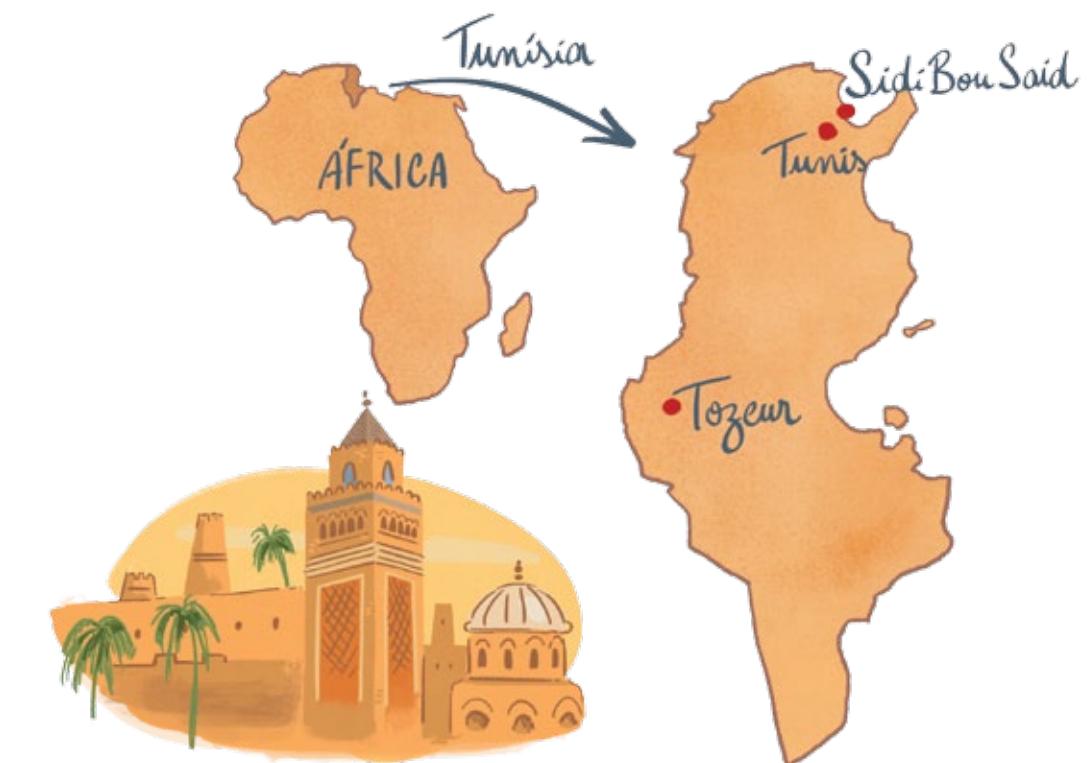
Obrigado, Tunísia. 



Acima, as areias do deserto invadem velhas construções em Tozeur e menino berbere com camelo no Saara



Acima, uma das piscinas, com vista para o Mediterrâneo, e a fachada do Four Seasons Tunis com a piscina principal ao centro



ARTE

À flor da pele

A pluralidade da arte africana e de seus arraigados artistas ganha ainda mais fascínio e luz no Zeitz MOCAA, um museu que transformou a cena cultural da Cidade do Cabo

POR ZECA CAMARGO

FOTOS: INSTALLATION VIEWS, 'SALA', COURTESY OF ZEITZ MOCAA.
PHOTOGRAPHY BY DILLON MARSH.



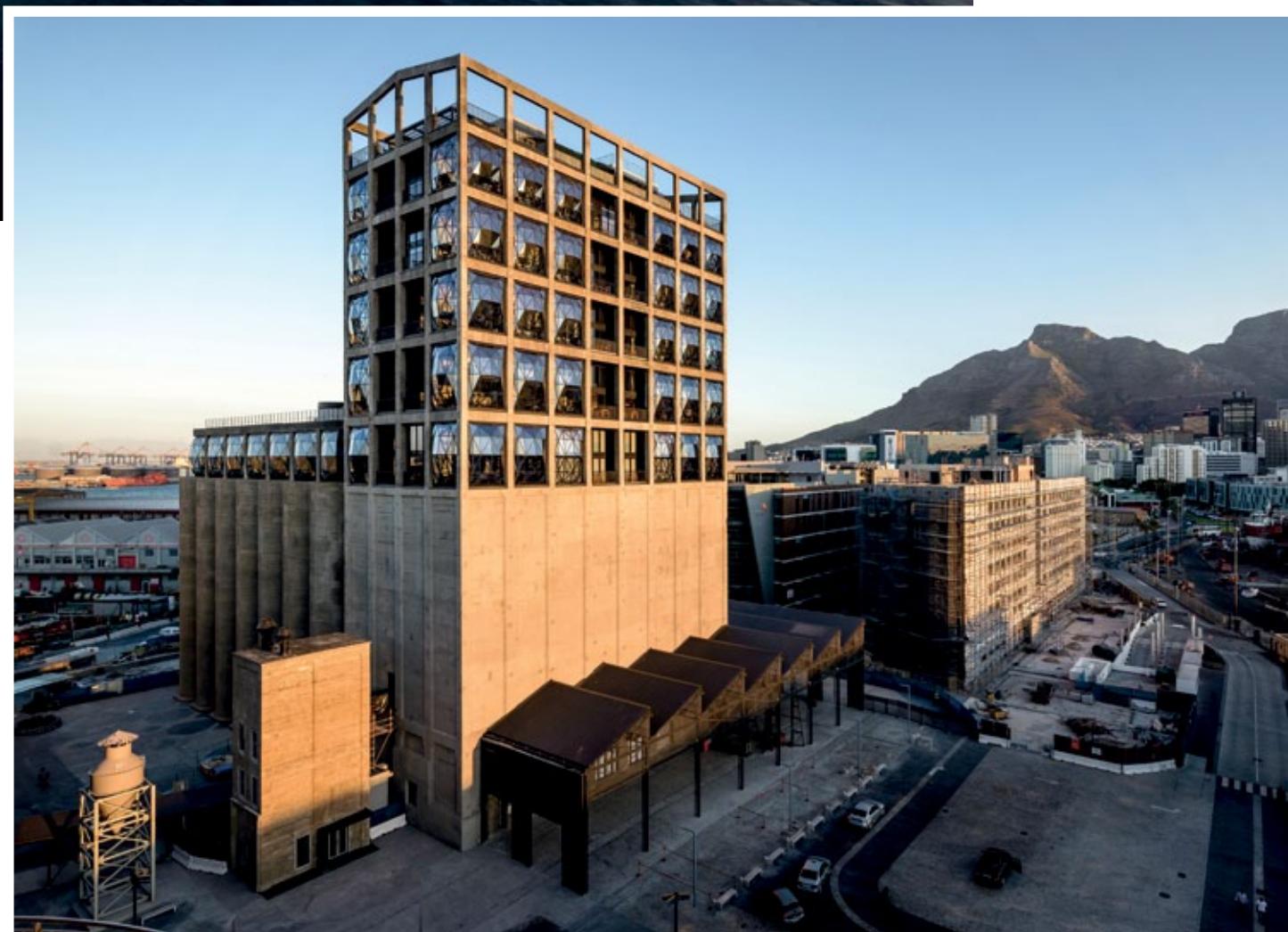


Ao lado,
vista sobre a
exuberante
paisagem da
Cidade do Cabo
ao entardecer.
Abaixo, fachada
do Zeitz MOCAA
e do The Silo,
hotel que ocupa
os andares do
edifício sobre o
museu

“**M**useu” não é a primeira definição que você vai encontrar ao procurar o significado de “silo” no dicionário. Mas quem visita a Cidade do Cabo, na África do Sul, e não se lembra do que a palavra quer dizer (principalmente “reservatório usado para armazenar materiais secos”), pode achar mesmo que ela seria a mais perfeita tradução de silo ao conhecer o Zeitz MOCAA.

Esse museu, dedicado em grande parte à arte contemporânea africana, é uma relativa novidade imperdível numa cidade que não peca pela falta de atrações estonteantes para os visitantes. A Cidade do Cabo sempre foi o destino mais procurado na África do Sul, um país que soube explorar de várias maneiras seu potencial turístico.

Entre safáris inesquecíveis, paisagens únicas e riqueza cultural, que é fruto da própria mistura das histórias do lugar, quem escolhe esse destino agora tem mais uma razão para justificar a viagem: um mergulho na arte de um continente cuja vocação nessa seara está apenas começando a ser descoberta pelo resto do mundo.





Acima, fotografia impactante do sul-africano Athi-Patra Ruga na mostra permanente *Sala* e artefatos africanos em outro ambiente do mesmo museu

passarelas que inaugurou uma referência visual contemporânea em Nova York, na região de Hudson Yards.

Enquanto o Vessel tem o objetivo de encher os olhos de quem visita de dentro para fora, para a paisagem de Nova York, o silo do museu convida nosso olhar para seus interiores. A ideia é exaltar a espetacular coleção de obras e artistas em suas galerias, enriquecendo ainda mais a experiência de quem visita a cidade.

ALÉM DAS EXPECTATIVAS

Antes de falar dos artistas e trabalhos da coleção do Zeitz, vamos começar pela arquitetura dele – e aí temos que voltar para a estranha palavrinha do início dessa narrativa: silo. O desenho do museu é antes de tudo fruto da criatividade (e engenhosidade) de um time que olhou para uma pouco atrativa construção abandonada e pensou: “Acho que dá para criar aqui algo interessante”. E bota interessante nisso!

Quem assina o projeto do “edifício” é o Heatherwick Studio, o mesmo time de arquitetos que criou recentemente o Vessel, uma estrutura feita de escadas e



Acima, o átrio do Zeitz MOCAA com um dos elevadores futuristas em forma de cilindro ao fundo. Ao lado, a arquitetura interna do museu é marcante, com recortes no cimento, formas e contornos cavernosos



Mesmo que você tenha programado sua visita ao Zeitz MOCAA só para mergulhar na arte que ele abriga, a atenção é imediatamente roubada pelo prédio, logo na entrada no museu, no trajeto para os elevadores – o recomendado é começar pelo sexto andar e vir descendo pelas escadas. Ali a visão dos antigos depósitos de concreto, agora recortados, nos hipnotiza e, com ironia, faz com que o prédio centenário nos remeta não ao passado, mas ao futuro.

Os elevadores flutuam como cápsulas saídas de *Guerra nas Estrelas* e os recortes inesperados no cimento emprestam às formas cilíndricas contornos cavernosos, dignos de um cenário do filme *Alien* original, porém com uma diferença: todo o Zeitz MOCAA é banhado de luz. A não ser, claro, quando as obras expostas pedem a intimidade de uma sala escura, como na primeira mostra que visitei.



Instalação da artista sul-africana
Lungiswa Gqunta no Zeitz MOCAA



A coleção do Zeitz MOCAA propõe o entendimento de que a arte da África é plural, rica e gigante

IMPACTO PROFUNDO

Em todo o sexto andar, o artista vietnamita-americano Tuan Andrew Nguyen propõe um novo olhar sobre a diáspora africana, que mexe com quem pensa apenas no impacto da miscigenação daquele continente na Europa e nas Américas. Em

seus filmes sensíveis, ele coloca o dedo em uma ferida ainda aberta de gerações de famílias do sudeste asiático que têm um passado africano. (A exposição acontece até setembro de 2025 e por si só vale a visita ao museu!)

Esse novo olhar não poderia ser um cartão de visita melhor para quem chega ao Zeitz MOCAA com fome de arte africana contemporânea. Assim como o continente, que jamais pode ter seu nome reduzido a um bloco uniforme de culturas, o que o museu sul-africano oferece é o entendimento de que a arte da África é plural – e gigante.

Acima, imagem do trabalho de Athi-Patra Ruga na mostra *Sala*. Ao lado, quadros da mesma exposição, que reúne 17 artistas africanos contemporâneos



Acima, obra do jovem artista Neo Matloga na mostra *Sala*. Ao lado, parte da mesma exposição coletiva no Zeitz MOCAA

Em outra sala especial, Rita Mawuena Benissan, artista de origem ganense baseada nos Estados Unidos, elabora suas instalações em torno da cultura Ashanti. Tronos, símbolo de autoridade e poder, e rebuscados para-sóis, que protegem os reis e governantes, dançam à nossa volta, com ecos de sedução e ameaça. Benissan, honrando seus ancestrais, nos confunde propositalmente com delicadeza e brutalidade. Ninguém sai indiferente dessa visita.

Além disso, o acervo do Zeitz MOCAA recebeu uma curadoria cuidadosa para refletir o diálogo entre o passado e o presente, entre a África e o resto do mundo. Os nomes de peso da arte africana estão todos lá, do venerado William Kentridge à irreverente fotógrafa Zanele Muholi, que recentemente ganhou retrospectiva no Tate Modern, em Londres, e no IMS, em São Paulo.

Não há onde você passe os olhos e não saia refletindo sobre o que viu. O mérito de tamanho impacto é não apenas dessa coleção, imbatível e ousada, mas também do espaço de circulação. Um espaço, diga-se, que não se limita ao museu. Nos andares superiores da construção fica um dos mais incríveis hotéis da Cidade do Cabo, talvez até de toda a África: The Silo.

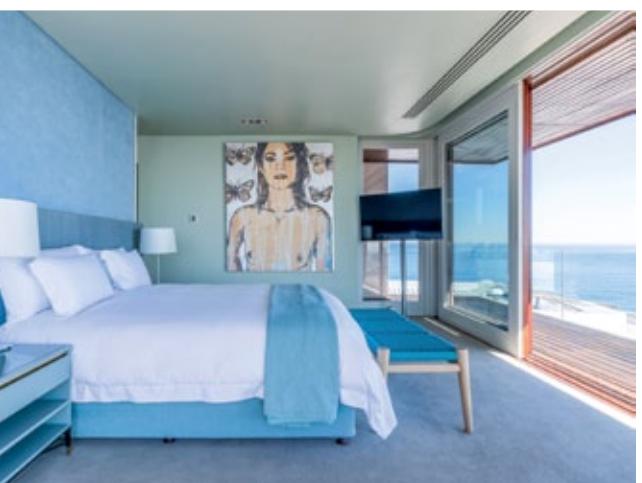


COSMOPOLITA E COOL

Os quartos de dois andares, banhados de sol, a proximidade do centro de compras Victoria Wharf, a vista espetacular de seu rooftop (o melhor lugar para conferir o pôr do sol na cidade), o serviço impecável e a atmosfera de arte que inevitavelmente vaza do museu... Tudo é muito estimulante e elegante.

Imagine: quando estive lá, tive a sorte de presenciar uma exposição de artistas sul-africanos e moçambicanos numa galeria-relâmpago surreal, montada no estacionamento do hotel!

Ficar no The Silo é como estar numa festa com as pessoas mais legais da cidade. Do clima *chill* do café da manhã aos DJs tocando até a madrugada na cobertura, o hotel reflete a atmosfera animada da Cidade do Cabo, embalado por um clima cosmopolita. O lugar ideal para ficar por lá, a não ser que você prefira um hotel que também tenha muita arte, mas com ênfase na exclusividade e na tranquilidade. Aí a opção tem que ser o Ellerman House. Debruçado sobre uma vista deslumbrante do que é considerado o limite do Oceano Atlântico, há poucos quartos e duas vilas (uma delas é onde Bill Gates costuma se hospedar). Pedra preciosa da chancela Relais & Châteaux, o hotel é uma casa particular adaptada para receber. Por isso, os quartos são diferentes uns dos outros e dão a impressão de que você é um



Acima, a charmosa propriedade que abriga o Ellerman House e a suíte de uma das vilas. Na página ao lado, piscina do The Silo e dois ambientes do mesmo hotel

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

 Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



hóspede querido, amigo da família proprietária. A arte aqui também está muito presente: você pode até fazer um tour guiado para conhecer a coleção, que abrange não só artistas contemporâneos, mas também vários modernistas, sempre africanos.

Se o The Silo nos faz sentir como parte da cidade, o Ellerman House dá a sensação de ser o dono dela. Nesse oásis de sofisticação, depois de uma fantástica degustação de vinhos na adega, onde as garrafas são acomodadas numa escultura em forma de saca-rolhas gigante, você, como eu, se pergunta: por que levei tanto tempo para descobrir a Cidade do Cabo? ↗

A wide-angle photograph of a coastal road in California. A cyclist is seen from behind, riding away from the viewer on a paved road that curves along a steep, rocky cliff. The road is bordered by a concrete barrier on the left and a grassy embankment on the right. The ocean is a vibrant turquoise color, filling the background. The sky is clear and blue. The overall scene is bright and sunny.

ESPORTE

CALIFÓRNIA

A VIAGEM DOS
SONHOS DOURADOS

*O deslumbrante cenário
da Costa Oeste californiana
é roteiro de uma viagem de
bicicleta cheia de surpresas*



A proposta é mais do que tentadora. Imagine pedalar tendo como companhia a brisa fresca do mar, em uma das estradas mais deslumbrantes do planeta, e a imensidão como o único limite. De um lado, o azul profundo do Oceano Pacífico, e do outro, a dramaticidade de imponentes montanhas. De San Francisco a San Diego, o roteiro ganha ainda mais nuances de charme e liberdade, já que, em duas rodas, é possível acessar lugares aonde os carros não chegam, além de fazer paradas estratégicas em diferentes *spots* para apreciar a paisagem ou simplesmente retomar o fôlego. Isso sempre na companhia de uma equipe local experiente e totalmente dedicada ao seu bem-estar e conforto. Essa é a essência do Discovering California, uma viagem incrível de bicicleta idealizada pela 7sherpas, empresa referência em experiências premium de ciclismo e aventura nos EUA

PEDAL SOB MEDIDA

Muito mais do que uma simples pedalada, o programa oferece uma viagem inesquecível e transformadora, que traz à tona toda a essência da Califórnia, incluindo as curvas da lendária Highway, com paisagens cinematográficas e vilarejos encantadores, que proporcionam para os ciclistas momentos de conexão profunda com a natureza e consigo mesmos. Conforme as expectativas e a performance de cada viagem, o roteiro pode ser customizado de acordo

Ao lado, a emblemática Golden Gate, em San Francisco, inaugura o pedal, que passa por belas estradas da costa do Pacífico. Na página ao lado, o Big Sur, destaque do trajeto



com o perfil do grupo de ciclistas. Dá para ajustar o número de dias na estrada, as distâncias diárias pedaladas, o ritmo do pedal, os tipos de hospedagem (que vão desde hotéis butique até resorts cinco estrelas) e incluir atividades complementares, como uma sessão de ioga ao pôr do sol, massagens relaxantes e jantares em restaurantes estrelados. Cada detalhe é pensado com muita delicadeza para proporcionar uma experiência única, sempre com conforto, segurança e um toque de sofisticação, o que transforma as viagens em lembranças eternas.

O percurso começa na cosmopolita San Francisco e, logo no início, já causa um grande impacto, com a travessia de bicicleta pela icônica Golden Gate Bridge – um perfeito ritual de boas-vindas para o que está por vir. Dali, os ciclistas seguem ao longo do Pacífico por cenários que mais parecem pinturas, como Carmel-by-the-Sea, com sua *vibe* artística e refinada, o impressionante Big Sur, onde as montanhas brutas mergulham na delicadeza do oceano, e algumas pequenas comunidades, como Cambria e Morro Bay, em que o tempo parece desacelerar para que cada momento seja plenamente vivido, e com muito charme.

De San Francisco a San Diego, os roteiros podem ser personalizados e incluir estradas cênicas, vinícolas, hotéis butique e alta gastronomia



Pedalar por esses lugares é descobrir a Califórnia de forma íntima, intensa e sensorial. As bicicletas permitem o acesso privilegiado a trilhas escondidas, mirantes secretos e praias desertas, que passam despercebidas pelos turistas que viajam de carro. É comum parar e contemplar uma família de lontras brincando entre as pedras ou avistar baleias-cinzentas em sua migração anual. Todos momentos que marcam a alma.

DA ESTRADA À MESA

Ao longo da rota, a gastronomia também tem o papel de protagonista. Vinícolas premiadas, restaurantes *farm to table* e *chefs* locais surpreendem com menus que valorizam ingredientes da estação frescos, harmonizados com os melhores vinhos da região. Entre as opções com visitas guiadas e degustações de alguns dos melhores rótulos, a Presqu'ile Wine fica em Santa Bárbara e merece a sua atenção. Já a belíssima Montelena é uma propriedade de tirar o fôlego, e com uma tradição de vinhos premiados. Na mesma região a Hearst Ranch Winery é uma vinícola jovem e tem vistas lindas para apreciar com uma taça de branco, tinto ou rosé em mãos.

Ciclistas em ação no programa Discovering California, um roteiro criado pela 7sherpas

Entardecer em uma das praias que estão no roteiro do pedal



O roteiro é sempre acompanhado pelo olhar atento da equipe, pronta para transformar cada dia em um novo capítulo dessa aventura. O destino final é a ensolarada San Diego. É nela, com clima perfeito, praias douradas e uma energia contagiosa, que encerramos a jornada pela costa da Califórnia. Com um roteiro totalmente flexível, outras opções de destino final poderão ser adicionadas, atendendo a qualquer exigência dos ciclistas. Afinal, como todo viajante apaixonado sabe, o mais importante não é o destino, mas a jornada. E, nessa viagem, ela é simplesmente extraordinária.

Exatamente por isso, o Discovering California é um convite para ciclistas que buscam mais do que uma viagem de férias. É para o viajante que deseja se reconectar com a natureza, com os amigos, com a vida e consigo mesmo, sem ter que se preocupar com detalhes que possam distrair a sua paz. Uma verdadeira celebração da liberdade sobre duas rodas, com alma esportiva, essência de aventura e o luxo da simplicidade bem-vivida.

7sherpas.com



FOUR SEASONS SAN FRANCISCO

Ideal para viajantes conscientes e sofisticados, o Four Seasons Hotel San Francisco oferece uma experiência de luxo contemporânea no coração da cidade, com vistas deslumbrantes e acesso fácil à Union Square e a outros *spots* de arte, gastronomia e consumo. Sua elegante arquitetura combina elementos naturais e design moderno, refletindo a beleza da região da baía. Os hóspedes desfrutam de acesso ao Equinox Sports Club, com piscina, programas de bem-estar e spa. O hotel adota práticas sustentáveis, como reciclagem de plásticos descartáveis e uso de ingredientes locais no MKT Restaurant. ♦

Acima, ambientes e a fachada do sofisticado Four Seasons San Francisco



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

O MUNDO
É INFINITE.
DESCUBRA
O SEU.

**Viaje com Visa Infinite e descubra
um mundo de benefícios:**

- Acesso a mais de 1.200 Salas VIP em aeroportos pelo mundo.
- Seguro para emergências médicas em viagens internacionais.
- Proteção para suas compras nacionais e internacionais.
- Acesso ao Visa Infinite Fast Pass, o acesso expresso ao raio-x no Aeroporto Internacional de São Paulo.



Saiba mais sobre os benefícios para quem ama viajar:
visa.com.br/viajecomvisa

A Visa não é provedora dos seguros. Seguros oferecidos pela AIG Seguros do Brasil S.A. Consulte Termos e Condições: visa.com.br/viajecomvisa

VISA
Infinite

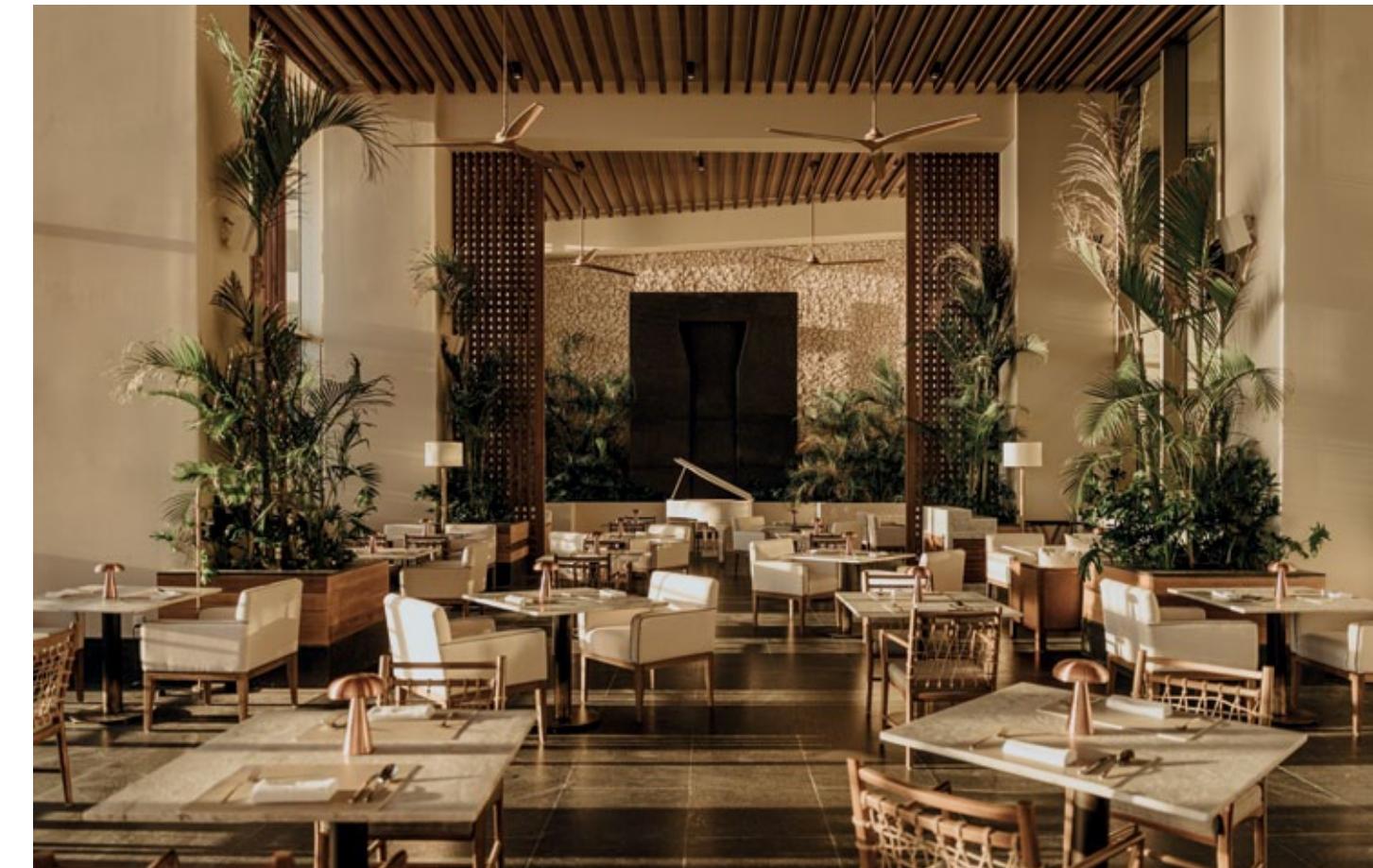
BEM-ESTAR

JORNADA DE CURA

Autocuidado, tratamentos com tecnologia de ponta e foco na saúde do corpo e da mente são as propostas de uma temporada de wellness absoluto no SHA México

POR MARIA ALICE CAVALCANTI





Acima, a elegância do SHAmadi Restaurant, área de nutrição do SHA. Na página ao lado, a piscina com borda infinita da propriedade

Apauta do bem-estar superou, há muito tempo, os limites da parede das salas de massagens e tratamentos estéticos e das saunas e terapias convencionais. Hoje a saúde e o bem-estar são pilares essenciais para uma vida plena. A busca por férias voltadas para o *wellness* é uma realidade para um número cada dia maior de viajantes, uma pausa para cuidar da saúde, do corpo e da alma. Se der para integrar tudo isso com terapias e tratamentos de ponta, ainda melhor.

Essa é exatamente a proposta do SHA México, uma referência no tema e que tem como princípio combinar tratamentos de vanguarda da medicina científica – especialmente nas áreas de prevenção e genética, com as terapias naturais mais eficazes, em que se enfatiza especialmente a nutrição terapêutica.

Primeira unidade do grupo fora da Espanha, o SHA Wellness ocupa uma construção contemporânea na Riviera Maia, que incorpora referências orgânicas e sustentáveis e teve sua arquitetura inspirada pelo genoma humano. Bem em frente a Isla Mujeres, no maior recife de corais do Hemisfério Norte, ele evoca paz, beleza e “elegância pé na areia”.

Logo na chegada, cada hóspede é encaminhado

para o seu “concierge de bem-estar”, a pessoa que, durante a estadia, ficará responsável pela agenda de consultas e pelo programa de alimentação e tratamentos, tudo de acordo com os propósitos pessoais de cada um. Há protocolos que beneficiam a saúde, o emagrecimento, o rejuvenescimento, a longevidade e a redução de estresse, entre outros.

O primeiro passo é uma avaliação médica com exames físicos e cognitivos, quando são indicadas as orientações de especialistas. A partir de então, o programa de saúde é personalizado e engloba dietas, tratamentos com tecnologias avançadas e terapias que podem atuar no equilíbrio físico e mental. A melhora nos sintomas e queixas iniciais é sentida já nos primeiros dias no SHA.

Para definir a dieta, o hóspede passa por uma consulta, que inclui a revisão do histórico médico, uma entrevista pessoal e *check-up*. Os resultados são levados em consideração para definir o cardápio das refeições, baseadas no conceito de nutrição saudável. A SHA Nutrition se baseia em uma dieta saudável, energética, principalmente alcalina e muito equilibrada, dando prioridade a ingredientes locais, sazonais e, claro, orgânicos, sempre com uma apresentação digna de alta gastronomia.

Cada hóspede recebe um programa de nutrição, de saúde e de tratamentos montado de acordo com seus propósitos pessoais



PREVENÇÃO E NOVOS HÁBITOS

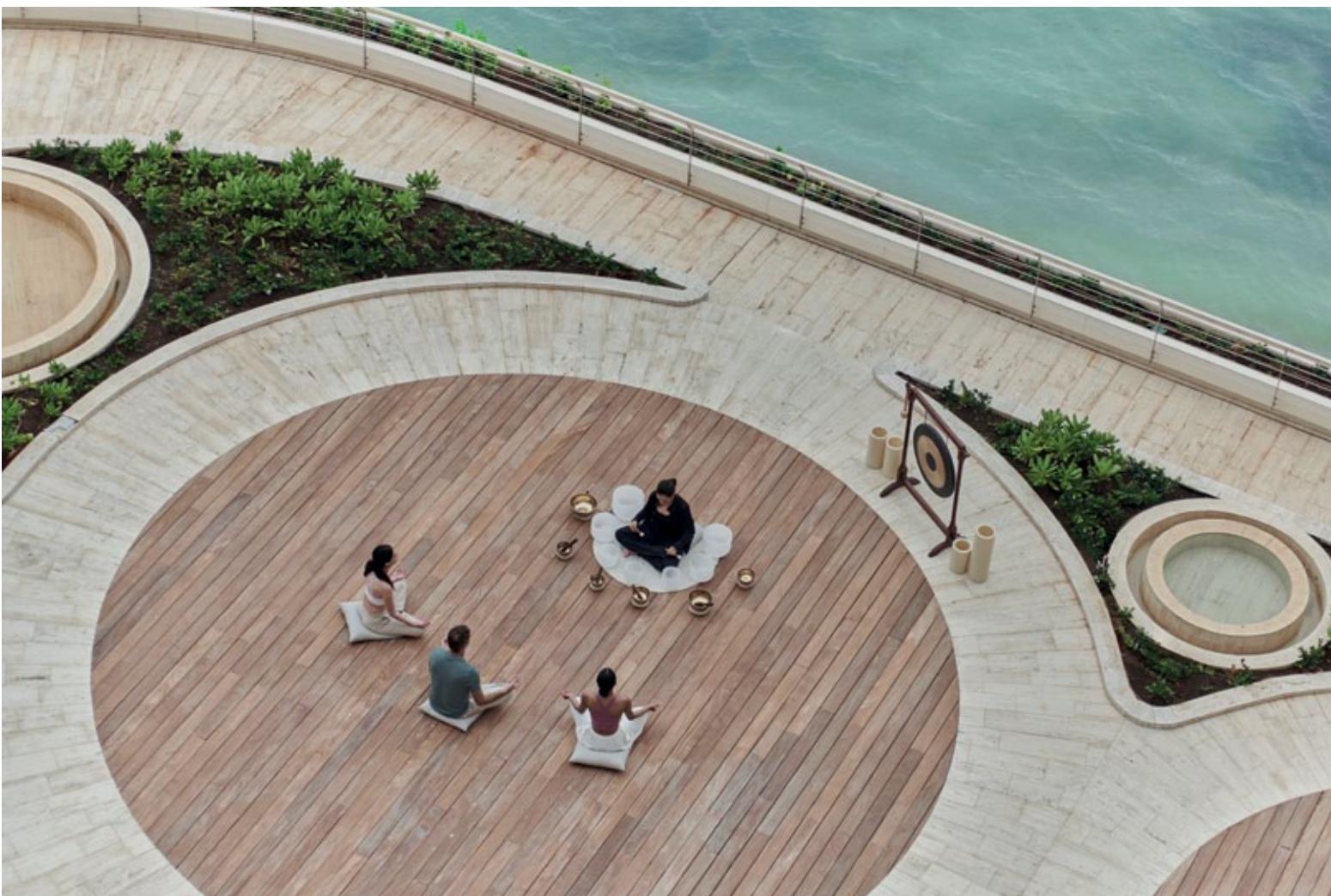
Há poucos centros tão equipados no mundo, com opções de tratamentos pautados pela medicina revitalizante, que busca restaurar o equilíbrio e o funcionamento do corpo e de seus órgãos e tecidos para melhorar a qualidade de vida. Há várias terapias envolvidas nesse processo, a exemplo da Terapia de Ozônio. O tratamento consiste na aplicação do ozônio no corpo e traz benefícios graças a seu poder antioxidante, oxigenante, revitalizante, antienvelhecimento, regenerador e imunomodulador, proporcionando efeitos positivos, que perduram ao longo do tempo: vitalidade, energia e uma grande sensação de bem-estar, ao mesmo tempo que fortalece o sistema imunológico.

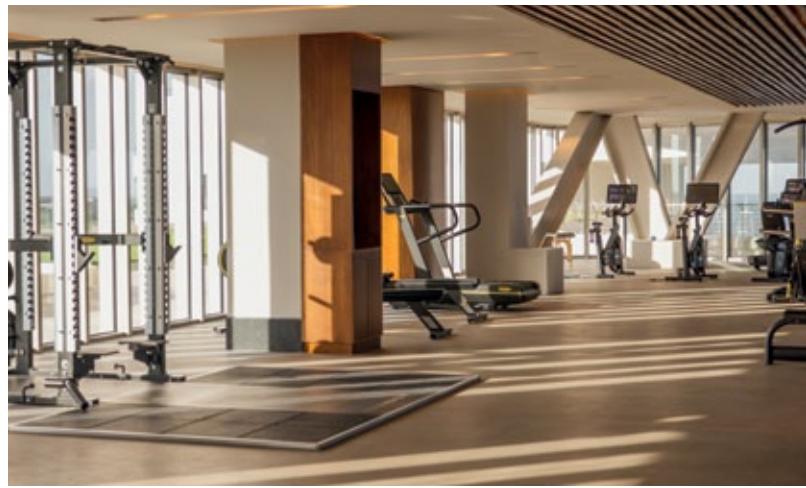
Muito indicado para processos inflamatórios e também como analgésico, estimulante e ativador do metabolismo e do sistema imunológico, a crioterapia é outro tratamento oferecido para protocolos de saúde e de beleza, já que a exposição do corpo a baixas temperaturas por um curto período de tempo, em ambientes controlados, pode ser também associada à prevenção do envelhecimento.

Para além dos benefícios físicos, o SHA também se concentra na saúde mental e emocional de seus hós-

Acima, tratamento de estimulação intracraniana. Ao lado, a piscina de hidroterapia.

Na página ao lado, hóspedes praticam ioga e meditação com *sound-healing*





pedes. Entre os programas indicados, há consultas neurocognitivas, fotobioestimulação cerebral e estimulação elétrica intracraniana. Essa última consiste em uma técnica que usa o efeito da neuroestimulação para aumentar a plasticidade cerebral ao realizar uma atividade e ajuda a fortalecer as conexões no cérebro. Isso possibilita ajustar a maneira como áreas específicas do cérebro funcionam, por meio do uso de impulsos bioelétricos, e ajuda na melhora de derrames e lesões cerebrais, além de dores, depressão e zumbidos.

Todo o programa é arrematado pela sensação de bem-estar que o próprio ambiente do SHA proporciona. A beleza natural do entorno, a cordialidade da equipe, a elegância, o design de interiores, as suítes, com amplas varandas e vista para o mar azul-turquesa: tudo contribui para que os dias passem com leveza e a sensação plena de autocuidado. 



Acima, um dos pratos servidos no restaurante e, ao lado, hóspedes se exercitam ao ar livre e a academia do complexo. Na página ao lado, piscina interna do circuito de hidroterapia e sala de tratamento





ENTRE A DISCRIÇÃO E A DESCOBERTA

Embora nenhum país muçulmano reconheça oficialmente a homossexualidade ou disponha de uma cena pública, o turismo LGBTQ+ nesses destinos tem criado uma atmosfera de tolerância tácita – desde que tudo se mantenha na esfera privada

POR SHOICHI IWASHITA

Até que ponto estamos dispostos a cruzar a linha entre a nossa identidade e o respeito às tradições locais para desbravar culturas fascinantes? São infinitas as nuances da sexualidade, das culturas e das religiões. Em um mundo cada vez mais complexo, mas que discute a vida em textos curtos no X ou em vídeos de um minuto no TikTok, é importante colocar as coisas em contexto. Da mesma forma que o conjunto da população gay masculina é composta de indivíduos com gostos, estilos e comportamentos completamente distintos (e sem nem entrar no mérito das outras letras da sigla, L, B, T, Q, I, A etc.), nos 50 países com populações formadas por maioria muçulmana, há diferentes níveis de influência do Islã sobre o Estado.

O mundo muçulmano é vasto. Da costa oeste da África ao leste asiático, de pretos a amarelos, passando por mediterrâneos, dos xiitas aos sunitas, passando pelos ibaditas, são muitas as camadas históricas, culturais, políticas, jurídicas e teológicas.



Acima, Rocha do Pombos, em Raouche, em Beirute, Líbano

Há países como as Maldivas e a Arábia Saudita, que são estados teocráticos, onde a conversão ao islamismo é obrigatória (ou seja, a cidadania está atrelada à religião) e a prática de qualquer outra fé é proibida, mas... toleram ou têm mostrado disposição de tolerância com comportamentos estrangeiros por causa do dinheiro do turismo. Há também repúblicas seculares, como a Turquia e a Indonésia, que abriga a maior população muçulmana do mundo e onde está Bali, em que as leis civis não são regidas pela lei islâmica, a Sharia.

Para completar, há ainda o fato de o quanto essas leis são realmente aplicadas. Nos países muçulmanos hoje mais radicalizados, onde são terminantemente proibidos o contato e a interação com o sexo oposto fora da família ou do casamento, o sexo entre dois homens – principalmente jovens adultos – costuma ser algo velado, mas corriqueiro. Não foi sempre assim.

PARADOXOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA

O judaísmo, o cristianismo e o islamismo, as três religiões monoteístas que tiveram origem no mesmo patriarca, Abraão, possuem trechos – no Alcorão

e na Torá, que é também o Antigo Testamento da Bíblia – que são interpretados como condenações à prática sexual entre dois homens. Lembrando que, mais de 2 mil anos atrás, não existia a noção de identidade homossexual ou orientação sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo, que só surgiria a partir do século XIX. O que vale ressaltar, no entanto, é que, historicamente, nem o judaísmo nem o islamismo perseguiam, condenaram ou mataram tantos homossexuais como o cristianismo. O radicalismo violento atual contra os homossexuais nos países muçulmanos é uma herança da Europa cristã.

Desde quando o Império Romano se converteu à Igreja fundada por Jesus Cristo até a Inglaterra vitoriana, passando pelas Inquisições – a medieval e a moderna – e pelo nazismo, com seu Cristianismo Positivo, os homossexuais foram perseguidos, torturados, mortos e até queimados vivos pelo Estado. É impressionante pensar que, na Inglaterra, país do punk, dos Rolling Stones, do David Bowie e do Boy George – sem mencionar ilustres personagens gays passados –, a homossexualidade era crime até 1967, punida com prisão e castração química.

O grande paradoxo é que foram justamente os in-



gleses (e também os franceses no Marrocos), quando eles passam a invadir o mundo no século XIX, que instituem a criminalização da homossexualidade em países muçulmanos, como a Malásia, a Nigéria e o Paquistão. Todos países que, mesmo após a independência, mantêm até hoje em vigor as leis inspiradas na famigerada seção 377 do código penal britânico vitoriano.

Com a colonização europeia, passa a ser censurada a milenar literatura homoerótica dos poetas muçulmanos, termina a presença dos garotos de programa – certificados pelo Estado – nos *hammans* otomanos e, com a incorporação do moralismo ocidental, a Sharia passa a ser aplicada de forma literal e implacável, principalmente contra mulheres e homossexuais.

GAYS VIAJANDO PARA OS PAÍSES MUÇULMANOS

O dilema é grande. O quanto eu preciso deixar de lado minha identidade para conhecer a fascinante história egípcia, perder-me em medinas, *souks* e casbás em Fez ou em Argel, maravilhar-me com as artes decorativas e os tapetes iranianos e me deliciar com a gastronomia levantina? E ainda: em tempos de ativismo, deveríamos contribuir com a economia de países que perseguem e criminalizam os nossos iguais?

Há países muçulmanos mais abertos para a diversidade, como o Líbano, cuja capital, Beirute, abriga bares com clientela predominantemente gay e a Helem, a primeira organização de luta pelos direitos LGBTQIA+ do mundo árabe. Há países com leis severas – como Maldivas, Marrocos e Dubai –, que, por causa da enorme presença de estrangeiros (turistas e residentes), recebem bem casais gays desde que não se expresse o afeto em público (a demonstração de afeto entre homens e mulheres também é proibida nesses países). E aí há lugares como o Egito, cuja polícia promove uma perseguição sistemática, usando aplicativos de encontros da comunidade gay para realizar prisões, com direito a abuso físico, humilhação e exposição pública. Apesar da aplicação das leis não ser sempre severa, há uma insegurança jurídica que definitivamente não nos protege.

Na minha experiência, viajando com meu marido para países muçulmanos, e na de amigos e pessoas com as quais eu conversei para esta matéria – como o CEO da agência de viagens de luxo Explore Travel, Phillippe Takla, que já fez muitas viagens com o seu marido para destinos muçulmanos –, existe um fato que se repete: quanto maior a “passabilidade” do viajante gay, ou seja, quanto

Vista sobre o skyline de Kuala Lumpur, na Malásia. Abaixo, o sítio arqueológico de Hegra, na Arábia Saudita. Na página ao lado, a Mesquita Koutobia, em Marrakesh, Marrocos



maior sua capacidade de passar despercebido – nas roupas e nos trejeitos – por meio de um comportamento parecido com o de um heterosexual, e quanto mais parecer que são “dois amigos homens viajando juntos”, menores são as chances de ocorrer algum problema. Isso inclui solicitar uma cama de casal para que dois homens durmam juntos. Você nunca será questionado ou terá qualquer tipo de constrangimento ao longo da viagem.

Existe também outro fator de proteção, que é o privilégio de se hospedar em hotéis de luxo e contar com uma estrutura de serviços – principalmente guias e carros com motorista – ao longo da via-

gem. Em relato de um homem gay que prefere permanecer no anonimato, ao se hospedar com o namorado em um hotel mais simples no interior da Turquia, a camareira fazia questão de, todos os dias, durante a arrumação, separar as camas e colocar uma mesa de cabeceira no meio.

De resto, todo o cuidado é pouco. Vale evitar usar aplicativos de encontro – até para não ser rastreado – e sair com desconhecidos (usei o Grindr uma vez em Dubai e me lembro de ter teclado com um emirati que

queria me pegar de carro em uma avenida próxima ao hotel Armani e me levar para um “encontro” dentro do carro no meio do deserto). E nem pensar em demonstrar qualquer forma de afeto em público. Discrição e respeito aos códigos de conduta locais – mesmo que hostis conosco –, sempre.

O sentimento de viajar para países extremamente conservadores, muçulmanos ou não, é sempre contraditório para nós, viajantes homossexuais. Portanto, vai de cada um avaliar o quão se está disposto a “voltar para o armário” para conhecer um mundo muito diferente do nosso, mas com história e experiências fascinantes. ♀

ORGULHO FIERTÉ STOLZ 誇り ORGOGLIO STOLTHET 自豪
STOLTHED DUMA 자부심 TROTS ORGULL ГОРДОСТЬ
ORGULLO גאווה ΠΕΡΗΦΑΝΙΑ PONOS ПОНОС JURUVU
គ្រាមភាគភូមិ៍ BÜSZKESÉG TULLUUSIMAARNEQ HAAMĀURU
BRÓD KBURIJA YLPEYS KBURIJA HRDOST UAILL RIGUGGHIU
गर्व HAAHEO HARROTASUNA APUSKACHAY BALCHDER

EM QUASE 60 PAÍSES, O AMOR ENTRE PESSOAS LGBTQIAPN+ AINDA É PROIBIDO.
A UNQUIET CELEBRA TODAS AS NAÇÕES ONDE AMAR É UM DIREITO RECONHECIDO.

UMA HOMENAGEM DA UNQUIET AO MÊS DO ORGULHO
UNQUIET



ENSAIO

A Natureza no DNA

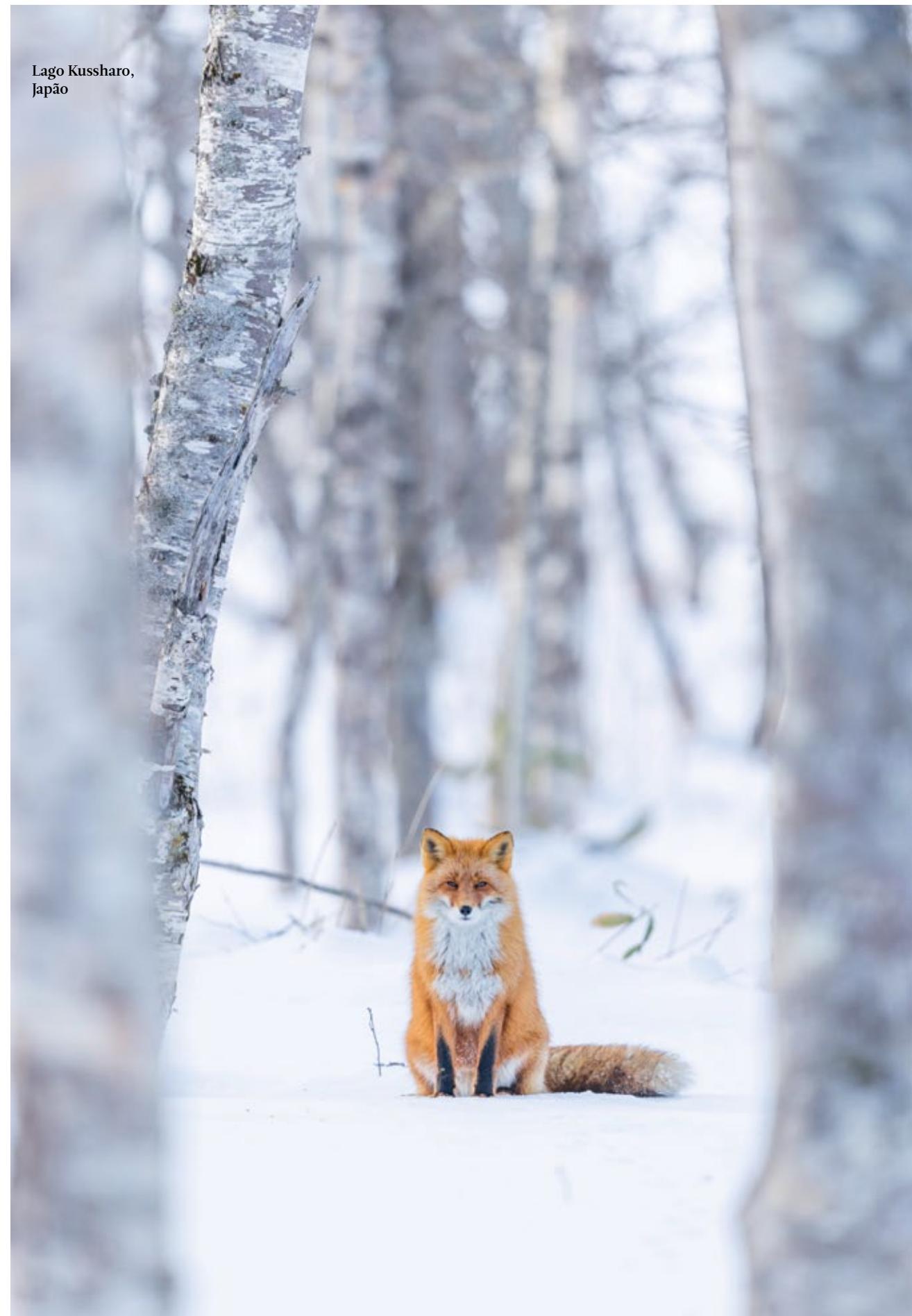
*Compartilhar histórias e imagens da fauna e flora
dos principais biomas mundiais é a missão de João Marcos Rosa*



Lago Kussharo,
Japão



Reserva Biológica Atol das Rocas,
Rio Grande do Norte



A landscape photograph capturing a vast, misty mountain range. The foreground is a dark, grassy field. In the middle ground, a dark bear is grazing on the right side. The background features a dense forest of tall, dark evergreen trees, with the mountains rising behind them. The sky is a pale, hazy yellow, suggesting either sunrise or sunset. The overall atmosphere is serene and wild.

Parque Nacional Lake Clark,
Alasca, EUA

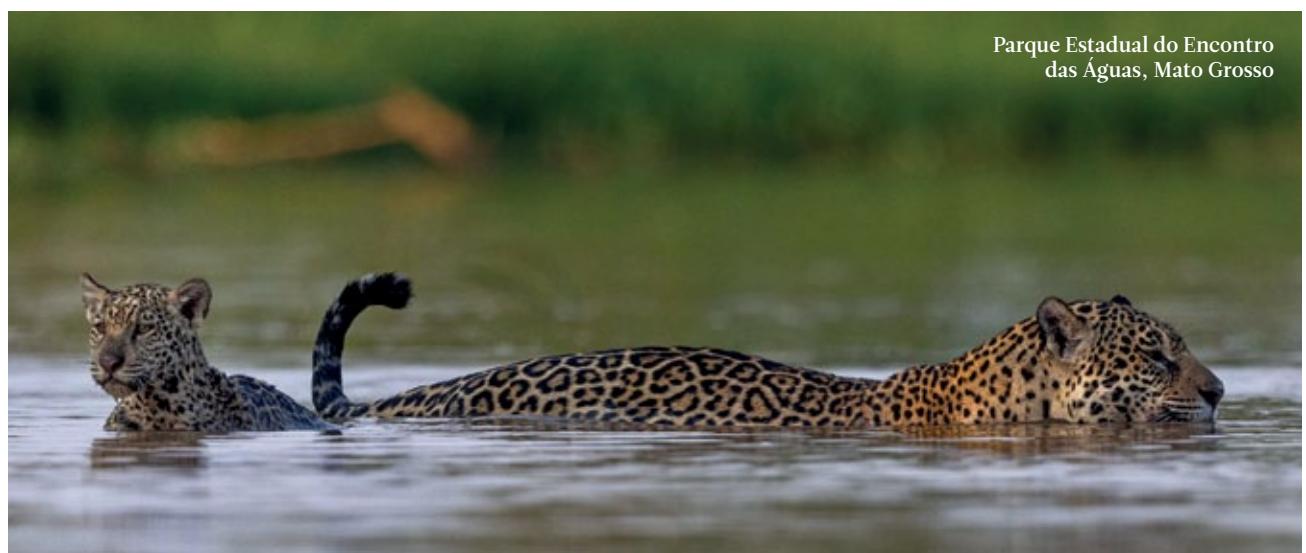
Mostrar a natureza também é uma forma de ensinar sobre sua importância essencial para a manutenção do planeta. Essa sempre foi uma das máximas do trabalho do fotojornalista e documentarista João Marcos Rosa, que há mais de 25 anos dedica sua vida ao trabalho de fotógrafo ambiental.

Mineiro, ele foi criado solto no amplo terreno de sua casa, em Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte. Ali descobriu cantos de pássaros, animais silvestres e insetos – sempre amou estar ao ar livre, em meio ao verde. Aos 15 anos, ainda sem saber o que o destino lhe reservava, folheou pela primeira vez um livro de fotografias do avô, seu João Rosa (assim como o gosto pela imagem, também herdou o nome do avô). Ficou fascinado e sentiu que algo mudou em seu olhar. Algum tempo depois, ganhou do mesmo avô uma câmera e pôs-se a fotografar o que via: seus olhos sempre se voltam para os temas que desde pequeno o encantaram, a natureza, o meio ambiente e seus tantos encantos em forma de árvores, plantas e animais. “Essa câmera passaria a ser a minha parceira no que, para mim, se tornou uma missão: documentar o mundo e contar histórias”, lembra João.

Ao final da escola, ele ficou em dúvida entre a biologia e o jornalismo, duas áreas que o fascinavam. Viu no jornalismo o caminho mais natural para continuar o trabalho que mexia com seu coração. “Ao terminar a faculdade em BH, mudei para o Rio de Janeiro para fazer pós-graduação, sempre com o foco em me tornar fotógrafo ambiental. Foi nessa época que conheci Araquém Alcântara, que me convidou para trabalhar com ele”, conta sobre a experiência ao lado de um dos maiores nomes da fotografia ambiental mundial.

Em 2004, João começou a colaborar com a versão brasileira da revista *National Geographic* e se aproximou do objetivo de viajar o mundo e documentar a fauna e a flora dos mais diversos biomas. “Fui parte da revista por 16 anos e fiz reportagens profundas. Conheci grandes nomes da fotografia e do jornalismo, que me ensinaram muito. Quando a publicação foi descontinuada no Brasil, me reuni com um time de fotógrafos parceiros e fundamos a Nitro Histórias Visuais, a minha produtora. Desde então, estamos desenvolvendo projetos em diversas frentes ambientais, socioculturais e educativas”, conta João, que, entre outros, tem sete livros publicados sobre espécies da fauna brasileira, além de exposições em diversos países, como Inglaterra, Alemanha e Uruguai. “Em setembro, eu volto à França com a exposição *Origem, a Amazônia Ancestral*, em parceria com o fotógrafo indigenista Renato Soares”, revela.

João Marcos Rosa diz que a missão de documentar está em seu DNA. “Tento usar o máximo de ferramentas para mostrar a realidade do mundo com o meu trabalho. Minha busca é por compartilhar histórias e imagens que inspirem e conectem as pessoas a se importar mais com a nossa casa, que é o planeta Terra”, diz ele, um confesso apaixonado pela caatinga brasileira. “Ela tem um encanto diferente, que realmente me arrebata por tudo que representa, por sua resiliência e biodiversidade. É um ambiente onde me sinto muito confortável para trabalhar, apesar de todas as adversidades, do calor, dos espinhos, do acesso remoto”, explica ele, que também guarda como um tesouro suas duas experiências fotografando a ilha japonesa de Hokkaido e pretende registrar a fauna exótica da tundra russa assim que possível. ♦



Parque Estadual do Encontro das Águas, Mato Grosso



Estação Ecológica de Fechos, Minas Gerais



GASTRONOMIA



Havana: a cozinha que celebra a vida

Por meio da gastronomia, a história da capital cubana é traduzida em sabores que percorrem a cultura, a resiliência e a versatilidade de um país muito especial

POR BELA GIL



C

onhecer Havana é como atravessar camadas do tempo. A sensação é de ser confrontado com a beleza decadente da arquitetura e com a força da coletividade, num país que ainda opera sob um sistema de racionamento e com o silêncio eloquente das prateleiras, parcialmente vazias – onde, curiosamente, nunca falta a generosidade. A comida em Havana não é apenas alimento: é símbolo, memória e resistência. E, para mim, foi também o fio condutor de uma experiência marcante.

A base da alimentação cubana é composta de ingredientes simples e acessíveis. O arroz e o feijão têm o papel de acompanhamento essencial para muitas refeições. Um dos pratos mais icônicos é o *moros y cristianos*, uma versão do nosso arroz e feijão, mas cozidos juntos, simbolizando a fusão das culturas europeia e africana. A *ropa vieja*, outro clássico, é mais do que apenas um prato de “carne cozida em molho de tomate”. É também uma alegoria da resiliência, do uso integral do alimento e do tempo que realça o sabor.

Entre os doces, o meu preferido é o *turrón de maní*, um doce de amendoim muito característico, facilmente encontrado nos carinhos de vendedores ambulantes. Uma ótima pedida para o docinho no meio da tarde.



Ao lado, o típico *roupa vieja*, prato comum na culinária local. Abaixo, grupo de músicos toca nas ruas de Havana Vieja. Na página ao lado, carros antigos percorrem o centro histórico





NO RITMO DO CORAÇÃO

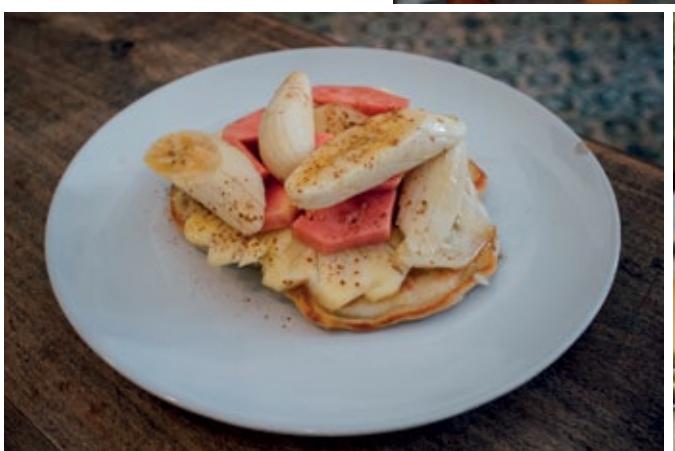
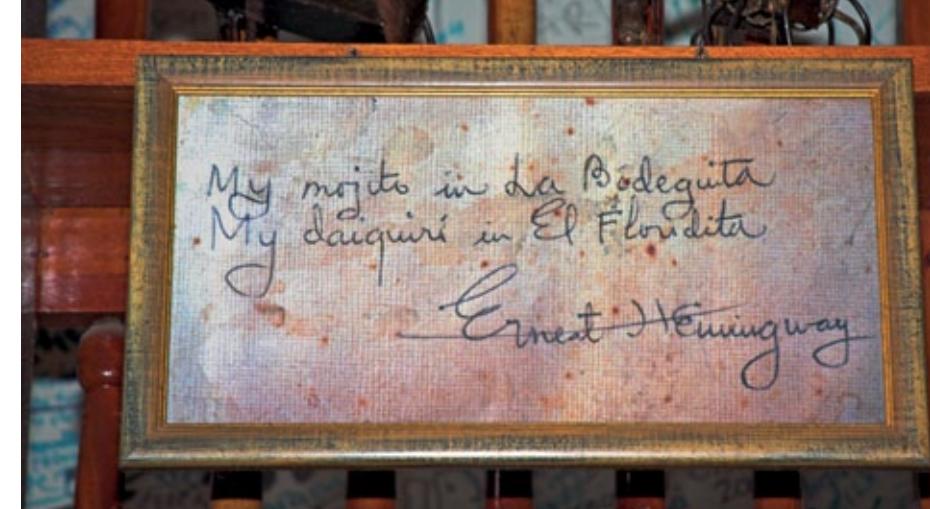
Por falar em tarde, enquanto caminhava por Havana Vieja, já ansiosa pela minha cervejinha pré-almôço, fui magnetizada pelo som que ecoava da Asociación de Cultura Yoruba de Cuba. Ali acontecia o ensaio de uma banda de salsa, que se apresentaria no Piano Bar do Teatro Nacional no dia seguinte. E lá fomos nós – meu cocompadre, minha comadre e eu – em plena tarde de sábado para o Delirio Habanero, o piano bar com vista privilegiada para a imponente Plaza de la Revolución. O que vimos foi uma celebração da vida: dezenas de senhoras e senhores cubanos dançando com uma alegria que desafiava o tempo, com roupas coloridas e muita disposição. Dancei como se estivesse em casa, com tias que nunca conheci. Uma tarde daquelas inesquecíveis!

Voltando ao tema que me trouxe à capital cubana – a comida –, como uma boa amante de culinária regional, gosto de conhecer a forma como são produzidos e distribuídos os alimentos nas cidades e nos países que visito. Em Cuba, a curiosidade era ainda maior. Então, no domingo, passamos para conhecer uma feira local. Fiquei surpresa com a diversidade de frutas, legumes e verduras. Do mamey à banana-figo, passando por uma variedade enorme de folhas frescas, a feira, que aqui é conhecida pelo nome *agro*, me surpreendeu com a farta oferta de alimentos frescos.

De lá, fomos todos conhecer uma cooperativa que produz alimentos agroecológicos, incluindo leite de cabra, vaca e búfala e seus derivados, como queijos saborosíssimos e iogurtes. A Finca Vista Hermosa fica a 30 minutos de carro do centro de Havana e é uma ótima pedida para um almoço delicioso no melhor estilo do campo à mesa. O trabalho que Iris e Juan, como gestora e chef de cozinha da Finca fazem é admirável. Vale muito a visita!

A comida em Havana não é apenas alimento: é símbolo, memória e resistência

Em sentido horário, assinatura de Ernest Hemingway em quadro no bar La Bodeguita del Medio, jovens fazem música em Havana, obra homenageia Che Guevara na Plaza de la Revolución e prato do tradicional El Café. Na página ao lado, cena de mercado local





Acima, em sentido horário, salão do Los Mercaderes, prato servido em abacaxi no Doña Eutimia, vista externa do El Cocinero e entrada do Doña Eutimia. Ao lado, prato do El Cocinero

Para quem gosta de um café da manhã bem farto e variado, o El Café é o lugar. O suco de abacaxi com beterraba, gengibre e cenoura é imperdível. Se estiver com um grupo grande, sentem-se à mesa comunal e experimentem o *waffle*, o iogurte, os diversos sanduíches e um ótimo cappuccino feito com leite de amêndoas fresco. O porto seguro dos veganos. No Bahía Rooftop, a especialidade são os frutos do mar, preparados com precisão e muita técnica. Do menu, o curry de frango (ou vegetais, no meu caso) é muito saboroso. Os drinques também são muito bem-feitos. Ouso dizer que é o restaurante com a comida mais saborosa da cidade.



Ao lado, o edifício histórico que abriga o Gran Hotel Manzana Kempinski e quarto do mesmo hotel

Nosso jantar de despedida foi no próprio Gran Hotel Manzana Kempinski, onde ficamos hospedados em grande estilo e recepcionados com calor e carinho. No centro histórico de Havana, o hotel mescla a elegância atemporal da rede Kempinski ao melhor da cultura cubana, uma combinação cheia de charme, acolhimento e, claro, grandes referências à gastronomia do país, em seus bares e restaurantes. Instalado em um edifício do final do século XIX, ainda mantém a aura de glamour da Havana de outrora, com amplas janelas francesas e vistas magníficas de Havana Vieja.

Que final feliz! Cuba segue em movimento, se reinventando com os recursos que tem. A esse país jamais direi adeus, mas “até breve”. 





AVVENTURA

TRANSCENDENDO A AURORA BOREAL

Duas exploradoras desbravam um dos arquipélagos mais remotos da Noruega em busca da aurora boreal, mas descobrem espetáculos naturais e existenciais muito além dela

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
E NAIARA WAGNER
FOTOS GUSTAVO ZYLBERSZTAJN



R

aramente é a paisagem em si que nos desperta para uma viagem, mas o que buscamos sentir perante ela. Para uma de nós, a expectativa em relação à visita à Ilha de Manshausen, um intimista observatório do grande fenômeno da aurora boreal, era sentir um mundo suspenso no tempo – longe de estruturas nababescas e amarras tecnológicas. Para a outra, o que a atraiu ao norte da Noruega foi a ideia de presenciar os tons de verde, azul e violeta do fenômeno mais lunático do céu, dançando em sincronia com as estrelas, somada a dias de contato puro com uma natureza bruta.

O fenômeno nem sempre foi motivo de admiração e comoção. Nos povos ancestrais, a aurora boreal causava um impulso relacionado à sobrevivência – o significado da natureza extrapolava o cenário. Ela foi considerada, de fato, uma alma presente. O espetáculo celeste era, inclusive, entendido como um espírito vivo.

Os antepassados das terras de Steigen, a região onde está localizada Manshausen, vivenciavam a natureza com cautela e reverênci-

A ocupação dos povos Sami, originários do norte da Escandinávia, remonta à Idade da Pedra, com vestígios de mais de 10 mil anos atrás, possivelmente movida pelo avanço do degelo pós-glacial e pela abundância de alimentos marinhos, como peixes e mariscos. Em outro tempo, entre os séculos VIII e XI, os vikings navegaram por essas mesmas águas, aproveitando sua posição estratégica como um elo entre o sul e o norte da Noruega. Já a história da Ilha de Manshausen – que, em alemão arcaico, pode ser traduzido como “refúgio do homem” – tem início no final do século XVII, quando ela passou a servir como um abrigo essencial para marinheiros e um importante porto comercial para pescadores. Muito provavelmente, nenhum desses povos sequer imaginou que, um dia, essas terras seriam apreciadas como paisagens de contemplação.

Acima, a Praia de Okhsholmen. Na página ao lado, vista aérea da Ilha de Manshausen e da Baía de Nordskot

LUGAR DE GENTE FELIZ

A chegada se dá em camadas. Guiadas por mentores da Livsta – uma criadora de viagens de aventura e expedição que seleciona a dedo destinos inusitados para levar grupos –, seguimos para a primeira parada: Oslo, que serve como um aperitivo para o que virá depois. A cidade, sóbria e frugal, se camufla em uma modernidade que nos transporta para um tempo distante no futuro, onde a efusão faz parte do comportamento rotineiro da população. Ali é possível sentir a alegria das pessoas, que desfrutam de uma tamanha qualidade de vida. Não há letreiros luminosos, ebulição de cores primárias ou qualquer cenário que confunda a visão.

ISOLAMENTO NA NATUREZA EXTREMA

Logo seguimos para Bodø, uma pequena cidade recortada por montanhas e fórdes imponentes. Apesar de ser o ponto de partida para muitos dos principais roteiros da Noruega, o que se vê é uma cultura local autêntica e preservada. De lá, finalmente saímos, de barco, para o nosso destino final. Localizada em um dos arquipélagos mais remotos da Europa, Manshausen é propriedade do explorador polar Børge Ousland, que a transformou em um hotel, composto de nove cabines de design vanguardista, suspensas sobre o mar. Por fora, observa-se uma estrutura de ferro austera e, por dentro, um aconchegante interior escandinavo. As janelas, do piso ao teto, fundem o interior com o exterior, dando a sensação de estarmos sobre as águas. Poucos lugares convidam a uma introspecção tão profunda e genuína. A propriedade, de mais de 5 hectares, abriga ainda uma sauna, igualmente cênica, um espaço de refeições, acoplado a uma sala de convivência, e as dependências da equipe de funcionários. O restaurante serve um delicioso e criativo menu sazonal, em que praticamente tudo o que se come é plantado na ilha.

A estadia em Manshausen é um convite, quase de aceite obrigatório, à interação com a natureza, seja de forma contemplativa, seja por meio das diversas atividades



Em um dos arquipélagos mais remotos da Europa, a ilha de Manshausen é um convite à interação com a natureza extrema e plena

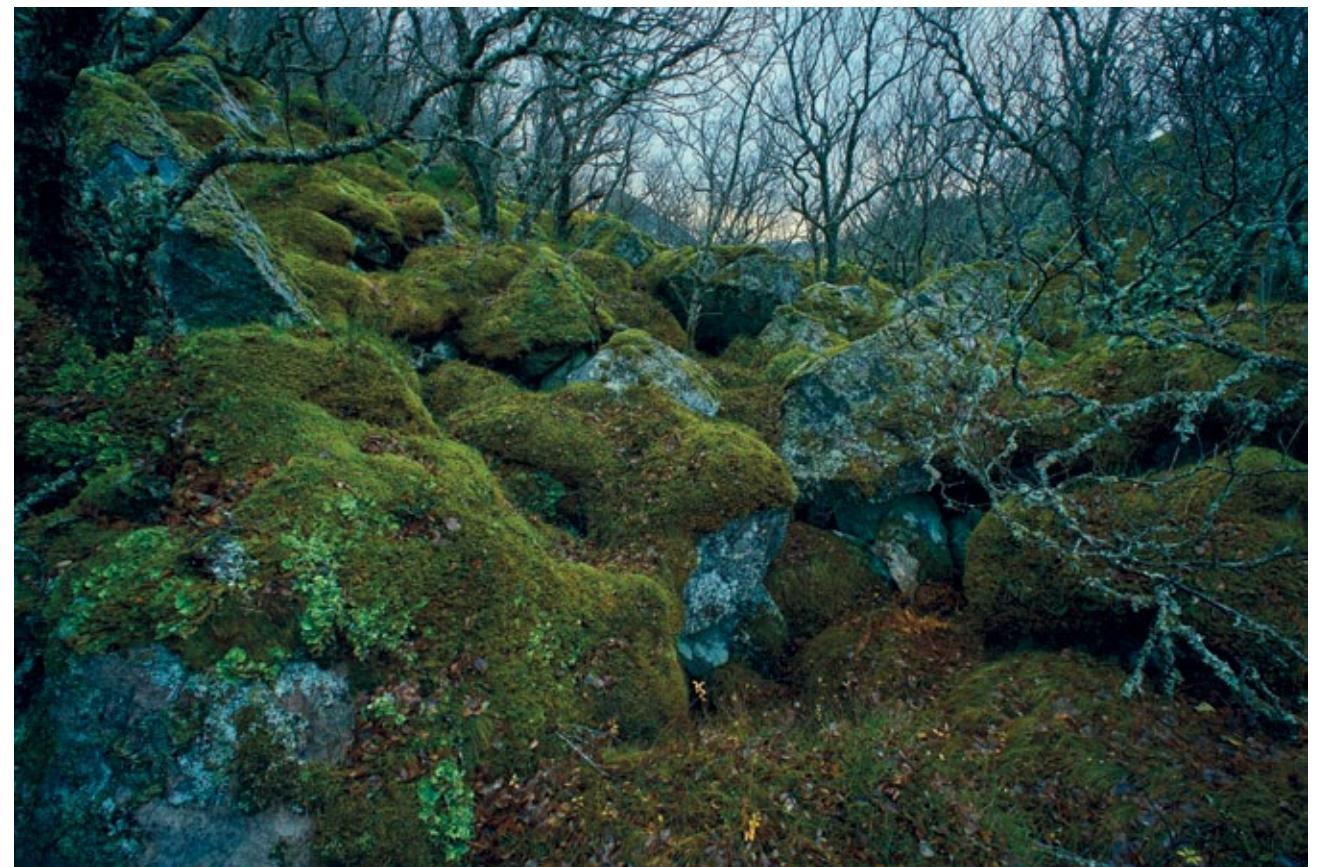
propostas. Nossas escolhas foram a pescaria, as caminhadas e o caiaque. Começamos pela pesca e jogamos mais de 40 iscas no fundo do mar. Como a atividade requer paciência para a magia acontecer, aproveitamos o tempo para caminhar sobre uma das formações geológicas mais antigas da Europa: o Escudo Báltico. Enquanto movíamos os pés, em sintonia com os tons melancólicos do outono e as rajadas repentinas de vento, compartilhávamos descobertas íntimas – como a percepção de detalhes da imensidão dos paredões dos fiordes, de mais de 500 milhões de anos.

Como deixar a vida fluir é sempre a melhor escolha, a natureza percebe e entrega grandes surpresas. Já era a hora de voltar e conferir a pescaria, quando o vento soprou as nuvens cinzentas, dando espaço para o sol brilhar, lembrando que não existe nada mais esotérico do que os fenômenos naturais. O clima extremo apressou nossa passagem pela cristalina Praia de Oksholmen e, em instantes, com a agitação de criança, pulamos no barco para ver com o que o oceano nos presentearia. As gaivotas já estavam satisfeitas, de tantas iscas não aproveitadas. Mas bastou uma para a mágica acontecer. Então, puxando como um cão feroz e sua técnica apurada, uma delas foi fiscada e, Angus, o guia, afirmou completamente desacreditado: pescamos um alabote de quase 2 m de comprimento e 85 kg. Comemoramos com todos, como se fôssemos amigos de longa data, e o peixe, uma vez em terra, serviria mais de 300 refeições, segundo o chef.

EM BUSCA DA MAGIA

O que nos intriga é como ficamos confortáveis no desconforto que as viagens podem proporcionar. O dia seguinte amanheceu chuvoso e com ventos fortes. Mesmo assim, colocamos nossas melhores roupas e seguimos para a água – dessa vez, de caiaque. Além de

Acima, trekking até a Praia de Oksholmen. Na página ao lado, trekking pelas montanhas de Nordskot e vegetação local no outono



Cubo mágico do Manshausen
com a aurora boreal





aprendermos noções básicas de sobrevivência, parecia que estávamos remando sobre um campo de capins dourados, que na verdade eram algas marinhas contrastando com a água cristalina. Nesse momento, compreendemos por que os povos antigos reverenciavam tanto o mar. A contemplação rapidamente se transformou em presença e cautela.

A verdade é que o que magnetiza os aventureiros até a ilha é a possibilidade de assistir à aurora boreal. Assim que o crepúsculo se abre para a noite, os olhos se voltam para o céu, à procura de algum sinal de luz. Quando ela aparece, de dentro dos cubos mágicos, que são as suítes de Manshausen, o que vem à mente é um lembrete tenaz do mistério que é o universo, trazendo uma forte, embora silenciosa, sensação de reverência.

É impossível prever a dança ou o desenho que ela fará no céu, ou a incandescência de seu tom de verde, mas, invariavelmente, nos sentimos pequenos perante algo imenso.

Ao longo da história, povos antigos tentaram compreender esse fenômeno celeste por meio de mitos, lendas e interpretações espirituais. Na mitologia escandinava, ele era visto



Ao lado, o vento forte e as cores do outono moldam os cenários de Steigen. Na página ao lado, em sentido horário, os fiordes de Nordskot, uma típica casa local, o grupo com o alabote de 85 kg pescado no passeio e as ovelhas que vivem em Manshausen

como o reflexo da figura das Valquírias, guerreiras celestiais que escolhiam quem morreria e quem viveria nas batalhas. Elas cavalgavam pelos céus e suas luzes seriam o brilho de suas armaduras ou as faíscas de suas espadas.

Já os cientistas explicam a aurora boreal como partículas vindas do Sol, conhecidas como ventos solares, que são atraídas pelo campo magnético da Terra e entram em contato com gases na atmosfera.

Seja qual for a versão, o fato é que ela bagunça os sentidos, faz explodir as emoções e reacende as dúvidas mais insolúveis de nossa existência. 

livstaexperience.com



NATUREZA

Terra da *Imaginação*

Uma travessia pelo laboratório das Ilhas Galápagos - onde a vida selvagem ainda pulsa livre, a ciência se mistura à inventividade e a natureza revela, em silêncio, as origens de tudo

POR
CAROLINA SAGESSER
RODRIGUES





Há exatos 190 anos, em setembro de 1835, Charles Darwin desembocava do navio *HMS Beagle* nas Ilhas Galápagos, ainda sem imaginar que o estudo feito nas cinco semanas seguintes transformaria a história da ciência para sempre. Ensinada e disseminada para além das salas de aula, a teoria da evolução por seleção natural levaria outros curiosos, como eu, a observar de perto os detalhes que o explorador inglês descreveu em seu livro homônimo. Uma vez em Galápagos, é impossível não se perder na imaginação, revisitando citações de seus livros no próprio laboratório que o inspirou. Mais difícil ainda é acalmar os pensamentos que tentam compreender a grandiosidade das eras profundas a que pertencem muitos dos fenômenos dali – sejam eles formações geológicas ou comportamentos do ecossistema.

Cientista por paixão e vocação, Darwin navegou por cinco anos ao redor do mundo, mas foi a partir de suas coletas, percepções e descobertas no arquipélago equatoriano que a sua pesquisa sobre os “mistérios dos mistérios” se intensificou. A teoria sobre a origem da vida, talvez o maior questionamento da humanidade, foi desenvolvida com base em outras teorias e na profunda originalidade de Darwin de enxergar a Terra e as suas criaturas como seres vivos em transformação, com uma história mais antiga do que se pensava na época.

De tão preservado que é Galápagos, ainda é possível fazer uma jornada quase como se voltássemos ao tempo de Darwin, com a chance de percorrer suas águas pacíficas e pisar em seus solos vulcânicos, convivendo com uma variedade e quantidade impressionante de animais que (ainda) não aprenderam a temer a espécie humana. Existe algo

Ao lado, a Baía James, na Ilha de Santiago e caminhada na Ilha de Chineze Hat. Na página ao lado, caranguejos aratus-vermelhos vivem sobre a lava

FOTOS DYLAN ROYAL





de mágico em se deparar com lugares ou pessoas que conhecemos apenas por imagens. E a viagem toda seguiu uma sequência de encantamentos.

EVOLUINDO EM GALÁPAGOS

Isoladas no meio do Oceano Pacífico, a cerca de mil quilômetros da costa equatoriana, as Ilhas Galápagos flutuam entre os hemisférios, bem sobre a Linha do Equador. São 13 ilhas principais, seis menores e mais de uma centena de ilhotas e rochedos vulcânicos, espalhados por 45 mil quilômetros quadrados de mar aberto. Formadas por intensas erupções vulcânicas, suas terras emergiram do fundo do oceano há milhões de anos, moldadas pela atividade geotérmica e pela incessante movimentação das placas tectônicas, criando um ecossistema espantosamente grandioso, mas recheado de características sutis.

Embarco no novíssimo *&Beyond Galapagos Explorer*, a minha casa flutuante nos sete dias seguintes, para desbravar o oeste selvagem das ilhas. Com 124 pés de extensão, o barco abriga apenas seis charmosas cabines, uma jacuzzi com vista para o horizonte, refeições criativas, que celebram os sabores locais, uma equipe acolhedora e um guia naturalista, pronto para desvendar os mistérios do arquipélago: uma experiência intimista que combina perfeitamente com o destino. A decoração foi desenvolvida pela designer local Adriana Hoyos, que trouxe o universo de Galápagos, como os animais e as desco-

Acima, vista sobre a ilha vulcânica de Bartolomé, um dos destaques no roteiro por Galápagos



Acima, flamingos-rosa se alimentam em um lago e leões-marinhos se aventuram pelo mar limpo



Isolada no meio do Oceano Pacífico, sobre a linha do Equador, Galápagos compreende 13 ilhas principais e seis menores, além de ilhotas e rochedos

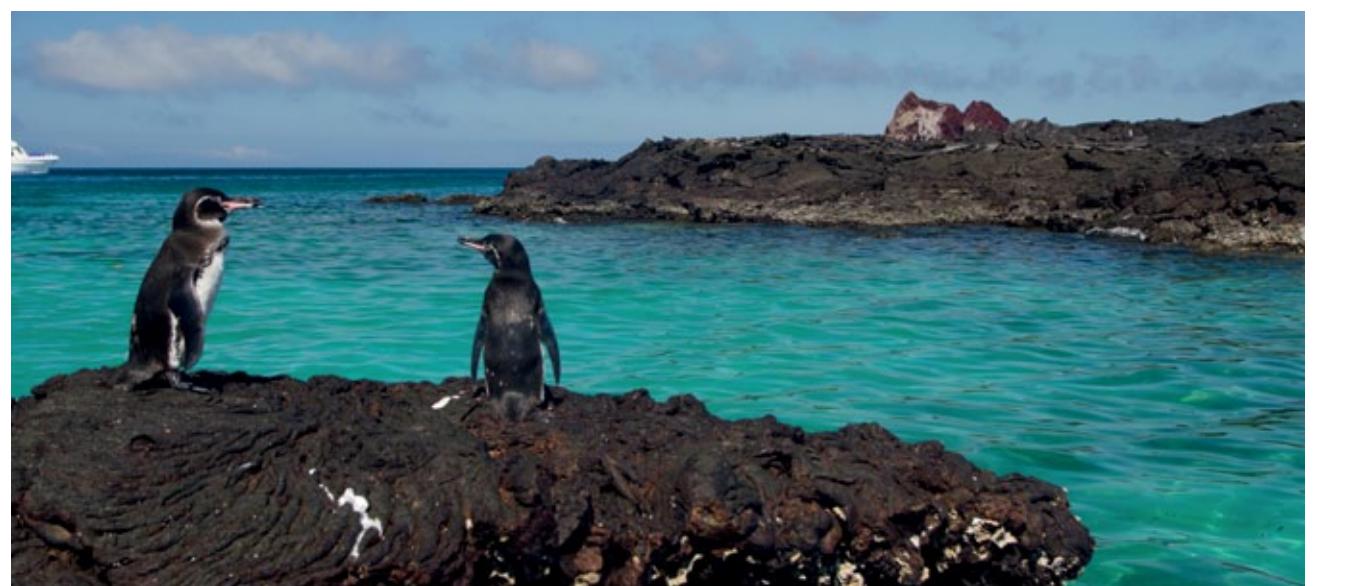
bertas de Darwin, para as paredes. Minha parte favorita do dia era despertar com a persiana da janela aberta e enxergar um novo cenário a cada manhã.

A experiência a bordo do *&Beyond Galapagos Explorer* é semelhante à de um safári, mas no mar. As atividades se dividem entre caminhadas contemplativas em alguma das ilhas, exploração de costas e manguezais em um bote, tradicionalmente chamado de *panga*, e mergulhos com *snorkel* nas águas translúcidas, sempre em busca de criaturas – muitas vezes inéditas a nossos olhos leigos. Por tratar-se de um destino rigorosamente conservado, com o título de Parque Nacional desde 1959 e reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco em 1978, a rota do cruzeiro é predefinida e não pode ser alterada.

A cada descida do barco, uma espécie de estudo em campo começa. Enquanto a *panga* desliza sobre a água dos manguezais, considerados berçários naturais, flagro filhotes de tubarões, tartarugas, raias e pinguins. Já em terra firme, as ilhas revelam cenários distintos, moldados pela idade de sua última erupção vulcânica: as mais recentes exibem tons escuros e vegetação escassa, as mais antigas são cobertas de verde e as avermelhadas indicam altas concentrações de ferro. Enquanto caminho, vejo iguanas-marinhais nadando no mar, iguanas-terrestres se movendo em câmera lenta, flamingos-rosa se alimentando em lagos resilientes e patolas-de-pés-azuis equilibrados em reluzentes patas azuladas. Enquanto isso, meus pensamentos tentam acompanhar o horizonte e absorver cada informação nova. Imagino erupções, crio destruições ocasionadas por vulcões e remonto os ancestrais dos animais. Mais do que me deparar com um universo que estudei tanto, sentir-me parte desse ecossistema aguça meus sentidos e estimula a criatividade.



Ao lado, pinguins sobre rocha vulcânica e, abaixo, leões-marinhos reposam na areia. Na página ao lado, em sentido horário, um cormorão, uma tartaruga gigante, iguanas e Carolina junto aos leões-marinhos: a fauna em Galápagos é rica e diversa



UM SONHO POSSÍVEL

Darwin e outros pesquisadores, inclusive, precisaram criar hipóteses – à primeira vista surreais – para tentar imaginar os caminhos que as espécies percorreram até chegar às ilhas vulcânicas. David, o guia naturalista do barco, me explica que a mistura de correntes marítimas e vento, somada ao fértil solo vulcânico e às águas mais quentes da costa, foi a responsável por trazer os ancestrais até Galápagos. As teorias deduzem que iguanas e tartarugas, resistentes à desidratação, foram transportadas por troncos, que os pinguins encontraram uma corrente partindo da Antártica, que as aranhas lançaram fios de seda ao vento e voaram como um balão e que insetos pegaram carona em penas de aves.

O fundo do mar é um ambiente hipnotizante. A cada pulo no oceano, minha consciência se expandia, fazendo crescer em mim a noção de que todos os animais são essenciais à natureza. O ecossistema de Galápagos é tão sintonizado que, em um mesmo mer-

gulho, é possível cruzar com um tubarão-de-pontas-brancas-de-recife, acompanhar uma tartaruga marinha, flutuar com uma raia, interagir com cardumes de peixes, flagrar um cormorão caçando e brincar com os leões-marinhos. Esses últimos estão por toda parte, cheios de audácia e curiosidade sobre a espécie invasora – no caso, eu, humana.

O arquipélago foi batizado de Galápagos em referência a um dos animais endêmicos mais fascinantes: as tartarugas gigantes. Com origem espanhola, a palavra significa “tartaruga com carapaça de sela”, como as encontradas na cidade encantada de Puerto Ayora, na Ilha de Santa Cruz. Entre os séculos XVII e XIX, esses animais foram caçados para sustento por piratas, baleeiros, exploradores e colonizadores. Desde os anos 1960, o Centro de Pesquisa Charles Darwin se esforça para aumentar sua população nas ilhas, enquanto a Reserva El Chato, na parte montanhosa, abriga inúmeras delas. Nessa última, tive o privilégio de chegar bem perto desses

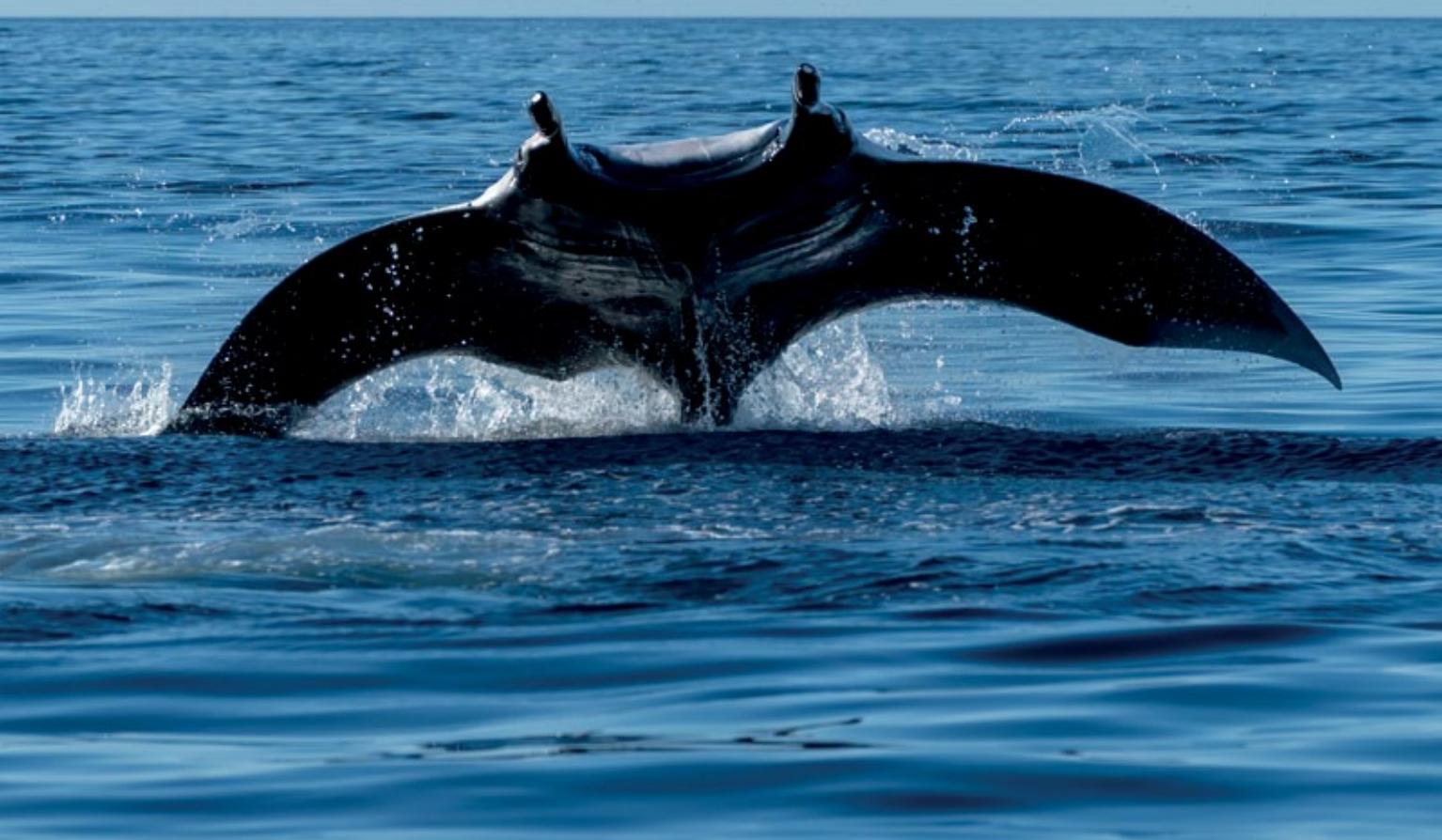


seres, espantada ao perceber seu tamanho incomum, de até 250 kg.

Meus momentos mais emocionantes, curiosamente, não incluíram a mesma espécie. O primeiro, em um dos passeios com a *panga*, dezenas de raias douradas e pintadas nadavam próximas à superfície, coreografando uma dança, vivendo em paz naquele ambiente sereno. O segundo, na última trilha da viagem, caminhando próximo a um precipício, eu e meus companheiros de viagem percebemos duas movimentações volumosas no mar. David avisa: são raias-mantas. Como nada nessa vida é por acaso, um deles pergunta se elas pulam. E eu juro, por Charles e todos que vieram antes dele, que uma delas saltou no segundo seguinte em que a pergunta foi feita. Para confirmar que a natureza tem mesmo seus paralelos secretos.

No último jantar, David agradece a visita e por termos ajudado a preservar esse santuário para as futuras gerações. Quem agradece a ele sou eu por ter enriquecido nossa jornada com tanto aprendizado. Galápagos é um dos poucos lugares no mundo onde ainda podemos viver a vida como ela provavelmente sempre foi: abundante, diversa e em movimento. Imergir em sua natureza tem o poder de nos tirar do centro do mundo e nos coloca no mesmo lugar de todas as espécies – de onde nunca deveríamos ter saído. Por fim, David confirma, talvez, o que Darwin não teve tempo de deduzir: que o verdadeiro motor da evolução humana não é a capacidade de pensar, mas a de compartilhar o conhecimento. 

A preservação da natureza de Galápagos permite o contato e a observação de animais e paisagens raras ao convívio humano



FOTOS DYLAN ROYAL

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

Ao lado, o novíssimo *&Beyond Galapagos Explorer* e uma das cabines do barco. Na página ao lado, o salto de uma raias-manta no oceano



Dias mágicos em Londres

Marina Lima e suas doces lembranças de um início de verão ensolarado, musical e emotivo pela capital inglesa

POR MARINA LIMA ILUSTRAÇÃO JEFF AVELINO

Londres é uma cidade vibrante, repleta de arte e cultura. Talvez a minha preferida no mundo. Dessa vez, cheguei numa semana ensolarada, no mês de junho. Coincidiu de um grande amigo diplomata, Antônio Patriota, estar servindo como embaixador lá. Então ficamos, Lídice e eu, hospedadas na residência da embaixada brasileira.

A área onde fica a embaixada se chama Mayfair, no bairro de Westminster. Tive a sorte de pegar seis dias sem chuva, muito agradáveis para caminhar e buscar os locais aos quais me interessava ir: Tate Modern, Serpentine Gallery, Hyde Park, a casa de Sigmund Freud, Portobello Road, Covent Garden, os estúdios da Abbey Road... Queria curtir a cidade que tanto amo e também encontrar coisas específicas que só se acham em Londres.

Chegamos à tarde, já tendo um jantar programado pelo Antônio com amigos que não via havia tempo, como Lilian Pacce e Roberto Jaguaribe. Isso nos trouxe lembranças de infância, principalmente a Antônio, Roberto e a mim. No terraço, para o *nightcap*, senti que a viagem seria especial.

Começamos nossa primeira manhã visitando o Tate Modern, um museu de arte contemporânea dos mais importantes do mundo. Situado às margens do Rio Tâmisa, ele abriga permanentemente obras de Picasso, Rothko, Dalí e outros monstros consagrados. Mas eu estava atrás mesmo era da exposição *Music of the Mind*, da artista plástica Yoko Ono. Foi fundamental, para uma amante dos Beatles como eu, constatar como Yoko esteve sempre à frente de seu tempo. Uma arte questionadora, participativa, com pensamentos libertários que provocam ainda hoje o *status quo*. Não foi à toa que um gênio (John Lennon) se apaixonou e mudou sua vida e arte por ela. Saímos de lá alimentadas mas famintas! Depois de um breve almoço num restaurante português, pegamos um táxi de volta a Mayfair.

Marquei com a Lilian de irmos à primeira loja da Vivienne Westwood pela manhã. Eu queria muito retornar a ela. Feita a visita, pegamos um ônibus para Portobello Road, em Notting Hill. É lá que a gente vê as casas tipicamente inglesas, de construção igual, mas com cores alegres e diferentes. O caminho nos levou por feirinhas ao ar livre, ruas ro-

deadas de brechós, lojas de artesanato, joias e roupas. Coisas que só vemos em Londres.

O dia seguinte talvez tenha sido o mais emocionante para mim. Minha vida sempre foi pautada por música, poesia... e muita psicanálise. Primeiro, fomos conhecer a casa de Sigmund Freud. Ela fica no bairro de Hampstead, onde Freud passou os seus últimos dez anos de vida, fugindo do nazismo. O local ainda preserva vários pertences dele: o famoso divã de análise, uma coleção de arte egípcia (ele era fanático pelo Egito mesmo sem nunca ter ido ao país!), seus móveis. Foi muito emocionante.

De lá, seguimos – Antônio, Lídice e eu – rumo a Abbey Road. Mal pude acreditar que estava pisando naquela rua! Tirei a famosa foto atravessando a faixa de pedestres (a capa do disco *Abbey Road*), visitei a loja dos estúdios atrás de lembranças bacanas que pudessem matar minha saudade dos “quatro cavaleiros do apocalipse”. Uma alegria só. Para fechar com chave de ouro, passamos em frente à casa em que vive Paul McCartney. Fotos no portão, claro... Rsrs

Últimos dia e meta: aproveitar o tempo bom e caminhar pelo Hyde Park. Passamos pela Serpentine Gallery, que fica dentro dele. Vi duas exposições: *Revelations*, da norte-americana Judy Chicago, e na outra ala *Suspended States*, do inglês Yinka Shonibare. Ambas potentes e bonitas.

De lá, fomos para o Covent Garden, passear e fazer compras. Pegamos o metrô. Aliás, o que é esse metrô? Só os ingleses para construir um meio de transporte dessa dimensão, praticamente uma cidade subterrânea! E ainda no ano de 1863! Desemos em Covent Garden e fomos andar por aquelas bandas. Queria olhar maquiagens, uma loja da Apple, procurar lembranças para os amigos e tomar um sorvete que só a Venchi tem. Foi tudo uma delícia. De lá, voltamos para casa.

Passei a nossa última tardinha em Londres, novamente no terraço delicioso da residência da embaixada, com pessoas muito queridas e apreciando o anoitecer. Essa foi com certeza uma das melhores viagens que fiz na vida. ♡



Inspiradores

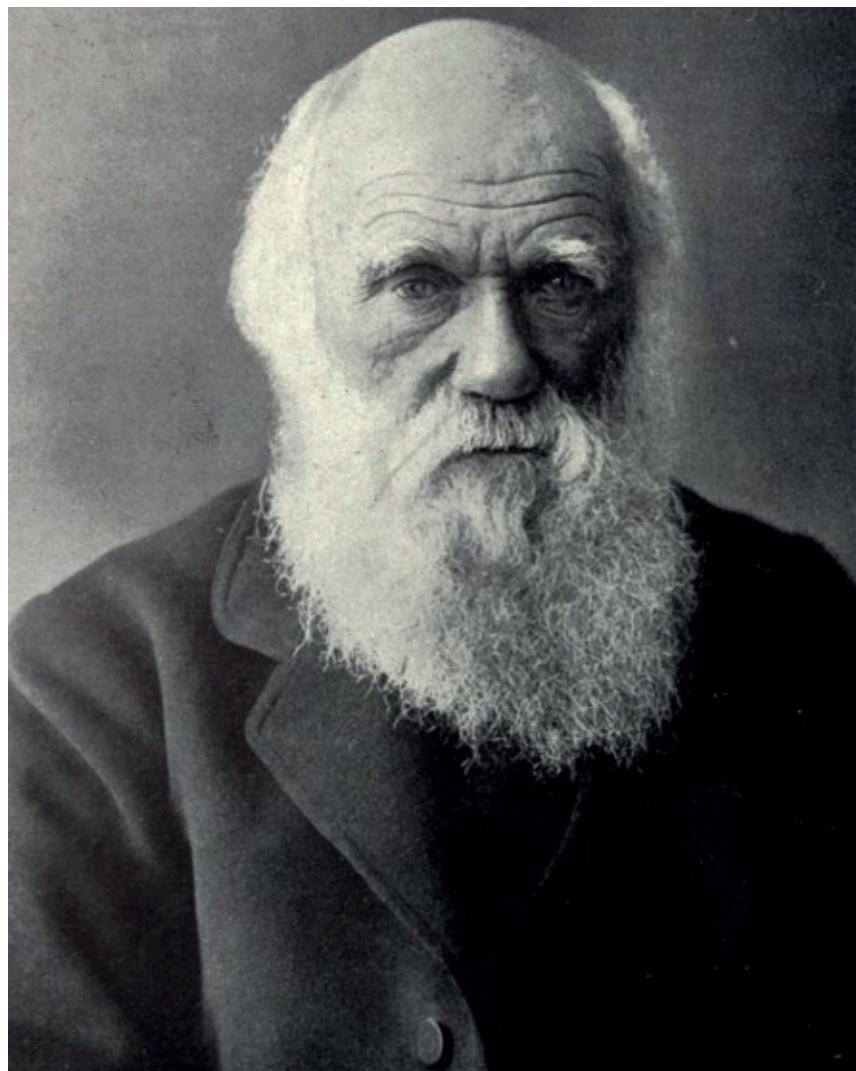


FOTO: ARENA/ALAMY

CHARLES DARWIN (1809-1882)

Um explorador nato, Charles Darwin se viu intrigado com os mistérios da vida ainda na infância. O inglês, nascido em Shrewsbury, coletava plantas e insetos para analisar e mantinha sua curiosidade acirrada pela origem de tudo que estudava. Achou que encontraria as respostas na medicina, mas desistiu do curso depois de algum tempo. Mais tarde, aventureu-se pelo campo da taxidermia, até que resolveu cursar teologia em Cambridge. Sem pressa de ser ordenado religioso, aos 22 anos aceitou com alegria o convite para ingressar em uma longa expedição a bordo do *HMS Beagle* com a função de naturalista. Se algumas viagens servem para transformar uma pessoa, a viagem de Darwin acabou por transformar a história da ciência ocidental.

Durante os quase cinco anos de viagem ao redor do mundo, Darwin observou, registrou e coletou uma imensidão de dados sobre a fauna, a flora e as formações geológicas dos lugares por onde passou. Do calor úmido das florestas tropicais do Brasil às ilhas vulcânicas de Galápagos, cada paisagem oferecia pistas sobre os mecanismos da vida. Foi especialmente em Galápagos que ele notou variações sutis entre espécies semelhantes de animais, como os tentilhões, cujos bicos diferiam conforme o tipo de alimento disponível em cada ilha.

Essas observações foram as sementes de sua teoria da evolução por seleção natural – uma ideia revolucionária, que desafiava as crenças fixistas da época. Darwin compreendeu que as espécies não eram imutáveis, mas moldadas ao longo de gerações pelas pressões do ambiente. Em 1859, ele publicou *A Origem das Espécies*, obra que não apenas transformou a biologia, mas também a forma como a humanidade se vê no mundo.

Mais do que um teórico, Darwin foi um homem profundamente conectado à natureza. Seu trabalho, guiado pela paciência, pela observação e pelo respeito à vida em todas as suas formas, permanece como um legado de descoberta e humildade diante da complexidade do planeta. Sua viagem não foi apenas pelos mares do mundo, mas rumo ao entendimento profundo da própria vida. ♦



VICTORINOX



AIROX HARDSIDE
A MAIS MODERNA EM FORÇA
E LEVEZA

A coleção perfeita para transformar cada viagem em uma experiência única.
FROM THE MAKERS OF THE ORIGINAL SWISS ARMY KNIFE™
ESTABLISHED 1884



* Coleção Montblanc Extreme 3.0



Montblanc Extreme 3.0 Collection*

MONTBLANC